

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Daniela Galvão Vidoto

"Paisagens de Cananéia: Pintura, Memória e Ambiente"

São Paulo

2022

DANIELA GALVÃO VIDOTO

"Paisagens de Cananéia: Pintura, Memória e Ambiente"

Versão Corrigida

Tese apresentada ao Instituto de
Psicologia para obtenção do Título de
Doutora em Psicologia

Área de Concentração: Psicologia Social

Orientador: Prof. Dr. Arley Andriolo

São Paulo

2022

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

VIDOTO, DANIELA GALVÃO

Paisagens de Cananéia: Pintura, Memória e Ambiente / DANIELA GALVÃO
VIDOTO; orientador ARLEY ANDRIOLO. -- São Paulo, 2022.
158 f.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social) -- Instituto
de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2022.

1. Experiência Estética. 2. Artes. 3. Cotidiano. 4. Memória. 5. Paisagens. I.
ANDRIOLO, ARLEY, orient. II. Título.

VIDOTO, D.G. Paisagens de Cananéia: Pintura, Memória e Ambiente. Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia –para obtenção do título de Doutora em Psicologia (Área de Concentração: Psicologia Social)

Tese aprovada em 22 de setembro de 2022

Banca Examinadora:

Prof. Dr: Arley Andriolo

Instituição: Universidade de São Paulo – SP

Julgamento: _____

Prof. Dr: Bernardo Parodi Svartman

Instituição: Universidade de São Paulo –SP

Julgamento: _____

Prof. Dra.: Célia Maria Toledo Serrano

Instituição: Crescente Fértil – Projetos Ambientais, Culturais e de Comunicação.

Julgamento: _____

Prof. Dra.: Cérise Alvarenga

Instituição: Centro Universitário UNA(BH) – BRASIL EDUCAÇÃO S.A.

Julgamento: _____

Prof. Dra.: Adriana Teixeira de Lima

Instituição: Universidade Paulista – UNIP

Julgamento: _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida, pelas idas e vindas e pela força!

Agradeço a minha família, ao meu pai (em memória), Gumercindo Vidoto, pelos valores, pelo incentivo e amor. À minha mãe, Vera Regina Galvão Vidoto, por me ensinar sobre paciência, sabedoria e a persistência em tempos difíceis, celebro sua vida neste momento.

Agradeço ao meu orientador, Arley Andriolo, que me incentivou a este trabalho com toda confiança, paciência e tranquilidade. Em momentos decisivos me auxiliou com toda sensibilidade, coerência e amigabilidade.

Agradeço a rede de apoio da Etec de Registro, em especial, o Diretor Mauro Adinolfi pelo apoio incondicional nas minhas horas de pesquisa e por abrir as portas da Etec para continuar trabalhando e estudando.

Agradeço a Coordenadora dos Regionais Ugaf, minha amiga Gisele Bizon, pelo apoio e pela amizade em todos os momentos, desde o período da escrita quanto na defesa, sempre esteve me apoiando.

Agradeço a Professora Edevana Vantropa que com muito carinho fez os apontamentos na escrita. Ao Rafael Lima pelos apontamentos na formatação.

Agradeço ao grupo de artistas, a rede de pessoas que conheci, convivi e que se tornaram meus amigos:

Aos artistas Neyton e Gustavo por me apresentarem o mundo mais sensível, mais criativo, com alegrias e perfeições.

A Maria Aparecida Rangel, pelos ensinamentos e pela sensibilidade que vive e respira.

As pessoas de Cananéia: Erika Guimarães, Erica Xavier, Márcia Moreira, Evaldo Gabriel, Rose Almeida, Durvalina e Fátima, pelas trocas, pelas conversas e pelas artes.

Na trajetória da pesquisa, meus agradecimentos a Nereide S, André e toda família pelo acolhimento e pela amizade! A minha amiga Érika Sumooyama que me acompanhou nas idas aos Centro Histórico de Cananéia.

A minha amiga, Simone Dias Caetano por todo apoio e pela amizade!

Ao meu amigo, Rogério Brotas Barros Filho, pelas andanças a natureza, pelas conversas e encontros de pesquisa!

Ao meu amigo de Fabio Nakajima, pelo abrigo e pela amizade!

Agradeço a banca examinadora: a querida Célia Serrano, a professora que me acompanhou nos estudos desde a graduação, que despertou a vontade de estudar, de seguir e por sempre me fazer pensar e refletir. A Adriana pela amizade, pelo incentivo e direcionamentos importantes. A Professora Cérise pelos apontamentos acolhedores e sensíveis para com o texto e comigo. Ao Professor Bernardo pelas considerações preciosas e conhecimentos que direcionaram minha escrita e olhar sobre as memórias. Ao Professor Gustavo Massola pelas contribuições na Banca de Qualificação e pelas ricas abordagens de sempre.

Aos/As amigos/amigas do LAPA pelas alegrias, pelas conversas e pelos compartilhamentos. A Priscila pelas horas de conversas e pelos desafios enfrentados e superados no decorrer

destes anos. Ao Gustavo pelas conversas, pelos encontros/café, pelas discussões e abordagens de pesquisa.

Agradeço a equipe da Secretaria e da Coordenação do Instituto pelo acolhimento e pelo atendimento a nós, alunos.

Aos companheiros do Projeto de Pré-Iniciação Científica, professores, amigos e colegas: Alessandra Mastronique, Elisandra Amendola, Vinicius Matera, Adalberto Costa, Rogério Harou Watanabe, Paloma dos Santos, Eunice de Lima Couto e João Batista. Aos Professores USP: Alessandro dos Santos, Luís Galeão, Bernardo Svartman e Gustavo Massola, parceiros de trabalho junto aos alunos (as) das Etecs do Vale do Ribeira.

Aos (as) alunos (as) especiais do grupo de Artes: Gian Gonçalves, Adriana Ribeiro, Amanda Prado, Alan, Alexandre Veiga, Antony, Letícia Lima, Pamela e Cláudia (em memória), Regiane e Patrícia Enik, cada um com sua personalidade, percepção e envolvimento com o trabalho. Por nossos aprendizados no campo das artes, do turismo e da vida no Vale do Ribeira. Aos alunos dos outros subprojetos: Meus Agradecimentos pela convivência, pelo aprendizado e pela trajetória.

“Pintando-se, desenha-se”
Merleau-Ponty – A dúvida de Cezanné

RESUMO

VIDOTO, D.G. **Paisagens de Cananéia: Pintura, Memória e Ambiente.** 2022. Tese (Doutorado em Psicologia – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022).

Esta tese teve como tema as experiências das artes e das paisagens no município de Cananéia. Com objetivo de identificar as práticas artísticas, bem como experienciá-las com o grupo de artistas e de pessoas. Com base no conceito de estética de Berleant (2010) que se desdobra para a experiência sensível no cotidiano, dentro da metodologia da abordagem etnográfica foi possível compartilhar as narrativas e as memórias dentro do espaço do ateliê e as caminhadas pelo Centro Histórico e por algumas comunidades que fazem parte de Cananéia, dentre elas, a comunidade da Nova Enseada, do bairro do Ariri e da comunidade do Ararapira. Neste espaços e tempos, a partir dos fenômenos observados, da interação com as pessoas e da participação em eventos, emergiram histórias, memórias, resgate histórico e cultural de Cananéia, que transcenderam os espaços privados e com o engajamento social, houve ações comunitárias no ambiente das artes. Destaca-se, ainda, que as narrativas dos entrevistados e a experiência de aprendiz de pintura levaram às viagens pela natureza resultaram em um quadro de artes, histórias, memórias e paisagens no ambiente do município de Cananéia.

Palavras-chaves: experiências, cotidiano, estética, arte, memória e paisagens.

ABSTRACT

VIDOTO, D. G. **Cananea Landscape: Painting, Memory and Environment**. 2022. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

The aim of this thesis is to approach how art and the landscapes in the city of Cananéia are connected. Moreover, the main goal is to identify artistic practices and experience them along with a group of artists and local people. Based on Berleant's aesthetics theory (2010) and the methodology of the ethnographic approach, which applies to what the refined experience in everyday life is, it was possible to share narratives and memories by visiting the studio and walking through the historical city center. Places such as Nova Enseada, the neighborhood of Ariri and the community of Ararapira, which are part of Cananéia, were also visited. Aspects, such as interaction with people and participation in events, generated memories, stories and the cultural rescue of Cananéia, which surpassed private spaces. There were community actions in the art environment through community engagement. It is also remarkable to mention that the interviewees' narratives and the painting apprentice experience led to a framework of art, stories, memories and landscape in the environment of the city of Cananéia.

Keywords: experiences, everyday life, aesthetics, art, memory and landscape.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Vale do Ribeira - Comunidades do Projeto de Pré-IC	15
Figura 2 - Posição Geográfica e Territorial.....	34
Figura 3 - Porto Cubatão - divisas entre as águas	36
<i>Figura 4 - Centro Histórico e arredores.....</i>	<i>43</i>
<i>Figura 5 - Crianças e Adultos na Praça da Matriz.....</i>	<i>45</i>
Figura 6 - Apresentação de teatro.....	46
Figura 7 - Músicos se apresentando	46
Figura 8 - Performance no andaime.....	47
Figura 9 - Apresentação de Jongo na Praça.....	48
Figura 10 - Festival de Fandango em Cananéia, 2018.....	50
Figura 11 - Dança de Fandango, 2019	51
Figura 12 - Imagem de Cananéia vista da Ilha Comprida	52
Figura 13 - Barcos Pesqueiros.....	52
Figura 14 - Visitantes na Casa Caiçara.....	53
Figura 15 - Figura 15- Moinho e Forno	54
Figura 16 - Pilão	54
Figura 17 - Tecido colorido, homem e bicicleta	57
Figura 18 - Rua Pedro Albus - Pessoas e Rua de Paralelepípedo.....	59
Figura 19 - Rua do Artesão.....	59
Figura 20 - Rabecas do Sr. Amir.....	60
Figura 21 - Busto Teodolinda.....	61
Figura 22 - Pintura na Parede.....	62
Figura 23 - Empório Dell'Arte	65
Figura 24 - Ambiente de Pintura	66
Figura 25 - Prateleiras com esculturas, livros e outros objetos	66
Figura 26 - Imagem Nossa Senhora dos Navegantes.....	67
Figura 27 - Réplica dos Primeiros desenhos - Igreja de Cananéia e de Iguape.....	68
Figura 28 - Ambiente do Ateliê.....	69
Figura 29 - Ambiente Aula de Pintura	70
Figura 30 - Tons da vegetação e folhas das árvores.....	73
Figura 31 - Rua Tristão Lobo	75
Figura 32 - Rua de Areia.....	76
Figura 33 - Percurso entre Cananéia e Paranaguá.....	78
Figura 34 - Igreja São José - Ararapira	79
Figura 35 - Localização de Juruvaúva	79
Figura 36 - Costa Litorânea - SP-PR	81
Figura 37 - Mesa de trabalho	87
Figura 38 - São João Batista - pintado em tecido.....	88
Figura 39 - São João Batista - em gesso	89
Figura 40 - Pintura da Escultura	89
Figura 41 - Escultura de São João Batista	90
Figura 42 - Pomba do Divino Espírito Santo	91
Figura 43 - Ornamento da Bandeira do Divino	93
Figura 44 - Procissão do Divino em Cananéia, 2019	93
Figura 45 - Confecção do Tapete de Corpus Christi, 2019	94
Figura 46 - Início do Tapete.....	95
Figura 47 - Tapete Confeccionado pelo Grupo de Louvor.....	96

Figura 48 - Tapete Confeccionado pela Pastoral do Dízimo	96
Figura 49 - Diversidade de Materiais na composição do Tapete	97
Figura 50 - Praça da Tiduca em reforma, 2019	97
Figura 51 - Tapete Feito de Fuxico	98
Figura 52 - Ambiente do Sarau, 2018	100
Figura 53 - Viola Caiçara, Sarau 2018	101
Figura 54 - Rabecas e demais objetos.....	102
Figura 55 - Desenho da Paisagem de Cananéia.....	109
Figura 56 - Avenida Beira Mar	110
Figura 57 - Transportes	110
Figura 58 - Roupas Confeccionadas pela MAE.....	124
Figura 59 - Artesanatos Confeccionados pela MAE	125
Figura 60 - Localização da Estrada Cananéia - Pariqueira-Açu.....	126
Figura 61 - Águas da Estrada do Ariri	128
Figura 62 - Flor Rosa da Bananeira	129
Figura 63 - Ruínas da Antiga Construção	129
Figura 64 - Vista da Janela - Samambaias	130
Figura 65 - Trilha do Telégrafo - Caminho para Guaraqueçaba/ PR	131
Figura 66 - Árvores na Paisagem Aberta	132
Figura 67 - Flores na Chegada do Ariri	133
Figura 68 - Vista do Restaurante	134
Figura 69 - Vista de Ararapira	138
Figura 70 - Igreja São José - Ararapira	140
Figura 71 - Máquina de Costura	144
Figura 72 - Espelho d'água.....	146
Figura 73 - Detalhes da Igreja São José	147

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Dados de Cananéia	33
Tabela 2 - UC - Proteção Integral	34
Tabela 3 - UC - Uso Sustentável.....	35

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1. Apontamentos teóricos	18
1.2. Abordagem metodológica e percurso de pesquisa	23
1.2.1. Caminhadas por Cananéia	25
1.2.2. O encontro com o Ateliê Empório Dell'Arte e seus desdobramentos	27
2. APRESENTAÇÃO DO CAMPO DE ESTUDO	31
2.1. Características Ambientais	32
2.2. Aspectos socioeconômicos	36
2.3. Aspectos Socioculturais	38
3. CANANÉIA E SUAS ARTES	40
3.1. Andanças pelo Centro Histórico	43
3.2. Tempos e Espaços da Cidade	57
4. NARRATIVAS E IMAGENS	65
4.1. Empório Dell'Arte	65
4.1.1. O Ambiente	65
4.1.2. Narrativas de Imagens	75
4.1.3. Igreja de Ararapira	78
4.1.4. Cananéia em fotografias e pinturas	83
4.1.5. Confeção da escultura em gesso de São João Batista	86
4.1.6. As Festas: O Divino e Corpus Christi	92
4.1.7. Os Saraus no Empório Dell'Arte – encontro das histórias	100
5. PERCURSO PAISAGÍSTICO	112
5.1. Paisagem e Ambiente	114
5.1.1. Nova Enseada: história e paisagem	120
5.1.2. Visita ao Ariri	126
5.1.3. Do Ariri à Nova Enseada	136
5.1.4. Visita a Ararapira	140
6. CONCLUSÃO	149
REFERÊNCIAS	153
SÚMULA DOS PARTICIPANTES	157

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta-se como um recorte da experiência desta pesquisadora envolvida entre as paisagens, as imagens e as memórias de Cananéia.

Esta paisagem que vive as legislações ambientais desde a década de 60 com as criações dos Parques Estaduais, proposta a partir de um modelo norte americano de Unidade de Conservação, as quais não permitiam que pessoas pudessem habitar as áreas delimitadas, tampouco, a exploração de recursos da natureza para fins comerciais, especialmente de larga escala.

Inserida nesta paisagem natural do bioma da Mata Atlântica, pode-se observar as matas, morros, rios, “serras”, casas de diferentes formas e lugares, rodovias pavimentadas, estradas de terras, caminhos, trilhas e ruas, bem como, espaços com vegetação primária, outras secundárias, bananais extensos, pastagens de búfalos e gados.

Neste ambiente em que a paisagem apresenta a conjugação entre o natural e o cultural, Cananéia foi o lugar dos estudos das artes e das paisagens.

Este trabalho pode ser apresentado como um quadro ou um fragmento desses temas que foram estudados, debatidos e salientados por esta pesquisadora nem tão estrangeira, nem tão local.

Dessas reflexões, especialmente com os alunos em sala de aula, em visitas técnicas, em pesquisas de campo, com técnicas de observação e entrevista, fez com que os olhares não fossem somente de uma turista ou de uma pesquisadora, mas sim de alguém que fala de um determinado lugar, que ouve e trata histórias e memórias junto a estudantes de diferentes faixas etárias. Assim, a pesquisadora fala de um lugar ou de um espaço que utilizou-se das táticas de Certeau (2008) para viver, lutar e vivenciar.

Dentro deste contexto, com nove anos de docência, olhares de viajante e de turista percorreram o cotidiano do Vale do Ribeira, entre a integração com pessoas de diversas classes sociais e culturas, a alteridade com o outro, culminando em resultados positivos sobre autonomia e sensibilidade no mundo que se revelava.

Assim, este estudo aborda as experiências das artes¹ e das paisagens, que levaram aos desdobramentos da memória e das paisagens no município de Cananéia, região do Vale do Ribeira – SP. Um retrato ou uma pintura de encontros de pessoas engajadas pela sensibilidade das artes e da apreciação da paisagem, sob o olhar de moradores e da condição da experiência de quinze anos como moradora.

A pesquisa composta por pessoas e encontros com esta pesquisadora, as memórias, as histórias e as maneiras de fazer e viver no Vale do Ribeira tecem a vida desses moradores e do conjunto de inter-relações trazidas a público, em distintos tempos e ocasiões delimitadas nos espaços. Há neste estudo contribuições de pessoas “comuns” e de artistas que de uma forma ou de outra pintam, caminham e intensificaram a experiência sensorial e a experiência de significados com este mundo, tanto nas apropriações dos ambientes como no centro histórico e urbano da Ilha de Cananéia, quanto nas maneiras de fazer arte em aulas de pinturas em tela, compartilhadas no ateliê de dois artistas e na imersão de espaços naturais e comunidades tradicionais.

Na busca pelas interlocuções de espaços no município de Cananéia, esta pesquisadora iniciou a pesquisa e o estudo dos fenômenos das artes.

Em setembro de 2011, como professora junto ao Curso técnico em Turismo Receptivo, foi possível atuar como supervisora do subprojeto “Pesquisa da arte em comunidades anfitriãs do turismo do Vale do Ribeira - SP: descrevendo práticas artísticas passadas e presentes”, ligadas ao “Projeto de Iniciação Científica: Descrição das Experiências de Turismo de Base Comunitária no Vale do Ribeira”, desenvolvido por uma parceria entre o Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza - ETEC e o Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – USP².

Como docente junto à ETEC, no contexto do turismo de base comunitária³, esta pesquisadora acompanhou semanalmente, entre 2011 e 2013, as atividades de

pesquisa de dois grupos de oito estudantes que tinham por objetivo identificar as artes produzidas nas seguintes comunidades da região: Comunidades caiçaras do

¹ Nesta pesquisa, arte é toda a manifestação sensível expressa em objetos, gestos e movimentos que promova experiência estética entre autores e espectadores, em um processo social de significados.

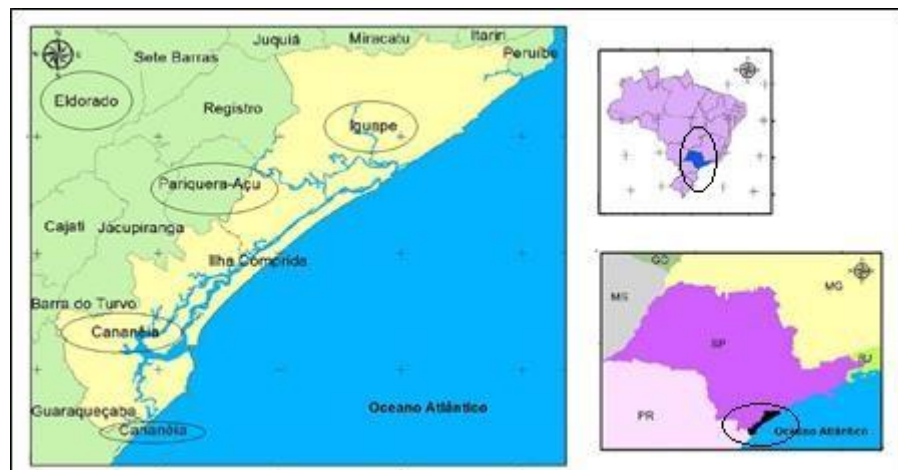
² Massola et al. (2013).

³ Esse modelo de turismo alternativo e comunitário tem como principais características a cooperação, a autogestão, a valorização da cultura local e a conservação da natureza. Coriolano (2006)

Marujá - Cananéia e da Barra do Ribeira - Iguape; Comunidade quilombola do Ivaporanduva - Eldorado; Aldeia Indígena Mbya-Pindoty - Pariquera-Açu (Figura 1).

No decorrer das atividades foi elaborado um quadro das artes em cada comunidade estudada, o qual abriu o leque das práticas artísticas realizadas na região; em seguida, foram selecionados artistas para serem entrevistados. Os dados resultantes desta investigação ligada ao Projeto em pauta⁴ não só deram visibilidade aos saberes populares, à cultura popular, produzidos pelas comunidades como ensejaram o desenvolvimento da presente Tese.

Figura 1 - Vale do Ribeira - Comunidades do Projeto de Pré-IC



Fonte: Dias e Oliveira (2015). Modificado pela pesquisadora.

O contato com as expressões artísticas da comunidade caiçara do Marujá – localizada no município de Cananéia, na Ilha do Cardoso chamaram a atenção quanto ao contexto das artes presentes na ilha abrigada por este Município.

Nestes termos, a presente investigação partiu da seguinte pergunta: As artes produzidas pela comunidade caiçara do Marujá, identificadas a partir da participação no projeto anteriormente descrito, fazem parte do cotidiano da cidade (ambiente urbano)? Em caso afirmativo: (1) Como as artes são expressas no Centro Histórico?

⁴ Vidoto; Amendola (2015); Svartman et. al. (2015).

(2) Como se relacionam as artes produzidas na cidade, com as artes das comunidades? (3) Como se dá a interação com as pessoas?

Para responder a estas questões, adotou-se uma abordagem etnográfica (SATO, 2009 e CLIFFORD, 2014), baseada na experiência estética e apreciação da paisagem na experiência sensível (ANDRIOLO, 2021). A partir da linha fenomenológica (MOREIRA, 2002) de investigação que, a partir de uma vivência prolongada em campo (de novembro de 2017 a fevereiro de 2020), possibilitou as experiências estéticas das artes, primeiramente, com observação das maneiras de fazer no cotidiano (CERTEAU, 2008) dos fenômenos artísticos estudados, bem como uma experiência estética do cotidiano na pintura (MANDOKI, 2013), a interação com a comunidade local, a apreciação das paisagens (BERLEANT, 2013), por meio de viagens às comunidades da Nova Enseada, do Ariri e de Ararapira, diante do olhar do viajante.

Desta forma, as experiências de viagens a priori faziam menção ao olhar de viajante, que buscava compreender e entender como a arte conjuga com os espaços e territórios e neste caminhar, observar e compartilhar, surge a posterior parte da pesquisa que é a caminhada, do ouvir, conversar, observar, participar dos eventos e registrar em um quadro maior as artes visíveis de Cananéia, especialmente, no Centro Histórico.

Partiu-se da ideia de que “fenomenologia é o estudo ou a ciência do fenômeno, sendo que seu sentido mais genérico, entende-se tudo que aparece, que se manifesta e que se revela por si.” (MOREIRA, 2002, p. 63)

Destarte, caminhar pelo espaço urbano representou as primeiras delimitações das artes, de forma atenta, considerando as práticas artísticas na interação com o mundo vivido. Para tanto, utilizou-se, algumas vezes de “câmera nas mãos” a fim de registrar espaços, apresentações, festas populares, artesanatos e pessoas. Descrevendo como as pessoas criam espaços para as maneiras de fazer, proporcionou a experiência estética (BERLEANT, 2013) das artes no cotidiano da cidade.

O percurso de pesquisa foi demarcado, a cada passo, pelos seguintes objetivos: (1) Identificação das artes no centro histórico e entorno de Cananéia; (2) Aproximação e interação junto aos grupos de artistas da cidade através da

participação da pesquisadora, como aprendiz de pintura em tela junto a um ateliê de artes localizado no centro histórico de Cananéia; (3) Experimentação estética da prática artística da pintura – o que levou à compreensão da interação entre as expressões manifestadas pelo patrimônio histórico, o ambiente (natureza) e a cidade. (4) Observação e interação das manifestações artísticas e suas implicações para a constituição e ao engajamento social da memória histórica das localidades supramencionadas. (5) Compreensão e entendimento de como as narrativas e artes conjugam com os espaços naturais.

Essa tese está disposta da seguinte forma: a seção 1, a seguir, apresenta o campo, as etapas e o percurso de pesquisa, a perspectiva epistemológica adotada, os métodos e técnicas utilizados para a coleta de dados e os sujeitos de pesquisa; a seção 2, “Apontamentos Teóricos”, discorre brevemente sobre o suporte teórico utilizado para a observação do campo de pesquisa e considerações acerca das concepções de paisagem e espaço.

A seção 3 , apresenta as artes de Cananéia presentes na parte continental, especialmente no centro histórico e arredores, percebidas por meio de caminhadas e participações em dias festivos da cidade; a seção 4, apresenta o ateliê Empório Dell’Arte, a participação da pesquisadora como aluna de pintura e os desdobramentos desta imersão em campo, culminou em visitas de observação à paisagem nas comunidades da Nova Enseada (Localizada na Ilha do Cardoso), Ariri e Ararapira.

1.1. Apontamentos teóricos

A epígrafe deste estudo trouxe o traçado da condução da fenomenologia, pintando-se, como sendo a experiência estética deste trabalho, o desenho, o significado dos traçados das artes e da paisagem no campo de Cananéia.

Os conceitos que permearam esta pesquisa se estabeleceram ao longo da pesquisa de campo, especialmente, com o filósofo contemporâneo, Arnold Berleant (2010) que trouxe ao campo da filosofia o repensar do conceito de estética, correlacionando suas definições ao longo da história, pois segundo ele, as configurações históricas e sociais estão sempre mudando, partindo dos conceitos ontológicos desde o século XVIII, a retomada do conceito de Alexander Gottlieb Baumgarten, que recuperou o conceito da estética da Grécia Antiga: como a ciência do conhecimento sensório. (ANDRIOLO, 2021, p. 110)

Berleant (1983) amplia o conceito de estética que a princípio era do domínio do campo das artes, para outras áreas, incluindo o Meio Ambiente, partindo da perspectiva da experiência estética, a qual ele menciona dois aspectos: a experiência sensória e a experiência dos significados, por meio do compartilhamento da sensibilidade.

A primeira considera os sentidos e a percepção com o mundo vivido, trazendo assim, a perspectiva fenomenológica, especialmente, com Merleau-Ponty (1999), por experimentar eu e o outro, dentro de um espaço e um tempo determinado que já era constituído na estética. A segunda pode-se considerar os significados, os valores que emergem da relação com o grupo de pessoas, bem como na relação com os objetos.

Na ampliação do conceito de estética para as outras áreas do conhecimento, Berleant (2010) questiona a estética a partir da pesquisa cartesiana e enfatiza a estética como:

“[...] sensibilidade de perceber o mundo não somente na concepção cartesiana, mas a percepção do todo, incluindo o mundo em seus aspectos culturais, sociais e políticos.” (BERLEANT, 2010, p. 48)

Para tanto, esta estética e a experiência estética derivam e fazem aporte com a experiência perceptiva, segundo o autor, não apenas como uma experiência direta,

mas como reconhecemos a clareza em cada experiência para acessar os valores que emergem da relação com o outro no mundo experienciado.

Destarte, Berleant (2010) conjuga a relação da experiência estética com base na fenomenologia:

“O método fenomenológico tem dupla utilidade aqui, não somente pelo rigor da exposição e suspensão de julgamentos, mas também pelo foco na experiência perceptual como o ponto originário da investigação”. (BERLEANT, 2010, p. 11)

Assim, a estética é a experiência sensível dentro de uma situação contextual em tempo e espaço determinado, abrangendo o campo das artes, bem como o campo dos objetos da vida cotidiana e dos ambientes construídos, naturais, urbanos, nos quais emergem os valores e as ideias do mundo vivido, com a suspensão de julgamentos.

Dentro desta perspectiva, a estética não se restringe aos objetos artísticos, mas também abriga os objetos cotidianos em uma experiência da situação e da relação com o outro, caracterizando a estética social de grupo de pessoas, comunidades e ambientes, trazendo os valores e a experiência sensória do compartilhamento do sensível.

Ao tratarmos do espaço/ tempo do cotidiano, Mandoki (2013) com base na concepção de estética de Berleant, nos situa na experiência estética do cotidiano, que para o campo das artes, denomina de poética, e no campo da experiência cotidiana, amplia para os objetos cotidianos, como prosaica.

Dentro dos espaços trabalhados, pode-se pensar na estética cotidiana (MANDOKI, 2013) a partir das descrições dos objetos e da sensibilidade experienciada ao manejar um pincel, ao selecionar cores e compor imagens que conversam com as narrativas do ateliê, por exemplo. Outro ponto foi perceber como as artes saem dos espaços privados e se integram aos espaços públicos. Nestes espaços, outros tipos de artes buscam compor as memórias de um município e de todo um meio ambiente.

Na esteira das situações cotidianas, das experiências dos ambientes e do engajamento com as pessoas no tempo cotidiano, tece-se as artes e as maneiras de

fazer do/no/com o cotidiano, a partir do autor Michel de Certeau (2002), que aborda a relação dos passantes, dos anônimos, do “homem ordinário” e do artista com a sensibilidade do mundo vivido no cotidiano.

“O cotidiano é aquilo que nos é dado a cada dia (ou que nos cabe em partilhar) [...] Todo dia pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição [...] É um mundo das memórias afetivas, memórias olfativas, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres [...]” (CERTEAU, 2013, p 31)

Neste tempo e espaço do cotidiano, experiencia-se o mundo que nos é dado, participa-se e compartilha-se de experiências sensíveis com o outro, conjugando com os diversos ambientes e consigo mesmo.

Algumas conversas e falas cotidianas compuseram este trabalho, constituindo informações que conduzem ao espaço-tempo do cotidiano estudado, uma vez que os inúmeros silêncios no território pesquisado ou vivido também as elaboram.

Dentro desta pesquisa, elenca-se duas perspectivas de Certeau (2008), para compreender o que a priori inquietou a organização desta pesquisa no ambiente natural, definidas como:

“Chamo de “estratégia” o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um “ambiente”. Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e, portanto, capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta” (CERTEAU, 2008, p 46).

Nesta lógica, a estratégia submete regras e forças de um lugar, o qual pode ser definido por uma nacionalidade política, econômica ou científica, incluindo a ambiental, que classifica os “fazeres e agires”.

Estas estratégias são captadas e reproduzidas por meio de uma racionalidade, incorrendo em um sistema homogêneo, “seguro”, fora do campo da heterogeneidade, que compõe o cotidiano. Regula-se e se formaliza, assim, as maneiras de fazer, de se comportar, como se todo o contexto pudesse ser tabulado e classificado na organização da vida.

Contudo, no fluir da vida, nas maneiras de fazer e sobreviver mediante as legalidades, especialmente, as ambientais estabelecidas, há o fluir do cotidiano, que

o autor trata como as táticas, as quais se “manifestam no espaço onde não se pode capitalizar os proveitos”. (CERTEAU, 2008, p.11) Desta forma, as táticas:

“[...] prepara suas expansões e assegura uma independência em face das circunstâncias... a tática depende do tempo... Em nossas sociedades, elas se multiplicam com o esfrelamento das estabilidades locais como se, não estando mais fixadas” (CERTEAU, 2008, p.47).

As táticas constituem as outras possibilidades e caminhos estabelecidos pela estratégia, na pluralidade de sentidos e do fazer, jogando sempre com os acontecimentos e tendo o “acaso” e com a “situação” como uma forma das maneiras de fazer nos tempos e espaços. Dentro das táticas, há um invisível nas práticas que vem à tona no engajamento e no encontro do eu e do outro no mundo (MERLEAU-PONTY, 2000).

Certeau (2008), investiga como as táticas acontecem nas maneiras de fazer do cotidiano, especialmente, em quatro atividades: ler, caminhar, habitar e cozinhar. Com base nestas considerações, este trabalho ‘empresta’ das maneiras de fazer, a teoria do cotidiano, a atividade do caminhar, que se apresenta como o início da experiência estética, e o fazer artístico, como a estética cotidiana e a estética social.

Para tanto, as percepções e descrições aqui escritas tratam da inserção da pesquisadora nos espaços e nos ambientes, compondo a observação, a experiência sensível, o compartilhamento e o engajamento nos espaços e com o grupo de pessoas, artistas, aprendizes e viajantes do cotidiano.

Compondo os saberes, as percepções e as memórias de um coletivo, de um saber que se manifesta no conjunto das falas e das conversas em situações específicas.

“É dentro do mundo que nos comunicamos através daquilo que nossa vida tem de articulado. É a partir deste gramado diante de mim que acredito entrever o impacto do verde sobre a visão de outrem” (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 24).

É, portanto, nesta perspectiva de conjunto e coletivo, que o sensível desta pesquisadora foi afinado. Nesse sentido, o quadro de artes e paisagens percorridas

fazem uma relação com a distinção sobre lugar e espaço, abordadas por Certeau (2008), a partir dos conceitos citados acima, sendo o lugar conjugado com a estratégia, como uma indicação de estabilidade, no sentido de geométrico, dos mapas e espaço, correlacionado com as táticas, como a forma em que as pessoas produzem e operam a vida:

“Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais.” (CERTEAU, 2008, p. 202)

Desta forma, as operações realizadas nesta pesquisa são circunstanciais, ou seja, buscou-se as táticas, as intenções com as quais as atividades são realizadas, levando-se em conta o tempo.

Assim, é possível levar em consideração que em determinados espaços tem as nuances do lugar e do que nele foi produzido no tempo.

1.2. Abordagem metodológica e percurso de pesquisa

Esta tese parte da abordagem etnográfica, baseada na experiência estética e apreciação da paisagem, sob a perspectiva para abordar a estética social em Cananéia no sentido de identificar os fazeres/maneiras de fazer – comportamentos; movimentos; gestos (CERTEAU, 2008).

Para tanto, a perspectiva teórica adotada foi a teoria da estética de Arnold Berleant, mediante uma investigação da sensibilidade da estética, a qual culmina no estudo do processo estético, em como as artes funcionam na sociedade e na experiência do sujeito no campo, intensificando esta experiência estética para todos os ambientes, incluindo, o ambiente natural e o ambiente construído, para a comunidade e para a relação das pessoas.

Nesse sentido, a abordagem utilizada em campo foi a observação participante, que se configura a partir do envolvimento do pesquisador em relação ao que se deseja estudar, no caso, as expressões artísticas. Como técnicas de pesquisa foram utilizados recursos da semidiretiva; fotografias e anotações em caderno de campo.

Em relação ao lugar desta pesquisadora, buscou-se a descrição dos fenômenos – no caso, as artes em Cananéia – bem como a percepção de como os mesmos se revelam no mundo experienciado. Para a fenomenologia, o propósito é descrever os fenômenos ou aparência das coisas, como experiência vivida. (MOREIRA, 2002, p. 67). A ideia, portanto, foi descrever essas experiências a fim de torná-las visíveis nos próprios termos dos participantes. Em outras palavras, procurou-se chegar o mais próximo de uma compreensão das experiências sensoriais dos participantes desta pesquisa – a serem apresentadas adiante (BERLEANT, 2010).

Nesta esteira, ainda segundo o autor Merleau-Ponty (1999), compreende-se que as experiências derivam de toda corporeidade dos sentidos, tornando-se sensoriais. A partir deste pressuposto, na busca das artes que se revelam no cotidiano em Cananéia, foram realizadas as seguintes ações (estratégias de pesquisa), entre 2017 e 2020: (1) Caminhadas pela cidade de Cananéia, especialmente pelo centro histórico, em geral aos finais de semana e nas datas de festividades locais; (2)

Participação como aluna em aulas de pintura junto a um ateliê localizado no centro histórico de Cananéia; (3) Visita ao Ariri, Nova Enseada e Vila de Ararapira⁵.

⁵ Antigo povoado hoje abandonado e pertencente ao Estado do Paraná, situado à margem direita do rio de mesmo nome, que abriga ruínas que remontam à época da colonização. (ALMEIDA, 1961)

1.2.1. Caminhadas por Cananéia

O percurso para se chegar em Cananéia começa na Rodovia – SP 266, saindo do município de Parquera-açu, e termina no Bairro do Porto Cubatão. Pode-se também chegar a Ilha de Cananéia pela Ponte, saindo da SP- 266 e entrando na Estrada Pref. José Herculano de Oliveira Rosa, conhecida como Estrada da Ponte, criada em 1984.

Ainda há o caminho que leva ao bairro do Ariri que continuando pela SP 266, entra no Bairro do Itapitangui e segue pela Estrada Municipal Colônia-Santa Maria e pela Estrada Ariri – Rio Vermelho.

Cananéia é composta por diversos ambientes, rios que encontram mares, restingas e matas densas, contando com a presença de barcos, voadeiras e escunas que cruzam as águas do Mar Pequeno nos dois pontos, tanto no centro histórico, quanto no bairro do Porto Cubatão – esses meios de transporte se estendem por todas as águas deste litoral. Em todo o tempo e o espaço, está-se na presença das águas: dos mares, rios e cachoeiras. Os ventos sul e norte também fazem parte desta paisagem, sendo que o vento sul é o mais forte, trazendo chuva e estragos.

Se o caminhar do labirinto enfatiza as possibilidades de contexto que podemos analisar, os lugares percorridos saíram das narrativas e das conversas cotidianas.

As caminhadas pela cidade de Cananéia possibilitaram a observação de diferentes aspectos ligados ao ambiente e à paisagem da localidade e as formas como as artes se dão nos tempos que, aqui, denominamos por tempo habitual e tempo turístico. Segundo Certeau (2008), a caminhada seleciona e fragmenta o espaço percorrido, ela ressalta suas ligações e as partes inteiras que se omitem.

Nessa perspectiva, este caminhar objetivou encontrar as artes que ali estavam presentes, prontas para serem reveladas a cada percurso. Os diferentes trajetos traçados levaram a pesquisadora a delimitar os espaços das possibilidades da arte aparecer em meio ao contexto do patrimônio histórico – as construções se destinam,

atualmente, a casas de moradoras, comércios e, principalmente, restaurantes e bares⁶.

Desta forma, a observação foi realizada a partir do macro contexto – paisagem geral – para o médio contexto – localização de pontos, nos quais as artes estão expostas de forma mais explícita, nas portas das lojas e em espaços oficialmente destinados à sua exposição – ao micro contexto – a presença das artes em pequenos detalhes, em fragmentos. Estes últimos foram apreendidos à partir da utilização da máquina fotográfica, uma vez que:

“[...] as impressões guardadas apenas com a vista humana perdem a nitidez, fundem-se com outras impressões e, com o tempo desaparecem. Quando você utiliza a câmera, é possível reunir um modelo muito complexo, que contém milhares de elementos a serem comparados com outras comunidades[...]” (COLLIER JR, 1973, p. 30)

Compreende-se, ainda segundo a percepção do autor supracitado, que na fixação do tempo e do espaço, a fotografia oferece modos singulares de observar e descrever a cultura, fornecendo-nos indicações para a significância das variáveis.

Desta forma, segundo Dubois (1986, p. 36):

“[...] as indicações e significâncias das variáveis contidas na captura da imagem passam a fazer parte da construção do conhecimento científico e usos da antropologia, pois as mensagens são culturalmente determinadas e necessárias para recepção dos códigos de leituras”.

O caminhar também foi pontuado por conversas informais – entre um café e outro, sempre havia uma pergunta sobre as artes e um pedido de permissão para fotografar, compondo a arquitetura da busca dos dados de pesquisa.

Na observação do espaço, local onde as culturas se organizam e revelam, percebeu-se que a arte popular compunha um panorama significativo neste território central da cidade. E foi a partir dessas trilhas que a pesquisadora deparou com mais uma possibilidade de aprofundamento da busca pelas artes: o encontro com o “Empório Dell’Arte”.

⁶ Cananéia é considerada “a capital gastronômica do Vale do Ribeira [...]”. A cozinha colonial e os pratos personalizados internacionais ficam lado a lado na mesa dos restaurantes locais (SECRETARIA DE TURISMO DO GOVERNO DE SÃO PAULO, 2021).

1.2.2. O encontro com o Ateliê Empório Dell'Arte e seus desdobramentos

Encontrar, em uma das ruas históricas, o ateliê Empório Dell'Arte – um espaço de aprendizagem de pintura, escultura, comercialização e exposição de artes; um lugar, sobretudo, de memórias e de diálogos – abriu a oportunidade de participação desta pesquisadora junto ao universo dos artistas da cidade. O primeiro passo foi fazer a apresentação da pesquisa e solicitar autorização para interagir participando como aprendiz de pintura para Neyton e Gustavo, os proprietários, artistas e professores do local⁷.

Uma vez como aprendiz de pintura e, enquanto pesquisadora que, para além da observação, passa a interagir, fazer parte e se engajar, a experiência do fazer artístico no decorrer das aulas possibilitou a compreensão do fazer artístico em Cananéia:

“A experiência evoca uma presença participativa, um contato sensível com o mundo a ser compreendido, uma relação de afinidade emocional com seu povo, uma concretude de percepção” (CLIFFORD, 2014, p. 35).

Nesta perspectiva, Sato (2009) menciona o acerto afinado da convivência social, a qual “sintoniza pesquisador e pesquisado”, de modo a se estabelecerem vínculos fundamentados no respeito e compreensão. Desta forma, realizou-se, a partir deste momento, uma outra forma de observação, qual seja, a observação participante:

“[...] a observação participante pode ser conceituada como uma estratégia de campo que combina ao mesmo tempo a participação ativa com os sujeitos, a observação intensiva em ambientes naturais, entrevistas abertas informais e análise documental”. (MOREIRA, 2002, p.52)

Assim, no mês de novembro de 2017, esta pesquisadora inicia as aulas de pintura e dá partida à sua inserção no ambiente das artes de Cananéia, com a proposta de aprender a pintar e a compreender como as artes e a comunidade de artistas compunham aquele espaço, a interação com as artes observadas nas ruas e

⁷ Todos os nomes citados neste estudo são legítimos e foram utilizados de acordo com autorização dos participantes em Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

nas comunidades estudadas anteriormente. Ainda que envolvida cada vez mais no processo de elaboração das artes no ateliê.

Desta experiência emergiram, portanto, as práticas artísticas, desde a mistura das cores, os movimentos do pincel, a escolha das imagens e a perspectiva do que as imagens pintadas poderiam trazer, ou seja, emergiu a experiência sensível no cotidiano a delinear a relação entre sujeito e objeto (MANDOKI, 2013).

Desta perspectiva, esses espaços de investigação fomentaram questões que funcionaram como pontos chave da pesquisa, a saber, a interação com as pessoas, as conversas em meio às aulas, as trocas de informações e de histórias de vida passaram a ser elementos deste estudo.

Importante ressaltar que o espaço das aulas de pintura eram locais em que as pessoas se focavam nas artes e em si mesmas, estabelecendo uma experiência sensória do contato direto com os objetos, na qual o silêncio também fazia parte dos momentos. Nos momentos dos intervalos, compartilhávamos conversas e histórias de vida, em torno de cafés, algumas vezes, bolos e pães, nesses tempos, eram tecidas as relações, as trocas, estabelecendo-se entrelaçamentos e envolvimentos afetivos.

A partir do compartilhamento de histórias de Cananéia, os artistas traziam para as conversas e organização dos eventos, as imagens e fotos antigas, de acervos disponíveis na internet e, enquanto interagíamos, eles traziam à tona fragmentos das histórias de Cananéia. Contudo, essas imagens não se detinham apenas às memórias pessoais, mas também aos contextos históricos descritos em livros de história sobre a cidade de Cananéia.

Em paralelo às aulas e às conversas no ateliê, houve participação desta pesquisadora em conversas direcionadas sobre organização do Carnaval e da Festa do Divino, além de saraus realizados no ateliê em julho de 2018 e agosto de 2019, bem como das exposições dos melhores quadros dos alunos de pintura, em dezembro de 2018 e de 2019. Além das pinturas, estava como participante e observadora na confecção da imagem de São João Batista, realizada por Neyton e Gustavo, no ateliê. As participações da pesquisadora se deram também por ocasião da tradicional confecção do tapete do Dia de Pentecostes nas ruas de Cananéia, em junho de 2019⁸.

⁸ Os detalhes constam nas próximas seções deste estudo.

A partir das imagens compartilhadas e das narrativas sobre os relatos e descrição de alunas sobre a natureza, o clima e as águas, esta pesquisadora foi adentrar-se nas paisagens dos locais mencionados nas conversas, entre eles, Ariri, Nova Enseada e Ararapira e pelo seu interesse em conhecer Ararapira, “o olhar viajante prolonga-se no campo perceptivo como experiência estética porque realiza o objeto estético em outro nível de significação.” (ANDRIOLO, 2011, p. 127)

A viagem à comunidade do Ararapira ocorreu no dia 03 de outubro de 2020, e foi realizada por sugestão e juntamente com Neyton e Gustavo, em relação ao interesse desta pesquisadora. Os artistas e a pesquisadora estavam focados nos aspectos históricos e na apreciação da paisagem do local. No decorrer das caminhadas por trilhas e espaços que contavam a história da comunidade através de antigas construções e ruínas, houve conversas baseadas nas lembranças e histórias ouvidas pelos artistas sobre as antigas festividades e cerimônias religiosas que ocorriam na Igreja de São José de Ararapira.

No decorrer da visita, nossa anfitriã, dava a partida para rememorar o local, exercício que se configurou de maneiras diferentes para cada participante do passeio: para a pesquisadora, as memórias eram narrativas sobre a comunidade, para Neyton, rememorar era voltar à infância e às histórias dos familiares.

Nesse sentido, esta pesquisa é resultado de um compartilhar de memórias, interações, conhecimentos e experiências. No ateliê, em meio às aulas, às imagens e os cafés, cada aluno tinha uma história, uma lembrança e memórias de lugares, acontecimentos e pessoas. Uma senhora, aluna de pintura, chamada D. Durva, em uma ocasião, compartilhou histórias sobre as mudanças ocorridas no centro histórico e contou diversas ‘lendas urbanas’ da cidade, depois desta conversa, Neyton desenhou e produziu um vídeo sobre a lenda.

Neste movimento, a pesquisadora também se colocou, levando suas histórias, intenções e memórias: “a relação entre pesquisador e pesquisado como um processo de convivência entre pessoas, o que torna mais evidente quando se adota o aporte etnográfico na condução da pesquisa de campo” (SATO, 2009, p 218). As informações foram anotadas em caderno de campo, nos momentos em que a pesquisadora voltava de seus percursos e aulas. Após isso, se dava a seleção de trechos e falas, juntamente com a seleção de imagens fotografadas.

Segue, na próxima seção, em detalhes, a narrativa sobre as caminhadas pelas ruas de Cananéia e a apresentação dos principais achados.

2. APRESENTAÇÃO DO CAMPO DE ESTUDO

A opção em descrever o quadro contexto apresenta-se como uma mescla de do conceito de estratégia definido por Certeau (2008) que simboliza os dados oficiais, escritos e homologados junto com a experiência da pesquisadora como docente e aprendiz na região do Vale do Ribeira.

No contexto de experiências vividas nesses territórios, lugares e espaços geográficos, históricos, sociais e ambientais, os dados oficiais trazem também a vivência, as percepções e as sensações desta, neste momento, pesquisadora-professora-aprendiz das artes dentro destas pesquisas com algumas imagens, tabelas, dados e poesias. Desta forma, optou-se por dividir o contexto com base na teoria da sustentabilidade – ambiental, econômica e social e subdividir os temas desta pesquisa em paisagem e memória a partir dos conceitos de táticas de Michel de Certeau (2008) para tentar chegar a uma das experiências sensoriais de Andriolo (2016), do município de Cananéia.

2.1. Características Ambientais

As questões ambientais do Vale do Ribeira perpassam por legislações, por coordenações de órgãos públicos nas três esferas governamentais – federal, estadual e municipal - e na tentativa da política da descentralização, há representantes da sociedade civil em todos os setores que formam os Conselhos Deliberativos e/ou Consultivos das Unidades de Conservação⁹, bem como do Comitê de Bacia Hidrográfica e dos conselhos municipais.

Neste lugar de análise, debates, confecção de projetos e relatórios, são produzidos os dados das situações hídricas, dos gerenciamentos da Bacia e dos gerenciamentos das Unidades de Conservação, ligados aos tópicos definidos por área ambiental, entre eles, poluição de águas, solos, conservação e preservação da flora, dos setores produtivos e do gerenciamento do meio antrópico.

Para tanto, esses dados apresentam-se como significativos para perceber como a cultura se compõe, se transforma e cria alternativas para o mundo de Cananéia.

Assim, empresta-se os dados do Comitê de Bacia Hidrográfica do Ribeira de Iguape e Litoral Sul (UGRHI 11)¹⁰, que reúne em relatórios anuais indicadores sobre a qualidade das águas, demanda e disponibilidade.

Destas análises são compostos dados para medidas e ações de cada órgão público e sociedade civil para atingir os índices propostos, bem como o financiamento de projetos que estão na linha do FEHIDRO¹².

Os dados e análises fornecidas por este relatório norteiam a situação das águas e dos afluentes em relação à ocupação e uso do solo, tanto pelos setores econômicos, quanto pela conservação e preservação da natureza. Destas análises são propostos

⁹ UGRHI 11 – Unidade de Gerenciamento dos Recursos Hídricos – 11. O Comitê da Bacia Hidrográfica do Ribeira de Iguape e Litoral Sul foi criado em 13/01/96, no contexto do Art. 4º das Disposições transitórias da Lei nº 7663/91.

¹⁰ FEHIDRO - Criado pela Lei 7.663 de 30 de dezembro de 1991 e regulamentado pelo Decreto nº 37.300, de 25 de agosto de 1993, posteriormente substituído pelo Decreto nº 48.896 de 26 de agosto de 2004, o Fundo Estadual de Recursos Hídricos (FEHIDRO) é a instância econômico-financeira de apoio à implantação da Política Estadual de Recursos Hídricos por meio do financiamento de programas e ações na área de recursos hídricos, de modo a promover a melhoria e a proteção dos corpos d'água e de suas bacias hidrográficas.

projetos técnicos de utilização das águas, criação e estudo sobre a situação de aterros sanitários, projetos de educação ambiental e propostas de ações de órgãos públicos para sociedade civil.

A partir deste relatório, consegue-se entender a dinâmica do lugar e fazer uma análise dos municípios que compõem a Unidade de Gerenciamentos de Recursos Hídricos que se diferem de outros dados como região administrativa.

Assim, na Unidade de Gerenciamento de Recursos Hídricos, apresenta-se o seguinte panorama de dados:

Tabela 1 - Dados de Cananéia

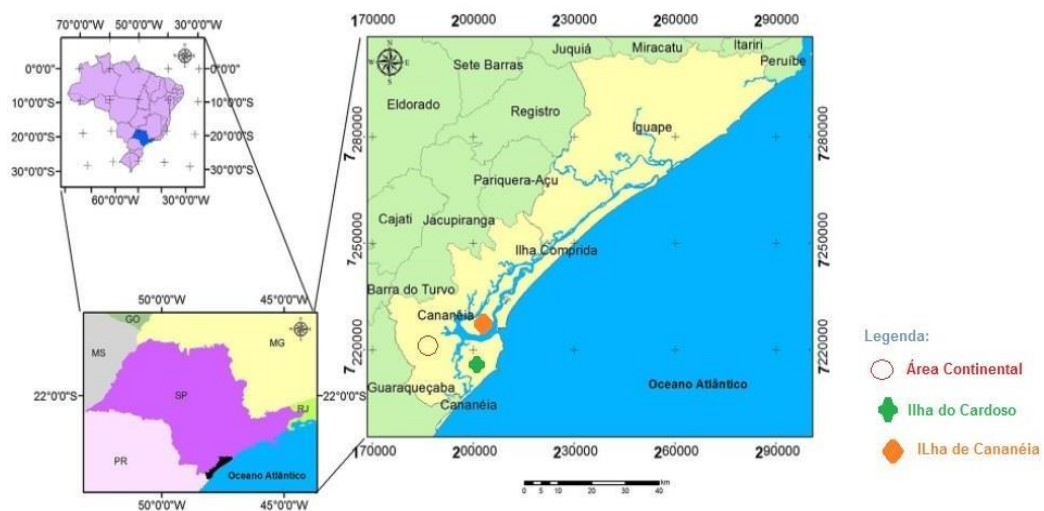
Aspectos	Dados
Area Total	17.056,37 km ²
População Total	372.061 hab
População urbana	74,5%
População Rural	25,5%
Municípios	Apiai, Barra do Chapéu, Barra do Turvo, Cajatí, Cananéia, Eldorado, Iguape, Ilha Comprida, Iporanga, Itaóca, Itapirapuã Paulista, Itarirí, Jacupiranga, Juquiá, Juquitiba, Miracatu, Pariquera-Açu, Pedro de Toledo, Registro, Ribeira, São Lourenço da Serra, Sete Barras, Tapiraí
Unidades de Conservação	A UGRHI 11 possui 45 unidades de conservação sendo 17 unidades de proteção integral (quatorze Parques, três estações ecológicas) e 28 de uso sustentável (oito áreas de proteção ambiental- APA, três áreas de relevante interesse ecológico – ARIE, sete reservas de desenvolvimento sustentável- RDS, três reservas extrativistas- RESEX e sete reservas particulares do patrimônio natural – RPPN), conforme ilustrado na figura 5. Juntas, estas Unidades de Conservação cobrem 368 mil hectares na área marinha e mais de 1 milhão de hectares (aproximadamente 60% da área terrestre da UGRHI 11).

Tabela 1 Relatório de Situação dos Recursos Hídricos da UGRHI 11 Bacia Hidrográfica do Ribeira delguape e Litoral Sul Ano-Base 2012 Registro, 2013

A partir desta tabela, inicia-se o quadro ambiental do campo de pesquisa e empresta-se das estatísticas o contexto que pode ser analisado, o ambiente de Cananéia.

No que tange a área do município, Cananéia tem um de total de 1.242,01 km², dividido entre ilhas e área continental, fazendo divisa com o município de Pariqueira-Açu, Jacupiranga e Barra do Turvo no Estado de São Paulo e com o município de Guaraqueçaba no Estado do Paraná, pela área continental.

Figura 2 - Posição Geográfica e Territorial



Fonte: Dias e Oliveira (2015). Modificado pela pesquisadora.

Quanto as Unidades de Conservação, das 45 unidades que compõem a UGRHI -11, nove estão no município de Cananéia, sendo gerenciadas tanto pelos órgãos federais – ICMBio, quanto pelo estadual – Fundação Florestal. Abaixo o quadro das Unidades de Conservação:

Tabela 2 - UC - Proteção Integral

Unidade	Unidades de Proteção Integral ¹¹	
	Homologação	Município e Limites
Estação Ecológica Tupiniquins	Decreto federal nº 92.964 de 21 de julho de 1986	Peruíbe e Cananéia
Parque Estadual da Ilha do Cardoso	Decreto Estadual nº 40.319 de 1962; Lei Nº 8.170, de 7 de dezembro de 1992 – altera o nome	Cananéia
Parque Estadual do Lagamar de Cananéia	Lei no. 12.810 /08 que institui o mosaico de UCs do Jacupiranga	Cananéia e Jacupiranga

Fonte -Relatório de Situação dos Recursos Hídricos da UGRHI 11 Bacia Hidrográfica do Ribeira delguape e Litoral Sul Ano-Base 2012 Registro, SP 2013

¹¹ Unidades de Proteção Integral - com a finalidade de preservar a natureza, sendo admitido apenas o uso indireto dos recursos naturais, e por isso as regras e normas são restritivas. Disponível em: <https://www.icmbio.gov.br/educacaoambiental/politicas/snuc.html> - Acesso em 29 de abril de 2021.

Tabela 3 - UC - Uso Sustentável

Unidades de Uso Sustentável ¹⁴		
Unidade	Homologação	Município e Limites
Área de Proteção Ambiental Cananéia-Iguape-Peruíbe	Decreto Federal 90.347 de 23/10/1984 Decreto Federal 91.892 de 6/11/85 Comprida	Itariri, Miracatu, Iguape, Cananéia e Ilha Comprida
RDS de Itapanhapima	Lei no. 12.810 /08	Cananéia
Reserva Extrativista Taquari	Lei no. 12.810 /08	Cananéia
Reserva Extrativista da Ilha do Tumba	Lei no. 12.810 /08	Cananéia
Reserva Extrativista do Mandira	Decreto Federal de 13 de dezembro de 2002	Cananéia
APA Marinha do Litoral Sul	Decreto Estadual 53.527/2008	Cananéia, Ilha Comprida e Iguape

Fonte- Relatório de Situação dos Recursos Hídricos da UGRHI 11 Bacia Hidrográfica do Ribeira delguape e Litoral Sul Ano-Base 2012 Registro, SP 2013.

Vale destacar que no Relatório do Comitê da UGHIRO-11 de 2020, adicionaram ao uso e ocupação do solo, os territórios quilombolas, no caso de Cananéia, os quilombos do Mandira e da Ex-Colônia Velha, ambos localizados na área continental.

É importante ressaltar que as Unidades de Conservação estão sobrepostas no território, pois os limites se cruzam e se sobrepõem.

“A maioria dos territórios quilombolas estão localizados em zonas de amortecimento das Unidades de Conservação e alguns estão sobrepostos a Unidades de Conservação de Uso Sustentável, como a RDS Quilombos de Barra do Turvo e a APA dos Quilombos do Médio Ribeira. Estes territórios perfazem em conjunto com as Unidades de Conservação, o segundo e mais importante corredor ecológico de Mata Atlântica do Estado de São Paulo”. (Relatório – UGRHIDRO, 2020)

A partir da disposição territorial das UC, ressalta-se sobre os dados da população total que foi estimada, em 2020, em 12.379 habitantes, sendo que 10.674 vivem na área urbana e 1.641 na área rural, levando a uma taxa de urbanização de 86,7% (Relatório UGHIDRO, 2020), que nos propõe a refletir que a maior parte da população vive no centro urbano, na Ilha de Cananéia.

2.2. Aspectos socioeconômicos

O município de Cananéia tem como principais fontes de renda o primeiro e o terceiro setor. Das atividades do primeiro setor, destacam-se a pesca profissional e a artesanal; as agriculturas de subsistência e a iniciativa de produção agroecológica, que podem ser contabilizadas, pois há projetos de Instituição de Ensino e Pesquisa em algumas comunidades, especialmente no Rio Verde.

A pesca é um setor possível de se identificar na paisagem, tanto pelos cercos que estão dispostos no Mar Pequeno, quanto nas águas do bairro Portão Cubatão (FIGURA 3), além dos barcos e marinas que compõem as encostas, da Rua Bandeirantes no centro urbano, nas casas do Porto Cubatão, se estendendo ao bairro do Ariri.

Figura 3 - Porto Cubatão - divisas entre as águas



Fonte: A autora.

Segundo o SEADE (2018)¹² a participação nos empregos ligados ao primeiro setor da economia é de 13,55%, este índice apresenta-se como o segundo melhor, inferior apenas ao índice dos serviços e comércios com 18%.

¹² Disponível em: <https://perfil.seade.gov.br/>. Acesso dia 23 de abril de 2021.

Outro setor importante para a economia do município é a prestação de serviços, em especial, da área de hospitalidade e lazer, com os restaurantes, meios de hospedagem e os atrativos turísticos que compõem este território.

Vale destacar que, entre as tipologias de turismo, o turismo de sol¹³ e praia é o principal segmento, seguido do ecoturismo¹⁴, fomentado pelos órgãos ambientais e como uma nova iniciativa, o turismo de base comunitária¹⁵, especialmente gerenciado nas comunidades caiçaras e quilombolas.

Em uma correlação entre primeiro e terceiro setor, o turismo de pesca é um segmento que também apresenta relevância, visto que no Bairro do Porto Cubatão muitos turistas possuem lanchas e aos finais de semana usufruem deste passeio. Há também o comércio de aluguel de lanchas e barcos para as pessoas pescarem nas águas do Mar Pequeno. Tais informações não estão especificadas nos índices de cada atividade, mas ressalta-se que esta prática acontece em pontos deste território visto nas paisagens observadas.

Esta dinâmica econômica é constituída por razões territoriais e ambientais, percebe-se no percorrer do olhar as dinâmicas, as possibilidades de trabalhos e de correlação das atividades com o ambiente, inseridas e contextualizadas.

¹³ O crescimento da atividade turística em regiões litorâneas favorece a formação de um segmento chamado de turismo de “sol e praia”, que surge no Rio de Janeiro, na praia de Copacabana, e se expandiu para as outras regiões do litoral brasileiro, com destaque para a região nordeste devido, principalmente, as suas características climáticas.” (NOVAES, 2012). Acesso em: 21 abr. 2021

¹⁴ Ecoturismo é uma ideia “guarda-chuva”, uma vez que diversas práticas, como caminhadas, escaladas, rapel, espeleologia, cavalgadas, mergulho, passeios de barco, vela, vôo livre, balonismo, estudos do meio, safári fotográfico, observação de fauna e de flora, turismo esotérico e turismo rural, são igualmente entendidas como vertentes dessa atividade (SERRANO, 2000).

¹⁵ Esse modelo de turismo alternativo e comunitário tem como principais características a cooperação, a autogestão, a valorização da cultura local e a conservação da natureza.(COROLIANO, 2006)

2.3. Aspectos Socioculturais

A população de Cananéia foi estimada em 2020, em 12.379 habitantes (SEADE, 2021) sendo que 10.674 vivem na área urbana e 1.641 na área rural, levando a uma taxa de urbanização de 86,9%, segundo dados do SEADE, que nos propõem a refletir que a maior parte da população vive no centro urbano, na Ilha de Cananéia.

A prestação de serviços se destaca como umas das principais fontes de geração de renda, seguida pela prática agrícola e pelo turismo, sendo que a mesma abriga em seus limites seis importantes unidades de conservação ambiental, além de um núcleo urbano tombado como Patrimônio Histórico (IBGE, 2010). As atividades econômicas estão baseadas no setor primário, de subsistência, destacando-se a pesca, que ocupa aproximadamente 25% da população rural, composta por sítiantes e pequenos proprietários, cuja produção é basicamente de banana e horticultura.

Seu centro urbano ocupa a parte oriental da ilha de mesmo nome, cercada por dois canais do oceano, formando a baía de Cananéia e conserva uma área considerada pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT). São diversos casarões restaurados e muitas ruínas que se encontram às margens do Mar Pequeno, pelo qual se tem acesso à Ilha Comprida, a cidade mais próxima.

O casario de época foi, em sua maioria, construído sobre o alinhamento das vias públicas e as paredes laterais, sobre os limites dos terrenos. São edificações baixas, alinhadas, porém todas com beirais, quatro janelas, vários batentes ou ombreiras de pedra, sendo as primeiras construções de Cananéia aquelas localizadas na Rua Tristão Lobo. As paredes dessas casas eram construídas com pedras e argamassa composta de areia, cal de ostras retiradas dos sambaquis (antiquíssimos montes de conchas e mariscos com mais de oito mil anos, presentes na região) e óleo extraído de baleia (SECRETARIA DE TURISMO DO GOVERNO DE SÃO PAULO, 2021).

Destarte, há uma dinâmica cultural que compõe essa paisagem e retrata os modos de vida da população que, em grande parte, vive em áreas rurais ou em áreas de proteção ambiental. Incluindo a área urbana, todas as áreas trazem as diversas paisagens quando nos colocamos como apreciadores e/ou integramos este espaço.

Interessa, portanto, compreender as culturas que tangem este espaço e que permearam os estudos desta pesquisadora nos anos de docência, marcados pela interação e socialização com a comunidade local dos diversos municípios, tanto no espaço da sala de aula como nas 'andanças' pelo território.

3. CANANÉIA E SUAS ARTES

As artes em Cananéia, em um primeiro contato, derivam do modo de vida caiçara, cujas práticas econômicas consistem da pesca artesanal e das roças de subsistência. O termo ‘caiçara’ vem de caá-içara (vocábulo Tupi-Guarani), utilizado para designar as estacas que cercavam as tabas ou aldeias e o curral composto por galhos de árvores fincados na água para cercar o peixe. Com o tempo, passou nomear as palhoças construídas nas praias para guardar as canoas e pertences dos pescadores e, mais tarde, para referir os moradores de Cananéia (FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA, 1992).

Quanto às artes próprias destes moradores, é possível identificá-las simplesmente ao olharmos para o ambiente, quando visualizamos os cercos¹⁶ no chamado Mar Pequeno¹⁷ e as pessoas nos barcos com suas redes e varas de pescar. As Associações, em especial a Rede Cananéia¹⁸, e grupos atuantes no âmbito das artes locais destacam que elementos como os cercos, os covos (armadilha para peixe), as redes de lanceio para pesca do robalo e de outros peixes ainda são utilizados em todas as comunidades que mantêm a prática da pesca artesanal.

Além destas expressões culturais, ainda há o Fandango – que envolve música tocada com violas, rabecas, adufos¹⁹ e dança em pares e em roda, com tamancos²⁰ cestarias, construção de barcos, pintura e artesanatos diversos. Ao percorrer Cananéia, encontramos estas artes nas comunidades do município, nas casas e em festas tradicionais e eventos que buscam intensificar e promover a cultura local, voltados tanto ao público local como aos turistas.

O Fandango Caiçara, classificado como Patrimônio Imaterial em 2011 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), nos estados do Paraná

¹⁶ Cercos fixos construídos de taquaras, mourões de madeira e arame, destinados à pesca artesanal.

¹⁷ Braço que foi constituído pelo encontro do Mar com o Rio Ribeira de Iguape, o qual começa na Barra do Ribeira – Iguape e se prolonga até o Paranaguá no Litoral do Paraná.

¹⁸ Para maiores informações: < <http://www.redecananeia.org.br/>>.

¹⁹ Adufe (árabe ad-huff, pandeiro) Instrumento musical de percussão, formado por um caixilho de madeira revestido de pele esticada de ambos os lados, com soalhas no interior, que se tange batendo com as mãos. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/adufes>>. Acesso em: 15 mar. 2021.

²⁰ <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/938/> . Acesso em: 15 mar. 2021.

e São Paulo²¹, se destaca por conjugar diferentes formas artísticas, como a confecção dos instrumentos, as músicas que referem a relação do caiçara com a natureza, com a religiosidade e a vida cotidiana:

“O fandango para os “sitiantes-caiçaras”, se apresentava como o espaço da “reciprocidade”, onde o “dar-receber-retribuir” constituía a base de suas socialidades, marcada pelas dimensões familiares, de compadrio e vizinhança. Para as comunidades rurais e de pescadores estabelecidas nesse território, o lugar do fandango em suas vidas sociais e lúdicas, além de estar ligado à organização do trabalho comunitário - o mutirão – relacionava-se também, ao conjunto de laços de sociabilidade produzidos na região²²”.

Importa mencionar que, em 2005, já havia sido iniciado o projeto “Museu Vivo do Fandango”, incluído, em 2011, na “Lista de Melhores Práticas de Salvaguarda do Patrimônio Imaterial da Humanidade”, da Unesco, a fim de preservar esta manifestação cultural:

O projeto constatou que a prática dessa manifestação cultural, por diversos fatores, apresentava-se de maneira desarticulada e cada vez mais rara. [...] a pesquisa envolveu a participação de cerca de 300 fandangueiros da região e teve como principal desdobramento a constituição do museu comunitário a céu aberto, sob a forma de um circuito de visitação e troca de experiências em cinco municípios da região. O circuito inclui casas de fandangueiros e artesãos de instrumentos musicais, centros culturais e de pesquisa, espaços de comercialização de artesanato caiçara, além de locais de disponibilização de acervos bibliográficos e audiovisuais²³.

Em Cananéia, O Grupo Fandango Batido São Gonçalo foi criado em 2005, tendo como objetivo principal a divulgação e a valorização cultural das tradições caiçaras, refletindo sobre a identidade local, propõe a realização de oficinas, intercâmbios e apresentações. O grupo tem como principal responsável o artista Amir Oliveira, contando com a participação do músico Rodolfo Vidal. Entre os espetáculos do grupo, note-se o “Batendo as Tamancas”, gravado em CD em 2013. O Fandango Batido faz parte da Associação de Cultura Caiçara de Cananéia (ACUCA), integrando projetos de divulgação do fandango caiçara e as ações de salvaguarda, em um movimento interestadual.

²¹ Ressalta-se que, ao acompanharmos as apresentações de Fandango em Cananéia, notamos a presença de músicos e artistas de outras regiões, como Iguape (Litoral Sul) e Ubatuba (Litoral Norte de SP, o que remete à ideia de que esta expressão cultural pode possuir outros berços.

²² Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/>> . Acesso em: 15 mar. 2021.

²³ Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/>> . Acesso em: 15 mar. 2021.

Neste campo de possibilidades dadas pela variedade de expressões, este estudo resulta da busca pelas artes e de suas variações no decorrer do tempo e dos espaços do município em pauta, marcado pela diversidade natural e riqueza sociocultural.

3.1. Andanças pelo Centro Histórico

Esta pesquisa se iniciou, em campo, com várias caminhadas desta pesquisadora pelo Centro Histórico da cidade (Figura 4) e pela percepção dos casarios, alguns habitados, outros adaptados ao comércio local e especialmente direcionados ao turismo, mas também frequentados pela comunidade local.

Figura 4 - Centro Histórico e arredores



Fonte: www.google.com/maps. Acesso em: 16 mar. 2021. Modificado pela autora.

Andar pelas ruas em busca das artes do lugar e olhar os casarios trouxe, naquele momento, a sensação de caminhar nos detalhes que cada ambiente carrega: as cores, a organização das casas, a proximidade das janelas e das portas às calçadas, as cadeiras colocadas em frente as casas nas tardes de sol, os paralelepípedos que remetem às histórias que por ali passaram, entre outras observações.

Ao pensar nas artes e ao buscá-las, vem à mente as seguintes perguntas: (1) Quais espaços, nesta localidade, estão destinados às práticas artísticas? (2) E se considerássemos as ruas, utilizadas frequentemente pelas bicicletas com carrinhos, pelos carros que sobem e descem da balsa, pelos pedestres que caminham e fotografam à beira mar, pelos barqueiros que vendem seus passeios turísticos, pelas pessoas que passam com suas sacolas de compras, ou se sentam nas praças?

Consideramos, desta perspectiva que, na busca pelas artes de Cananéia, o caminhar está tão ligado ao espaço quanto ao tempo sendo que, a cada momento, era possível perceber detalhes entrelaçados às histórias experimentadas:

[...] os processos do caminhar podem reportar-se em mapas urbanos de maneira a transcrever-lhes os traços (aqui densos, ali mais leves) e as trajetórias (passando por aqui e não por lá) [...] no próprio ato de passar, a operação de ir, vagar, ou “olhar as vitrines”, a atividade dos passantes é transposta em pontos que compõem sobre o plano uma linha totalizante e reversível (CERTEAU, 2008, p 176).

Neste labirinto de possibilidades, a câmera fotográfica não foi um instrumento pensado de início, mas a partir da organização de um ensaio fotográfico, o olhar desta pesquisadora foi se aprimorando tanto em relação à observação dos casarios como às próprias dinâmicas do espaço. O olhar então, já não buscava somente a amplitude do macro contexto, mas a atenção mais apurada aos detalhes. Estes, a princípio não tinham explicação ou história, com o tempo passaram a historiar e a significar a caminhada:

“Nesses núcleos simbolizadores se esboçam (e talvez fundam) três funcionamentos distintos das relações entre práticas espaciais e práticas significantes: o crível, o memorável e o primitivo. Designam aquilo que “autoriza” ou (faz possíveis ou críveis) as apropriações espaciais, aquilo que se repete de uma memória silenciosa...” (CERTEAU, 2008, p. 186)

Nesta perspectiva, aquele ambiente observado remeteu a uma memória, que pode ser tanto silenciosa, para quem simplesmente passa como pode ser construído nas práticas espaciais significantes, as quais proporcionam novas histórias criando, por sua vez, artes percebidas através dos sentidos como, por exemplo, a audição. Aqui, nos referimos à escuta dos sons presentes no transpassar dos gestos e dos movimentos que se dão nos ambientes, nas ruas e praças, a sugerirem ‘quebras cotidianas’. Um exemplo é a ambientalização realizada pelo “Teatro da Boneca de Pano” no centro da cidade.

Em um sábado à tarde, dia 03 de março de 2018, esta pesquisadora se depara com um movimento diferente na Praça da Matriz (Praça Martim Afonso de Souza): um grupo a decorava com objetos dispostos ao redor dos dois canhões²⁴ situados ao lado

²⁴ Canhões que guarneciam o Forte do Bicho, por ora da invasão paraguaia na fronteira brasileira do Uruguai, em 1820.

do obelisco²⁵, enquanto as crianças brincavam e os adultos, sentados, as observavam (Figura 5):

Figura 5 - Crianças e Adultos na Praça da Matriz



Fonte: A autora.

O movimento de pessoas fantasiadas aumentava, enquanto um grupo de pessoas uniformizadas colaborava com o mesmo, armando uma estrutura enfeitada com muitas fitas coloridas, posteriormente identificada como um pequeno andaime. Livros e cestas foram dispostos formando um caminho para o palco. Cataventos coloridos se integravam às árvores e a brisa do Mar Pequeno os fazia girar.

Os fantasiados eram artistas que encenavam, na praça, uma estória do escritor tcheco Franz Kafka (1883-1924). As pessoas presentes e outras que passavam se aproximaram e se sentaram, ocupando todas as cadeiras dispostas. Enquanto os músicos tocavam (Figura 6), o que atraiu as crianças que brincavam, uma menina e um senhor, que representavam os personagens principais, utilizavam a fala, enquanto os demais gesticulavam (Figura 6) e apresentavam uma performance, subindo e descendo do andaime, encenando as entradas e saídas para a atuação (Figura 7).

²⁵ Inaugurado em 1931, em homenagem aos 400 anos da fundação da cidade.

Figura 6 - Apresentação de teatro



Fonte: A autora.

Figura 7 - Músicos se apresentando



Fonte: A autora.

Figura 8 - Performance no andaime



Fonte: A autora.

Transcorreram 50 minutos de apresentação e, ao final, os artistas mencionaram que a apresentação havia percorrido várias cidades da região e que, em Cananéia, foi autorizada pela Prefeitura. Não houve a presença de autoridades locais e tudo aconteceu de forma muito inesperada, apenas uma intervenção da arte naquele espaço público, cotidiano.

Naquele momento, o cotidiano da praça foi transformado pela arte que promoveu experiências sensoriais em meio ao conhecido cenário histórico. Assim, a experiência é evidenciada no perceber, que está ligada às realidades através dos sentidos, caracterizando, assim, uma experiência organizada e trabalhada na interação do 'Eu' com o mundo percebido. Nesta integração com o outro, adentra-se na ênfase do social, da integração com as realidades reveladas (LANGDRIGE, 2008):

Nesse sentido, a integração da arte ao ambiente público nos remete à ideia de que os tempos, outrora fixados, ao escaparem do lugar, fogem das disciplinas ou

regras do espaço vivido e da familiaridade da cidade. Assim, a praça, enquanto espaço público, abre possibilidades de variações no vivido e no vivenciado.

Outra ilustração é a apresentação do “Grupo da Tiduca”²⁶, que ocorreu em setembro de 2019, abrindo espaço para as cores branca, amarela e vermelho, nos compassos e passos dos tambores do Jongo²⁷ (Figura 9).

Figura 9 - Apresentação de Jongo na Praça



Fonte: A autora.

As atividades jongueiras da Associação Tiduca começaram em 2015, somando-se às práticas da capoeira e do congo. A estética do Jongo caracteriza-se pelos tambores, os quais sintetizam as tradições e abrigam a herança dos antepassados, a dança no interior da roda de jongueiros e o ponto. Este último é um

²⁶ “O Grupo Cultural Tiduca, surge de uma vertente do Grupo de Dança Afro e da Associação de Capoeira Filhos de Cananéia. Diante da necessidade de fortalecer e resgatar não só a cultura Afro deixada de herança pelo povo africano, mas a cultura brasileira como um todo, pessoas de diversas afirmações do município de Cananéia se reuniram e o fundaram em 15 de janeiro de 2005”. Disponível em: <http://www.redecananeia.org.br/Grupo-Cultural-Tiduca-207>. Acesso em 16 mar. 2021.

²⁷ “O Jongo é uma forma de expressão cultural afro-brasileira que integra percussão de tambores, dança coletiva e práticas de magia. É praticado nos quintais das periferias urbanas e de algumas comunidades rurais do sudeste brasileiro. Acontece nas festas dos santos católicos e divindades afro-brasileiras, nas festas juninas, no Divino, no 13 de maio da abolição da escravatura. No Brasil, o Jongo se consolidou entre os escravos que trabalhavam nas lavouras de café e cana-de-açúcar, no Sudeste, principalmente no Vale do Rio Paraíba. [...] Sempre esteve em uma dimensão marginal onde os negros falam de si, de sua comunidade, através da crônica e da linguagem cifrada”. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Jongo_patrimonio_imaterial_brasileiro.pdf. Acesso em: 16 mar. 2021.

aspecto fundamental da entoação e poetização dos cantos e do ritmo da roda, mas também se trata de um conhecimento reservado e secreto.

A celebração do Jongo em meio à Praça Matriz figura como um espetáculo à parte na noite de sábado, ecoando o refrão da canção tocada e dançada: “Se eu fosse jongueiro dançava noite e dia”, transmitindo mensagens de felicidade e liberdade, remetendo o tema da relação das pessoas com a natureza. Vale destacar, que antigamente, as mulheres e as crianças não participavam do Jongo – “Atualmente, o enfrentamento por poder dentro do grupo não segue mais os antigos desafios e as mulheres e as crianças participam da produção de “uma nova consciência”. (ANDRIOLO e VIDOTO, 2017, p 16)

Desta forma, o grupo Cultural da Tiduca proporciona, no Centro Histórico, caracterizado por casarios coloniais portugueses, o domínio de outras culturas que se integram àquele contexto, tomando o centro do crível e do memorável, resignificando a estética do lugar. Essa sensibilidade estética, que reconhece sua integração na vida das culturas humanas é, segundo Berleant (2013, p.32), “uma estética de contexto e continuidade [...] [nesse sentido], o domínio estético da experiência infunde as muitas e variadas atividades nas quais nos engajamos, desde as tarefas diárias até a cultura popular”. (BERLEANT, p.32)

Em outros espaços urbanos de Cananéia, como a Praça da Theodolina Gomes, conhecida como Praça da Tiduca, a celebração do “Festival de Fandango” (Figura 8) – que mobiliza vários setores de atividades da cidade, reunindo diversos grupos de Fandango (IPHAN, 2017)²⁸ – abre a cidade para pessoas de diversos municípios e Estados do país, ‘reacendendo’ a arte instituída como “própria” do território de Cananéia e proporcionando o estabelecimento de diversos tipos de experiências: a convivência, o reencontro, as trocas, o toque, a dança, a contemplação... Estas vivências criam, tecem e recriam práticas espaciais.

No dia 13 de outubro de 2018, o Festival de Fandango na Praça da Tiduca, reuniu fandanguheiros de municípios como Guaraqueçaba, do bairro Barra do Ribeira – Iguape; de Ubatuba; de Paranaguá; de Cananéia e Cirandeiros de Paraty. Enquanto os grupos tocavam e revezavam a atuação, pessoas dançavam tanto na tenda quanto

²⁸ Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/agendaEventos/detalhes/480/2a-festa-do-fandango-caicara-em-cananeia-sp>. Acesso em: 16 mar. 2021.

nas mediações; houve troca de pares e os que assistiam, sorriam e apreciavam a dança e a música.

As escadas estavam ocupadas por outros grupos de pessoas que conversavam e sorriam. Nos arredores do Festival, barracas que comercializavam produtos locais compunham o espaço, dentre elas, estavam: a de artesanato e roupas “Mulheres da Enseada da Baleia (MAE)”; a de Cataia; a de compotas de produtos agrofloretais.

Figura 10 - Festival de Fandango em Cananéia, 2018



Fonte: A autora.

Em outra oportunidade, o Festival de Fandango que, geralmente, acontece na Praça da Tiduca, em 2019, aconteceu em outro espaço, pois a mesma estava interditada, porém, não impediu os fandangeiros de se reunirem na Sede da Cooperativa de Pescadores e montarem seu palco (Figura 10). Ali, em frente aos locais ocupados pela atividade pesqueira, foi possível, em meio ao Festival, perceber a pesca e o Fandango dos tempos de outrora, em outras roupagens.

Nos dias atuais, o Fandango promove a celebração dos encontros, representando uma cultura que se mescla, promovendo trocas de experiências entre grupos de diversas localidades. Neste movimento, as músicas e as poéticas unem os espaços geográficos. Nesse sentido, as comunidades ultrapassam os espaços geográficos pré-estabelecidos e delimitados fisicamente, formando a estética do engajamento no espaço das práticas socializáveis.

Figura 11 - Dança de Fandango, 2019



Fonte: A autora

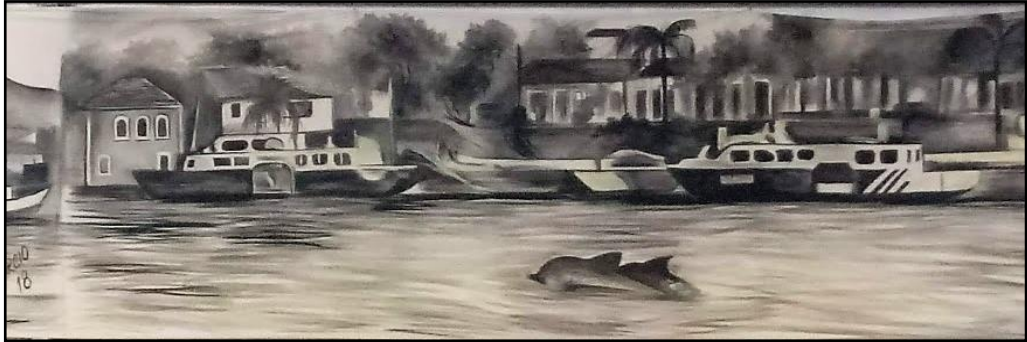
Pontua-se que o fandango também faz parte de outras festividades, como tradicional “Festa do Mar” de Cananéia que, naquele ano, fora transferida para o feriado de 9 de julho.

Organizada no espaço de eventos da cidade, a Festa do Mar contou com uma estrutura composta por tendas brancas que chamava a atenção: havia uma entrada decorada com sereias; as conchas complementavam a decoração. Internamente, o espaço abrigava uma tenda maior com quiosques de alimentos e bebidas típicos, docerias, restaurantes e bares. As cadeiras dos estabelecimentos circundavam o palco onde os artistas locais se apresentavam.

No evento foi possível usufruir das manifestações culturais e artísticas do município, uma vez que os comerciantes locais decoravam seus espaços com imagens da região. Dentre eles, destaca-se um restaurante decorado com os desenhos do conhecido artista da região, Márcio Xavier, que retratavam a paisagem cotidiana de Cananéia (Figura 12 e Figura 13).

Ressalta-se, neste ponto que, utilizando uma sensibilidade que não apenas permite ver ou ouvir, mas experienciar a vida em espaços e tempos diversos e as culturas diferenciadas, é possível o engajamento em todos os lugares em se possa estar.

Figura 12 - Imagem de Cananéia vista da Ilha Comprida



Fonte: A autora.

Figura 13 - Barcos Pesqueiros



Fonte: A autora.

No evento havia estandes de artesanatos produzidos pela Associação dos Artesãos de Cananéia – Rede Cananéia. Reproduções de casas caiçaras localizadas no centro do ambiente do evento, feitas de barro batido e telhado de folhas, representavam a cultura local (Figura 14). Aos visitantes, era permitido adentrar no ambiente interno da construção, permitindo-se uma experiência mais próxima com o modo de vida caiçara, com os modos de fazer e viver. O contato do visitante com todo o ambiente do evento conduzia a uma imersão no campo desta cultura:

"[...] a cultura popular não pode ser entendida como a “expressão” da personalidade de um povo, à maneira do idealismo, porque tal personalidade não existe como uma entidade a priori, metafísica, e sim como um produto da interação das relações sociais.” (CANCLINI, 1984, p. 42)

Figura 14 - Visitantes na Casa Caiçara



Fonte: Acervo da autora.

Como uma extensão da casa, também havia a construção de uma representação da tradicional Casa de Farinha demonstrando o ambiente de produção de alimentos, composto por um forno a lenha, um pilão de arroz e um moinho, ambos utilizados na fabricação da farinha de mandioca (Figura 15 e Figura 16). Nesse sentido, infere-se que “As ‘maneiras de fazer’ se constituem como as mil práticas pelas quais as pessoas se apropriam do espaço organizado pelas técnicas de produção sociocultural”. (CERTEAU, 2008, p. 41)

Ainda há casas como esta, dispersas, especialmente, nas comunidades rurais e nas comunidades mais longínquas. A produção artesanal de farinha de mandioca e o pilão de arroz simbolizam a culinária caiçara e caipira do Vale do Ribeira. As imagens a seguir trazem os objetos que compõem a cultura de outros tempos, mas que ainda utilizados pelas pessoas mais velhas ou mesmo por aqueles que reinventam e/ou recriam essa cultura.

Importa ressaltar a ideia de que a cultura popular está intimamente ligada às estruturas sociais que as delimitam, no sentido de ultrapassar uma forma “ingênua ou folclorista de concebê-la” (CERTEAU, 2013). Esta perspectiva conduz a uma

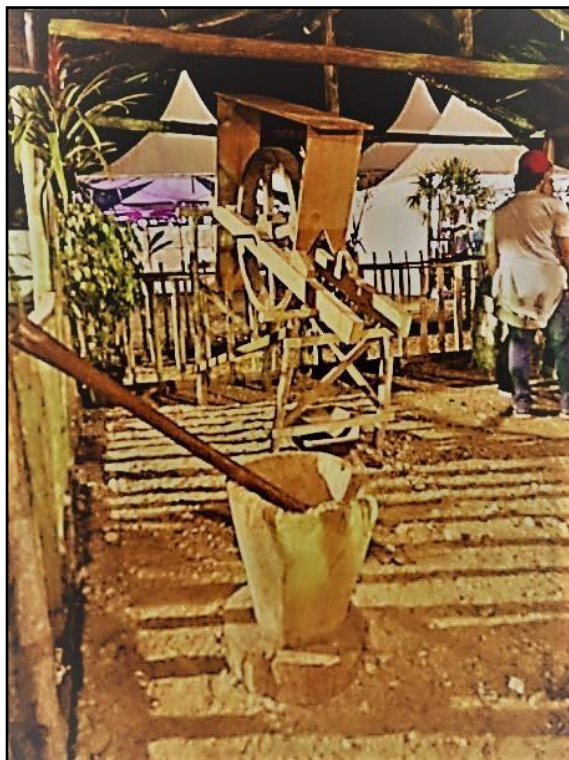
possibilidade de reflexão crítica no retercer dos tempos históricos, demarcando as relações de dominação presentes em um contexto.

Figura 15 - Figura 15- Moinho e Forno



Fonte: Acervo da autora.

Figura 16 - Pilão



Fonte: Acervo da autora.

No entorno da casa caiçara, artistas e agricultores comercializavam seus produtos, entre eles, associados da Rede Cananéia, dos quais se destaca, aqui, o Sítio Bela Vista (área continental de Cananéia), que produz alimentos naturais com base no sistema agroecológico – mel, doces e cataia – além de promover visitas às trilhas da propriedade.

Dentre os quiosques de artesanatos locais, destaca-se o do conhecido artesão Zé Marques, que trabalha com miniaturas em madeira dos símbolos da Festa do Divino e de temas ligados à natureza, geralmente animais; atualmente, o artesão confecciona lápis e representações das figuras de pescadores, bananeiros e alguns santos. No estande da Arteca (Associação de Artistas de Cananéia), registrava-se a presença das artes manuais confeccionadas em tecido, como bolsas, carteiras, panos de prato e toalhas.

A variação artística exposta na Festa do Mar trazia alguns traços das artes de Cananéia, compostas pela variedade de materiais e de elementos culturais. Entende-se que a exposição apresentou um panorama de diversidade, tendo como centro a representação da cultura. A casa caiçara marcava o lugar do privado, “onde se desdobram e se repetem dia a dia os gestos elementares das “artes de fazer”, a casa da gente” (CERTEAU, 2013, p. 201), configurando o tempo de outras gerações que deram início à habitação do Mar, em comunhão com a natureza via produção agrícola, nutrindo os espaços e os dias.

Estas habitações permitem pensar o passado e o presente, o círculo de relações sociais, o descanso e a proteção enquanto seres humanos. As mesmas proporcionam a retomada da memória para uns e, para outros, a continuidade desta mesma estrutura e modos de habitar, em uma composição que deriva da casa e compõe a cultura.

A musicalidade presente na festa também alternava o passado e o presente: Grupos de Fandango assumiram o palco por volta das 17 horas e, na mescla entre o que é considerado próprio da cultura caiçara e o ‘que vem de fora’, jovens e adultos também ocupavam, mais tarde, o palco com canções que variavam da MPB ao Rock Nacional e Internacional, configurando a hibridação da cultura.

O encontro do passado e do presente no mesmo lugar proporcionou à pesquisadora/participante/observadora a experiência estética dos elementos

artísticos que compõem Cananéia. Para além da promoção da cultura, a festa e o ambiente levavam ao visitante traços da cultura caiçara, fragmentos da história de uma região. Em momentos como esses, os artesãos têm a possibilidade de se apresentarem em diversos ambientes no perímetro urbano em Cananéia, em tempos e locais específicos, transformando-se em eventos municipais. Nesses espaços cercados de temporalidades e dimensões sociais e estéticas, as pessoas interagem com a cultura local e, ao mesmo tempo, vivenciam as diferenças entre o passado e o presente inseridos, ao mesmo tempo, na paisagem do centro da cidade.

3.2. Tempos e Espaços da Cidade

Os tempos e espaços do centro histórico ainda oferecem outras artes, como um tecido colorido pendurado entre as árvores da Praça da Matriz²⁹: a intervenção do vai e vem do tecido à brisa soprada do Mar Pequeno remete à fluidez de outras práticas, como a de um homem lendo um livro.

Figura 17 - Tecido colorido, homem e bicicleta



Fonte: Acervo da autora.

Nesta imagem, a Praça, que apresenta movimentos distintos entre os dias da semana e os finais de semana, sendo um ambiente geograficamente centralizado no contexto em pauta, nos convida a diversos olhares e comportamentos. Assim, se a arte está exposta neste local – que, ao mesmo tempo, é ponto de descanso e lazer dos caminhantes e moradores da cidade e palco das cores e sons – experimenta-se a sensação da centralidade da mesma.

²⁹ Ressalta-se que estes trajetos e apontamentos foram realizados em 2018, portanto a paisagem pode ter sofrido alterações.

Muitas vezes ocorre, ali, uma exposição de arte indígena tendo, ao centro do cenário, dois canhões que constituem parte da história oficial da cidade:

“os canhões em outras épocas estavam mais próximos da Igreja, foram fabricados na Inglaterra e trazidos para Cananéia na época da colonização, mostra-se em seu corpo o ordenamento da Coroa inglesa. A princípio, eram quatro, sendo que dois ainda continuam na Praça, um foi testado no Forte da Trincheira na comemoração do 4º Centenário e o outro foi para Iguape” (Gustavo, Caderno de Campo, janeiro, 2018).

As exposições que se apropriam da Praça, especialmente de suas bordas, apresentam-se de forma táctica para quem passa. Os artesanatos das comunidades indígenas do Vale do Ribeira³⁰ compõem as possibilidades de intervenção artística impressas em cores vivas – rosa, amarelo, verde – e a tonalidade preta dos utensílios de uso doméstico, como as cestas e descansos de panela, além das representações de animais silvestres, como as onças pintadas, simbolizando a floresta.

Mulheres e crianças indígenas buscam vender seus artesanatos neste espaço, que promove tantas outras integrações sociais. Nos períodos de maior fluxo turístico, a mesma Praça é ocupada pela arte dos chamados ‘hippies’, porém, as vendas ocorrem na Avenida Beira Mar, onde o fluxo de carros e pessoas que embarcam ou desembarcam para a balsa é maior. O ponto de exposição é o caminho que leva aos restaurantes e bares, onde as pessoas interagem e caminham.

No final da Avenida Beira Mar há o caminho que leva ao mercado municipal, ou o caminho ao Morro São João, em que ainda se pode avistar algumas vielas e casas tombadas pelo Patrimônio Histórico. Caminhar nestes trechos remete à história oficial de Cananéia, mas há outras possíveis histórias e artes. Chegando à Praça, pode-se seguir em frente ou virar à direita, em uma rua chamada Pedro Albus, toda de paralelepípedo, com calçadas irregulares, onde há pontos de venda de outros artesanatos e lojas diversas (Figura 18).

³⁰ A população indígena do Vale do Ribeira está organizada em dez aldeias Guarani formadas por famílias pertencentes aos subgrupos Mbyá e Nandeva. A Fundação Nacional do Índio (Funai) estima que a população indígena na região tenha mais de 400 indivíduos. Os Guarani Mbyá vivem próximos ou mesmo dentro de Unidades de Conservação e nelas se relacionam com os recursos naturais de modo tradicional, pois seu padrão de economia está baseado na agricultura de subsistência. A caça e a pesca são atividades sazonais e sua relação com o espaço e a natureza também é pautada por preceitos religiosos e éticos. Disponível em: < www.quilombosdoribeira.org.br>. Acesso em: 24 abr. 2021.

Figura 18 - Rua Pedro Albus - Pessoas e Rua de Paralelepípedo



Fonte: Acervo da autora.

Andando em linha quase reta, passando pela Igreja da Matriz de São João, as imagens na parede e uma placa de madeira nos levam à Rua do Artesão onde há quiosques de alvenaria sequenciados - alguns abertos, outros fechados (Figura 19).

Figura 19 - Rua do Artesão



Fonte: Acervo da autora.

No percurso, o caminhar, não necessariamente regular, conduz às janelas dos quiosques, pelas quais se observa artesanatos em crochê, biscuit, madeiras, entre outros materiais. As janelas ficam abertas como vitrines e as portas convidam a entrar. Em cada quiosque se percebe um modo de fazer diferente. Um chama mais a atenção: há violinos e rabecas pendurados, mudas de plantas nativas do lado de fora e uma imensidão de brinquedos de madeira. A viola caiçara é um instrumento típico do fandango, fabricado na Ilha de Cananéia e no bairro do Ariri. Mesmo que haja grupos de fandango por toda Cananéia, apenas alguns artesãos fabricam os instrumentos.

Trata-se da loja do Sr. Amir, que conta histórias guardadas na memória e faz o fandango ser contemplado através dos objetos de própria fabricação.

Figura 20 - Rabecas do Sr. Amir



Fonte: Acervo da autora.

No quiosque do artesão Amir Oliveira também é possível encontrar a “cataia”, uma bebida feita com a folha da planta de mesmo nome, considerada um patrimônio local, visto que só existe na região. Admirada pela comunidade local e turistas, a cataia pode também ser encontrada na “Cachaçaria Rios”, administrada por Perla Rios, que fabrica cataias buscando inovações no sabor, com misturas de frutas.

Seguindo se observa um quiosque que vende salgados, café e bebidas. O proprietário já confeccionou alguns instrumentos do fandango, como o pandeiro. Ao tomar um café no quiosque, ouvi deste senhor sua preocupação com o interesse dos jovens pelo Fandango, enfatizando que muitos querem ou precisam deixar a cidade

para buscar outras oportunidades. Ele também comentou que já havia saído de Cananéia, no momento em que a legislação ambiental ficou mais severa, impedindo, segundo sua interpretação, “a população local de plantar seu próprio alimento”. Quando retornou, abriu a lanchonete em pauta.

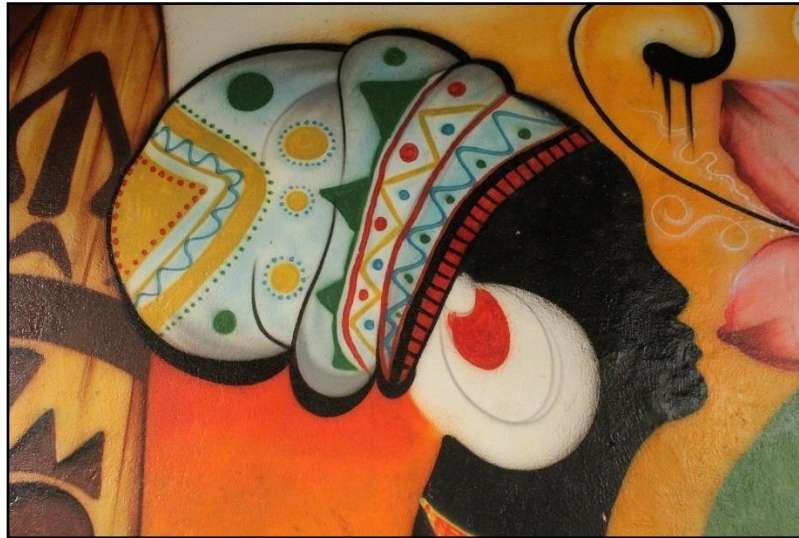
Em frente ao quiosque, há a Praça da Tiduca, com seu Busto (Figura 21). Segundo Neyton, a pedido de D. Maria Júlia, ele idealizou e desenhou o espaço da Praça levando em consideração os bancos e as árvores em relação ao palco (Caderno de Campo, 2018). Além de bancos, árvores e uma escadaria, a Praça abriga um palco com painéis que trazem as representações do caiçara, do indígena e do negro, com a Mata Atlântica ao fundo, remetendo aos povos de Cananéia (Figura 22).

Figura 21 - Busto Teodolinda



Fonte: André S.

Figura 22 - Pintura na Parede



Fonte: André S.

Este caminhar das variações e das idas e vindas buscou mapear as artes e suas possibilidades no território do Centro Histórico de Cananéia, possibilitou descobertas através das janelas a revelarem outro mundo em conjunto com a paisagem. Desta forma, todo o corpo em movimento, as sensações, a multiplicidade e o engajamento neste cotidiano permitiram a compreensão dos fenômenos artísticos na experiência estética.

[...] se é verdade que existe uma ordem espacial que organiza um conjunto de possibilidades (por exemplo, por um local por onde é permitido circular) e proibições (por exemplo, um muro que impede prosseguir), o caminhante atualiza algumas delas. Mas também desloca e inventa outros, pois as idas e vindas, as variações e improvisações da caminhada privilegiam, mudam ou deixam de lado elementos espaciais". (CERTEAU, 2008, p 178)

O caminhar e o tecer neste território do cotidiano não somente nos conduzem pelas ruas e vielas, mas também trazem a presença do olhar, dos movimentos e das narrativas, seja em um café, seja no outro olhar, nos detalhes que emergiam dos objetos. Esta experiência da percepção dos fenômenos nos integra e entrelaça ao mundo ali, pronto a ser notado e vivenciado.

Em meio a idas e vindas, entradas e saídas cotidianas, os eventos também se apresentaram como um campo a ser visualizado nos detalhes das artes em Cananéia. Direcionada ou não aos turistas, a promoção de eventos geralmente aos finais de

semana e feriados, traziam a cultura local. A apreciação dos ambientes resultou na experiência sensorial desta pesquisadora quanto às práticas artísticas, não apenas no sentido de identificar as artes, mas de perceber como elas se revelam nos tempos e espaços deste cotidiano da cidade, ou seja, como as práticas se organizam a partir das situações e tempos.

Situações e ocasiões podem ser compreendidas, segundo Certeau (2008), quando o homem comum busca o tempo para as maneiras de fazer, ou, e segundo Berleant (2018), podem ser criadas ou simplesmente estar ali reveladas no mundo, para compor a experiência estética que vai nos sensibilizar sobre os valores estéticos os quais, por sua vez, se apresentam no desenvolvimento da consciência, ligados à perspectiva do percebido.

O sentido do corpo em movimento na dança, nas conversas informais, na observação e na participação em relação aos eventos abertos promove a experiência estética de quem está experienciando o mundo aberto, organizado para as experiências do prazer, do tédio, do barulho, entre outros. Na Festaça Caiçara do Fandango, notou-se os valores de integração entre os grupos de fandangueiros e o público através da música que aciona os sentidos de diversas maneiras, possibilitando o engajamento social.

Este engajamento ocorre nas interações entre espectadores, artistas, ambiente e música, promovendo a situação da experiência estética nos espaços do cotidiano. De acordo com Certeau (2008), o espaço é o cruzamento das mobilidades, os movimentos se desdobram, produzidos pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam às práticas. Nesse sentido, dentro da perspectiva de existir no mundo, o autor afirma que o espaço é existencial, e a existência é espacial (CERTAU, 2008, p. 202).

Nestes espaços, portanto, se estabelece a relação entre as pessoas que simplesmente observam e escutam as músicas e conversam e as que são convidadas a dançar e que, entre passos sincronizados, se observam e observam os outros. Esta relação nos remete à reciprocidade característica do Fandango em suas origens: a cooperação entre os vizinhos no trabalho nas roças, nas celebrações e nas festividades religiosas.

Assim, a Festa Caiçara do Fandango possibilita, bem ali, no espaço caracterizado como Patrimônio Cultural Imaterial Centro Histórico), o retorno do passado no presente através da experiência estética do observador e do participante desta arte.

Ademais, é importante ressaltar a materialidade dos instrumentos e demais objetos artísticos que compõem o centro histórico e expressam as práticas artísticas revelando-se no cotidiano, como as práticas ordinárias que se revelam na cultura de um povo (CERTEAU, 2013). Neste contexto, além da experiência estética, a Festa sintetiza a totalidade da vida de cada comunidade, a sua organização econômica e suas estruturas culturais, as suas relações e as repostas de mudança (CANCLINI, 1984, p 54). A festa é, pois, uma ocasião na qual a sociedade penetra no mais profundo de si mesma.

Importa demarcar que o quadro das artes apresentado nesta seção representa apenas um fragmento da arte revelada, não sua totalidade, visto que a própria metodologia proposta abarca o microcosmos. Seguindo a busca, pelas ruas do Centro Histórico, esta pesquisadora depara com o Empório Dell Arte e, ali, vislumbra a possibilidade de conhecer e participar do cotidiano dos artistas da cidade, de se relacionar com este mundo que é sensível e sentiente, que toca e é tocado, no qual se dão as maneiras de fazer.

A próxima seção apresenta ao leitor o Ateliê Empório Dell'Arte, onde se tecem e retecem artes a partir de memórias presentes e passadas, no qual figuram os principais sujeitos desta pesquisa. A partir da experiência desta pesquisadora junto ao ateliê, a pesquisa se desdobra em visitas às localidades de Ararapira; Ariri; Marujá e Enseada da Baleia, também apresentadas a seguir.

4. NARRATIVAS E IMAGENS

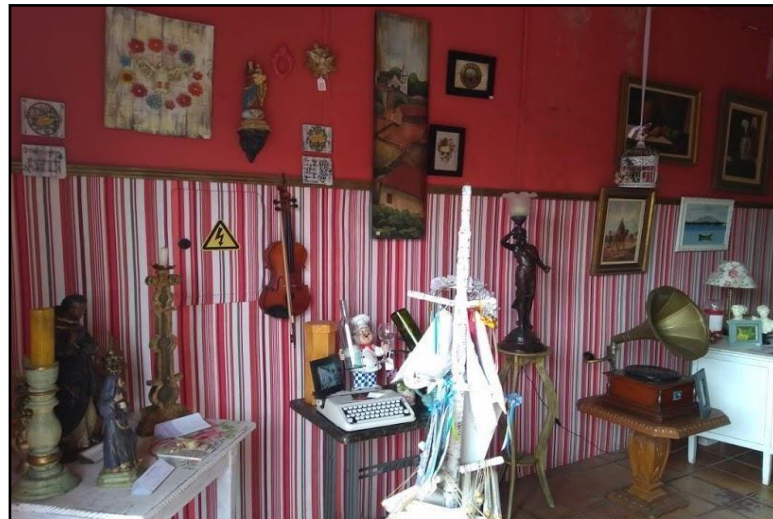
4.1. Empório Dell'Arte

4.1.1. O Ambiente³¹

O Empório Dell'Arte, situado à rua Thalles Bernardes, há algumas quadras do Centro Histórico, é um estabelecimento comercial de artes de diversos os tipos, desde quadros até antiguidades. A loja é composta por peças decorativas, como mesa e abajur; o espaço frontal abriga quadros, esculturas, peças feitas em madeira, artesanatos em gesso e cerâmica, além de *decoupage*³². Em meio aos objetos artísticos, há imagens de quadros e souvenirs para turistas.

Adentrando mais à loja, após quatros degraus, encontra-se um salão com paredes brancas e vermelhas que, ao mesmo tempo, é um espaço para aulas de pintura e onde funciona o ateliê dos artistas locais Neyton e Gustavo³³ – o primeiro é um artista plástico e o segundo, escultor e restaurador de imagens sacras. (Figura 23)

Figura 23 - Empório Dell'Arte



Fonte: A autora.

³¹ Esta descrição sobre o ambiente foi realizada ao longo do período da pesquisa e se manteve a fim de transmitir as impressões da pesquisadora naquele momento. O mesmo pode ter sofrido alterações no decorrer do tempo.

³² *Decoupage* é a arte de cobrir uma superfície com recortes de jornal, revista, papel, dando a aparência de uma delicada incrustação (Nota da Autora).

³³ Os nomes citados neste estudo são os originais, sob a permissão dos participantes referidos.

Nas paredes do salão estão os quadros produzidos e/ou inacabados dos alunos, entre as peças dos artistas; neste ambiente também há um balcão branco destinado ao café, abrigando cafeteira, xícaras marrons, um copo com colheres, um pote de açúcar e outro de adoçante, um pote com bolachas e, frequentemente, bolos trazidos pelos alunos, alguns feitos em casa (Figura 24).

Figura 24 - Ambiente de Pintura



Fonte: A autora.

Atrás deste balcão há prateleiras para utensílios de festa, como pratos e colheres descartáveis e, sobre ele, uma prateleira com uma escultura grega feita de gesso, uma pedra, algumas minis esculturas de gesso, uma moldura de quadros e alguns livros, dentre eles, um livro do artista Van Gogh (Figura 25).

Figura 25 - Prateleiras com esculturas, livros e outros objetos

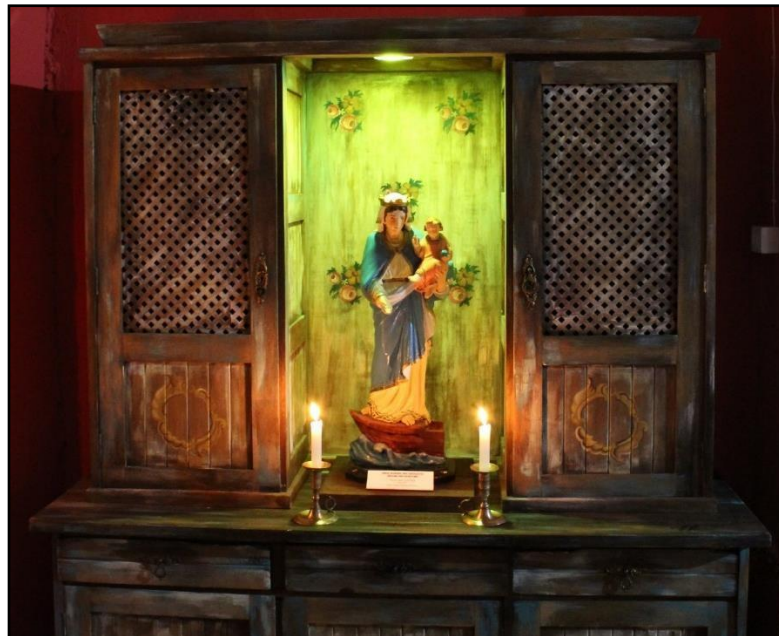


Fonte: A autora.

Na prateleira de outra parede, uma rabeca, um LP (vinil) de músicas antigas sobre Cananéia, um recipiente de pincéis e vasos oferecem ao observador alguns traços da história da cidade. É interessante pensar na composição deste ambiente, composto de referências históricas, culturais, pelas cores e superfícies de madeiras: tanto mesa quanto os cavaletes estão localizados no centro da sala, durante as atividades da pintura.

Todo o ambiente é composto por um padrão de arte de diferentes estilos, enfatizando a arte clássica e/ou sacra. Os pincéis e as tintas a óleo se encontram em caixas individuais dos alunos, mas há também pincéis e tubos de tintas espalhados pela mesa branca, sugerindo algum trabalho a ser realizado ou finalizado. A prateleira com telas de diversos tamanhos para serem vendidas e o móvel que abriga uma imagem da Nossa Senhora dos Navegantes (Figura 26) são em madeira. O móvel possui frestas e gavetas que abrigam livros, alguns moldes de pintura e revistas, os quais são utilizados na sequência das aulas ministradas, especialmente, aos adolescentes, que aprendem a desenhar com carvão e nanquim.

Figura 26 - Imagem Nossa Senhora dos Navegantes



Fonte: A autora.

Na parede também são penduradas as paletas de tintas de diversos tamanhos e formas, sugerindo misturas de cores, remetendo ao fazer artístico; não há uma regra para a disposição e utilização das mesmas, o professor as distribuiu conforme as propostas dos desenhos. Em um canto do espaço destaca-se um quadro com os primeiros desenhos (projetos) da Igreja de Cananéia e da Igreja de Iguape (Município localizado 90km a norte de Cananéia). Eles foram reproduzidos do livro “Diário de Viagens”, de José Custódio de Sá e Faria, datado de 1776. Atualmente, a Igreja de Iguape foi elevada a “Basílica Santuário de Bom Jesus de Iguape”. O quadro é uma ampliação do desenho original, segundo Gustavo, feita pelo Padre João³⁴ para referir as mudanças arquitetônicas pelas quais as Igrejas passaram desde a sua concepção (Figura 27).

Figura 27 - Réplica dos Primeiros desenhos - Igreja de Cananéia e de Iguape



Fonte: A autora.

³⁴ Referido anteriormente, na seção “Material e Métodos”.

O escultor Gustavo Bernardo, referido anteriormente, ocupa, neste espaço, um banco e uma bancada, a qual abriga as peças encomendadas para restauro ou mesmo confecção de peças e quadros – é possível ver, na parede, duas de suas pinturas: uma retrata a profissão de São João Batista e o outro, ainda não terminado, da Nossa Senhora dos Navegantes³⁵.

A organização deste ambiente descrito, de paredes vermelhas e brancas nas quais são pendurados os quadros, remete à ideia do que seja um ateliê, portando referências do mundo pensado de forma ampla e, muito especificamente, ao pensamento artístico sobre a história do local onde se situa: Cananéia. O misto de objetos, ferramentas para o trabalho da pintura e da escultura, livros, obras por terminar, o bolo feito em casa pelos alunos, o cafezinho, tudo disposto em todos os lugares e em cada ponto do salão, remete a uma estética cotidiana (MANDOKI, 2013) (Figura 28).

Figura 28 - Ambiente do Ateliê



Fonte: A autora.

Ainda na composição deste ambiente há a presença da música – os sons ecoam, suaves à escuta e entram em consonância com as pinceladas, favorecendo a atenção do artista ou aprendiz para a realização da atividade de pintura e para o

³⁵ Nossa Senhora dos Navegantes é a padroeira de Cananéia.

desempenho, até corporal, do escultor, em relação aos detalhes das peças a serem moldadas. Os sons de diversos estilos de músicas – Bossa Nova, Marchinhas de Carnaval, MPB, New Age, entre outros. – são voltados, portanto, à inspiração e à atenção plena dos alunos e dos próprios artistas na busca pela perfeição das imagens trabalhadas (Figura 29).

Figura 29 - Ambiente Aula de Pintura



Fonte: Neyton Pontes.

Enquanto as músicas tocam, as vozes e as conversas referem dúvidas, há risadas e comentários e todos os gestos e posturas são trazidos à tona em meio às perguntas dos alunos, como: ‘Está certo o que estou fazendo?’; ‘Como está ficando a pintura?’; ‘Professor, por favor, venha dar o toque de artista no meu quadro?’. As pausas para o café propiciam conversas sobre a vida cotidiana e, sobrepostas ao som da música, as histórias de vida são compartilhadas.

A atenção à produção da imagem e ao diálogo consigo mesmo fazem parte das aulas de pintura; os movimentos do pincel na paleta, as misturas de cores, o retirar do excesso de tinta compõem as ações da atividade de pintar. Durante as atividades, as vozes silenciavam em alguns momentos e o som da música embalava o movimento do pincel na tela, especialmente quando dos detalhes menores, para os quais eram

utilizadas, muitas vezes, lupas, em busca, por exemplo, da fidelização da reprodução de imagens fotográficas.

O ambiente pôde ser percebido desta forma por meio da apreciação estética cotidiana no decorrer da participação desta pesquisadora nas aulas de pintura, em que o olhar se voltava tanto à organização do espaço como dos corpos dos artistas – suas posturas e movimentos – e a detalhes, a exemplo do ‘jogo de luz e sombra’ no ambiente: a posição correta dos cavaletes era no sentido oposto à luz, para que a mesma iluminasse diretamente as telas e não o rosto do pintor. Observar os detalhes no comum, no prosaico. (MANDOKI, 2013)

Consideramos, portanto, a partir da perspectiva da estética do cotidiano (MANDOKI, 2013) e da apreciação estética, que os elementos e eventos concretos da vida cotidiana apresentam relevância estética e, nesse sentido, devem ser valorizados, pois despertam nossa sensibilidade para suas características simbólicas. Em outras palavras, esta perspectiva celebra os sentidos e o caráter simbólico na materialização das atividades e dos objetos prosaicos, comuns da experiência de vida no cotidiano, para além do campo das artes.

Segundo, portanto, a estética cotidiana, para além de uma racionalização, há uma sensibilidade em relação à organização dos ambientes. Vale frisar que o cotidiano das aulas requer uma organização tanto dos objetos como dos comportamentos; podemos, inclusive, descrever como os objetos são dispostos para que cada aluno realize sua prática. Toda composição dos objetos abrigados no espaço do ateliê denota conhecimento e qualidade, fazendo parte da realização da prática artística e interferindo no resultado estampado nas telas.

Ao tratarmos de comportamentos, nos detemos nos alunos, tanto na posição, nas preferências dos locais para sentar-se, nas conversas e/ou silêncios. Para a Mandoki (2013), no campo das discussões sobre objetos, qualidades e comportamentos, os primeiros são capazes de imprimir uma estética profunda à materialidade cotidiana.

Neste sentido, observar os objetos pela abordagem da estética através dos sentidos (visão, audição, tato, olfato, paladar e sentimento – feeling) possibilita a apreciação estética e, por consequência, a ampliação do conhecimento. (QUINET, 1984, apud MANDOKI, 2013).

Neste campo de análise e de reflexão, para além dos objetos, destacamos as qualidades cotidianas das ações, como arrumar, bagunçar, limpar, entre outras: “Se tudo tem uma dimensão estética, o mesmo acontece com toda experiência de tudo, já que tudo nos representa apenas na medida em que experimentamos, e uma dimensão estética é inerente a toda experiência” (BERLEANT, 1992, p.38). Nesse sentido, podemos sentir prazer ao limparmos ou arrumarmos algo que contemplamos. Segundo, ainda, Mandoki (2013), o campo da estética pode ser aberto para outros aspectos da experiência cotidiana, observando-se: direção do objeto; afeição; liberdade; descoberta ativa; e senso de totalidade.

Os comportamentos cotidianos podem ser entendidos como ‘as maneiras de fazer’; segundo Dissanayake (1995, apud MANDOKI, 2013), uma vez que há um “*make special*” não somente no campo das artes, mas também no social e/ou cultural. Neste enfoque, a arte é tratada como um comportamento necessário para a sobrevivência, e sobreviver refere-se às maneiras de fazer arte no cotidiano, não necessariamente de maneira profissional e tanto em espaços fechados como abertos.

Destarte, neste cotidiano se expressa a vida comum na qual as práticas ressoam a existência humana, revelando contornos estéticos e dando pistas para descrevermos a maneira pela qual somos tocados pelos objetos. Perceber os ecos e as ressonâncias do eu e do outro no mundo promove a participação e o engajamento do vivido em todos os aspectos da vida nos espaços construídos ou naturais.

Desta perspectiva, retornando à descrição iniciada, segue-se a organização das aulas de pintura, nas quais os objetos utilizados são: tintas a óleo, pincéis e telas – estas variam de acordo com as imagens a serem produzidas. As cores básicas para as aulas são amarelo cádmio, azul da Prússia, vermelho francês, branco titânico, preto, terra Siena e magenta. As misturas certas compõem os diversos tons de verde, de marrom, de rosa e de vermelho.

O amarelo e o azul, compondo tons de verde pintam as folhas e a vegetação nos quadros, sendo que as tonalidades variam de acordo com o toque do pincel sobre o amarelo sendo arrastado para o azul, este movimento requer a ponta do pincel, geralmente, número 10, percorrendo a paleta em movimentos circulares que geram a mistura. Este é um exemplo do movimento feito para a pintura da vegetação e das folhas dos ‘Chapéus de Sol’ da imagem “Casa da dona Gloria”, localizada na Vila do

Ararapira (Figura 30). Esta pintura foi realizada por esta pesquisadora a título de curiosidade e interesse pelo local³⁶:

Figura 30 - Tons da vegetação e folhas das árvores



Fonte: A autora.

As cores e os tipos de pincéis eram definidos, no decorrer das aulas, pelo professor para cada aluno, mas a maioria levava ou deixava no ateliê seus próprios estojos de materiais. Os cavaletes brancos e os godês (objeto para depósito e limpeza dos pincéis) eram do ateliê, sendo que os últimos eram abastecidos de thinner e óleo de linhaça, ambos usados para dissolver as tintas a óleo.

Na prática do desenho era possível perceber, a cada pincelada, a leveza e o peso inscritos no movimento das mãos e dos braços, reflexo do modo de se sentar diante da tela e do ponto da mesma que está sendo pintada: algumas vezes, se curvar sobre a tela ou afastar a cadeira eram movimentos necessários para que se chegasse ao ponto desejado. Isso fazia com que alguns alunos, como eu, de tempo em tempos, se levantasse e fosse tomar um café.

³⁶ Mais adiante, apresentamos de maneira mais completa a Vila de Ararapira.

Percebe-se, nesta descrição, que pintar é uma atividade corporal que leva em consideração não somente os sentidos da visão e do tato, mas mobiliza o corpo todo na composição dos traços da pintura. Nesse sentido, a interação do pintor com a imagem vai além da escolha do que se deseja pintar ou das cores escolhidas pois, antes, há uma interação inclusive no momento em que se pensa e se questiona a imagem, assim as perguntas vinham à tona tanto entre o grupo de alunos, como deste com os professores, preenchendo o espaço do ateliê com significados compartilhados.

As imagens produzidas a partir das tintas e telas variavam de aluno para aluno – naturezas mortas, paisagens diversas, e a própria cidade de Cananéia, mais precisamente, o Centro Histórico. Neste caso, na intersecção do espaço urbano com o natural, as imagens que circulavam nas aulas de pintura retratavam as várias faces do ambiente do município. Se os casarios do Centro Histórico e a Igreja Matriz eram ilustrados e contados nas pinturas, juntamente com apontamentos e lembranças dos alunos, as narrativas e sua escuta compunham as aulas.

Alguns alunos traziam informações e fotografias da Cananéia de outrora, resgatando e contando histórias relativas aos modos de vida e cenários habitados por cerimônias religiosas e navegações. Esses momentos eram divididos entre arte, histórias, cafés e memórias, pois muitos acabavam interagindo, seja para escutar, seja para comentar algum fato do passado. Neste espaço-tempo dos cafés, as narrativas de viagens e de imagens da cidade eram mais frequentes, pois essas pausas também nos proporcionavam sair do nosso lugar e percorrer o espaço do outro.

4.1.2. Narrativas de Imagens

Houve momentos significativos nesse sentido do revisitar histórias e memórias nas aulas aqui referidas; um deles foi quando uma aluna pintava uma foto da Rua Tristão Lobo (Figura 12), próxima ao Centro Histórico e na qual está localizado, atualmente, o Museu Municipal de Cananéia. O tema de uma conversa que surgiu a partir desta pintura era turismo em Cananéia, monitores ambientais e sobre os debates das aulas que esta pesquisadora estava ministrando³⁷. A Rua Tristão Lobo foi uma das primeiras de Cananéia e era a 'Rua do Comércio', onde se localizavam os armazéns de arroz que eram levados para as embarcações, como está ilustrado na imagem (Figura 31).

Figura 31 - Rua Tristão Lobo



Fonte: A autora.

Na época, não existia a rua em que se localiza, atualmente, o ateliê em pauta – segundo a aluna que pintava o quadro, este fato pode ser observado pela posição da porta da Igreja da Matriz, que não está direcionada para a Avenida Beira Mar e sim para esta rua, na qual havia um rio chamado Rio Piranguinha, que escoava no sentido

³⁷ Na ocasião, esta pesquisadora ministrava a Disciplina “História Aplicada ao Turismo Receptivo junto a uma Classe Descentralizada do Município de Jacupiranga, no Curso Técnico de Turismo Receptivo, na Escola Técnica Estadual de Registro-ETEC.

do Morro São João Batista. Atualmente este rio está canalizado e o efeito pode ser sentido em dias muitos chuvosos, pois a rua alaga.

Segundo, ainda, a aluna a área em pauta foi aterrada e foram construídos casas e bairros no entorno. Comentou-se, ainda na mesma conversa, sobre a importância de pintar algo relacionado à história do local em que se vive e a aluna relatou a atuação de um padre que ficou na paróquia de Cananéia durante muito tempo, o qual percorria todas as comunidades caiçaras e os bairros do município promovendo o reconhecimento das próprias pessoas como caiçaras, incentivando-as a conhecerem sua própria história.

Em uma das suas frases, a aluna disse: “Pintar Cananéia é montar pedaços da história que foi esquecida ou que poucas pessoas sabem” (Caderno de Campo, junho, 2018), enfatizando que as pessoas precisam se reconhecer como caiçaras e se orgulharem disso, valorizando a relação com a natureza e seu modo de vida, pois caiçara não designa somente quem pesca, mas as pessoas que moram em Cananéia.

O relato de outra aluna sobre o quadro da rua em questão trouxe a memória de como era o assentamento das ruas da localidade por volta do ano de 1940, época em que ela pintou o quadro abaixo (Figura 31): “Eu acho que as ruas tinham conchas, pois eu lembro que antes de colocarem paralelepípedos, as ruas brilhavam luz do sol” (Caderno de Campo, junho, 2018).

Figura 32 - Rua de Areia



Fonte: A autora.

Nota-se, na imagem, que a rua era de terra/areia (Figura 32). Esse recurso visual da pintura auxilia no processo de rememoração e de significação do processo histórico de uma localidade e de uma população. Algumas reproduções partiam de fotos de viagem e outras dos quadros de Neyton, pois este pintava Cananéia a partir de diversas fontes, desde os casarios históricos até imagens de telhados.

4.1.3. Igreja de Ararapira

Nas conversas sobre viagens, um dos alunos estava mostrando os lugares e as paisagens que havia percorrido de Catamarã (embarcação com dois cascos) e mostrou a imagem da Igreja de Ararapira, pois tinha passado pelo local. O trajeto do Catamarã é um passeio que realiza um dos percursos históricos de Cananéia, referente à época em que os barcos e navios escoavam a produção da ilha. Neste, a Vila de Ararapira era um entreposto entre Cananéia e Paranaguá.

Entre os comentários de viagens, três colegas fizeram o passeio do Catamarã, que sai da Ilha Comprida e passa por alguns pontos de Cananéia, como Ariri e Ararapira, até chegar à Ilha das Peças, onde se pega outro barco com destino a Ilha do Mel, na baía de Paranaguá, Estado do Paraná (Figura 33).

Figura 33 - Percurso entre Cananéia e Paranaguá



Fonte: Google Maps. Modificado pela autora.

Os comentários e relatos de viagens eram acompanhados por fotos, em uma das quais estava a Igreja de Ararapira (Figura 34). Perguntei se haviam visitado a Vila de Ararapira, mas me responderam que apenas passaram de barco. Naquele momento, o professor de pintura me sugeriu que pintasse a imagem e que ele traria seu tio, um grande conhecedor e estudioso da história de Cananéia e de Ararapira, onde morou na infância, para me contar histórias sobre o local.

Figura 34 - Igreja São José - Ararapira



Fonte: Evaldo Gabriel

Após finalizar um quadro da Comunidade de Juruvaúva, pequena Vila, localizada em Ilha Comprida (Figura 35), na qual compõe-se por dunas, iniciei o quadro da Igreja de Ararapira (ainda inacabado).

Figura 35 - Localização de Juruvaúva



Fonte: Google Maps. Modificado pela autora.

O quadro foi iniciado semanas antes do final das aulas de pintura, as quais terminariam com a II Exposição do Empório Dell Arte, no dia 8 de dezembro de 2018, então não havia tempo de conversar com o tio do professor. Ao retornar às aulas, no início em janeiro de 2019, retomamos a proposta e me foi apresentado o famoso tio, que escrevia, naquele momento, um livro sobre a Vila de Ararapira; nos encontramos no ateliê e eu estava quase começando a pintura, quando ele se sentou ao meu lado e começou a narrar as histórias e fatos referentes ao local³⁸.

Segundo ele, Cananéia e Ararapira foram ‘descobertas’ com apenas dez dias de diferença. Um padre chamado Gomes Fernandes, teria povoado (levado pessoas) a Vila de Ararapira e, em 1547, teria havido o naufrágio de um navio espanhol do qual os sobreviventes Hanz Stalin e mais dois homens brancos passaram a viver com os índios Tupi da região.

No entanto, ainda segundo o relato, antes da chegada deles, entre 1510 e 1515 já haviam pessoas brancas que moravam na região, pois Cananéia tinha uma trilha indígena que dava acesso ao ramal do Peabiru, uma trilha de 11 Km que ligava o Ararapira à Barra do Ararapira. O narrador me disse que havia procurado por esta trilha e que conseguiu identificar seu início na denominada “Tapera do Padre” Ararebebê, em tupi significa “Padre Voador”, apesar de o caminho não existir mais.

Neste ponto, o narrador faz uma relação com a tapera de um padre existente no Espírito Santo, o que para ele configura ser o mesmo padre que percorreu os caminhos do Sudeste. Além deste povoamento de Cananéia, no atual Superagui desembarcaram 17 famílias de Europeus, entre eles, franceses, alemães e um suíço, que retratou em tela o que havia na região, que se encontra no Palácio do Governo do Paraná.

O narrador segue contando que, no século XVI, Ararapira era um aldeamento de índios Carijós os quais dominavam toda a região; em 1553 esse grupo estava se organizando para combater os brancos, chefiados por um cacique do atual município de Ubatuba, foi então que padre Anchieta e padre Manuel da Nóbrega passaram 13 dias remando desde Bertioga até Ubatuba (Figura 36), a fim de conversarem com o cacique para que pusessem fim ao conflito.

³⁸ A conversa não foi gravada, mas os principais pontos foram anotados em Caderno de Campo.

Figura 36 - Costa Litorânea - SP-PR



Fonte: Google Maps. Modificado pela autora.

Em um dado momento da conversa, mostrei a imagem da igreja (Figura 34), e o narrador abriu outro leque focando mais na Vila Ararapira. Segundo ele, a Igreja começou de pau a pique, no desenho original deveria ter duas torres, mas, a princípio, só foi construída uma. Em 1960 foi iniciada sua reforma e a construção da segunda torre; naquela época moravam na Vila somente dois ateus, as demais pessoas eram todas católicas e foi um dos ateus que ficou incumbido de “tocar a reforma da Igreja”. Tendo como padroeiro São José, a Vila levou o nome de “São José de Ararapira”.

O termo Ararapira significa, em Tupi, aves e peixes, referindo-se a um lugar para pescar – segundo os relatos, os moradores viviam da pesca e da agricultura do arroz; destacando-se que os peixes passavam pelo processo de salga e depois eram secados ao sol. Ararapira deu origem ao bairro do Ariri³⁹, quando instalaram a Companhia Colonizadora do Ariri, que teve sua fundação em 1921. Esta companhia produzia álcool, açúcar e cachaça e, com o incentivo desta indústria, as pessoas começaram a povoar o Ariri, contudo a companhia fechou em 1939.

Até o final da década de 1920, Ararapira pertencia ao estado de São Paulo e, em 1922, ocorreu a homologação de um laudo arbitral de divisas pelo Congresso

³⁹ Ariri será descrito nas páginas a seguir de forma detalhada.

Nacional, considerando a área como território paranaense, ou seja, Ararapira deixa de integrar o município de Cananéia e passa a se integrar a Guaraqueçaba.

Segundo o narrador, àquela época, o povoado já contava com energia elétrica fornecida por um motor a diesel.

Desde 1920 há erosão no território da Vila, que segundo ele é um processo natural, pois ocorre o encontro do Rio do Vigia com a Barra do Ararapira. Segundo, ainda, seu relato, Ararapira era um local bem estruturado, havia cartório eleitoral, casas de comércio, uma subprefeitura e uma escola de Educação Infantil. Contudo, as pessoas foram saindo aos poucos: ele mesmo (o narrador) é um exemplo deste êxodo da Vila, pois foi para São Paulo aos 10 anos de idade para continuar os estudos.

Atualmente, os antigos moradores da Vila se encontram na Festa de São José, que acontece no mês de março de todos os anos. Segundo o narrador, as pessoas vão à missa, promovem baile com Fandango e ficam nas antigas casas. Na última festa, em 2018, foram reunidas aproximadamente 400 pessoas. Segundo o narrador, aqueles que perderam suas casas devido ao processo de erosão puderam se apropriar de outros terrenos, diante da comprovação de ter sido morador ou descendente. Hoje em dia há cerca de 10 casas na Vila e há impedimentos ambientais para novas construções, pois a área pertence ao Parque Federal de Superagui, que faz a fiscalização. Segundo o narrador, não há como outras pessoas visitarem a Vila, somente os antigos moradores e familiares, pois existem barreiras na área de desabamento, o que impede a parada de escunas e/ou lanchas.

Ao comentar sobre a imagem da casa da D. Glória⁴⁰, ele disse que a casa não existe mais, tampouco a casa azul da sua filha, chamada Baica, pois as águas já as levaram. Vale destacar que a conversa repercutiu entre outros alunos no ateliê e, na aula seguinte, uma aluna que pintava o Farol da Ilha do Bom Abrigo, localizada a Leste do Parque Estadual da Ilha do Cardoso, comentou um pouco sobre a imagem.

⁴⁰ Uma das antigas moradoras da Vila do Ararapira. Atualmente, mora no município de Paranaguá/PR, segundo o narrador – Caderno de Campo 2018.

4.1.4. Cananéia em fotografias e pinturas

M. A. R., chamada por todos do ateliê de pintura de Cida⁴¹, era aluna e trazia para as aulas algumas das fotos antigas de sua coleção e algumas imagens que simbolizavam os ambientes históricos, bem como as festividades que aconteciam em Cananéia. Com o passar do tempo e convivência, M.A.R. comentou sobre o acervo histórico que tinha na sua casa, especialmente da época do Padre João, quando ela era a secretária do mesmo.

M.A.R. mencionava, nas aulas, as visitas do Padre João a todas as comunidades de Cananéia. Padre João ficou na paróquia por 30 anos e vivenciava as práticas culturais das comunidades, fazendo reuniões sobre a questão de território e da identidade cultural caiçara, motivando os moradores e organizando as regulamentações das posses de terra. Tais documentos, segundo M.A.R., ainda estão arquivados em sua casa, já que quando encaminhados para a Justiça, ela e o Padre João mantinham uma cópia com a família, donos das terras, e com eles.

As imagens trazidas por M.A.R. compunham mais do que a história de Cananéia, mas desenhavam panoramas políticos, econômicos e, principalmente, ambientais, referindo as lutas da população pelo território; a relação do caiçara com a pesca; e o cuidado com o Meio Ambiente. M.A.R. mora no bairro do Carijó, formando segundo ela a comunidade da sua família. Em algumas conversas, ela menciona o ensinamento dos nossos aprendizados aos familiares, entre eles os sobrinhos: suas referências se expandiam aos sobrinhos, quando explicava a importância de cada tempero em seus vasos e a origem da cidade. Enquanto ela falava dos seus sobrinhos, comentei sobre a minha sala de aula, sobre a questão das histórias dos municípios e a relação com o turismo, o quanto o curso de turismo⁴² proporcionava a reflexão de cidadania.

Enfim, as conversas no ateliê se estendiam e, por vezes, ficávamos para além do horário da aula tratando de assuntos vários, relativos a Cananéia. Enquanto abordávamos os assuntos, os artistas, em muitos momentos, estavam focados na organização e nos estudos sobre as festas religiosas da cidade e a confecção das

⁴¹ Abreviação do Nome da Entrevistada.

⁴² Em 2019, fui professora do Curso Técnico em Turismo no município de Jacupiranga/SP

peças das mesmas, por exemplo, na pintura da Imagem da Nossa Senhora da Boa Esperança (1923). Estas pesquisas trazidas pelos artistas constituíam muito mais do que o resgate da história, mas indicavam como, a partir das imagens fotográficas ou de objetos achados no salão paroquial, poderia ser realizada uma reprodução, trazendo à tona o contexto histórico e cultural de Cananéia.

As imagens trazidas por M.A.R. também ocupavam um momento único nas aulas; enquanto os demais alunos faziam seus quadros e solicitavam um professor para a mistura das cores, tonalidades e retoques finais, o Gustavo e M.A.R olhavam e detalhavam as fotos. Uma, em especial, chamou a atenção: a figura da encenação da “Bandeira do Divino” no barco, nas águas do Mar Pequeno. A conversa se pautava em descobrir quem eram os gêneros, as mulheres, os homens e as crianças. Cida enfatizava que as mulheres das imagens estavam nas janelas, enquanto os homens, nas ruas.

Essas pinturas remetiam à sociedade de Cananéia, à sua cultura, às vestimentas e às formas como as pessoas se relacionavam. Como Gustavo se especializava cada vez mais no restauro das imagens sacras, as pessoas levavam suas peças para ele restaurá-las. Houve uma peça que veio do Bairro do Batatal, do município de Eldorado, feita em madeira e tinha um fundo falso, como as antigas imagens, no qual Gustavo descobriu um pedaço de jornal.

A aproximação com as imagens sacras da paróquia de Cananéia foi intensificada com a troca dos padres, em dezembro 2018, quando Neyton voltou suas atividades para as cerimônias da Igreja, ganhando espaço no resgate das festas religiosas, inclusive a retomada da “Festa do Divino” e da confecção dos “Tapetes” - desenhos feitos de tinta e flores no chão das ruas pelas quais a procissão passa durante a Festa de Corpus Christi. Juntamente com Gustavo, eram realizados os restauros das peças que estavam no salão paroquial ou na sacristia, por Neyton.

A cada visita ou aula no ateliê havia novidades sobre a atuação dos artistas nos espaços religioso e social de Cananéia; as ideias e as histórias, percorriam o ambiente e as peças do ateliê sob a forma de ecos de estudos da história por imagens e conversas com alunos que passaram a trazer elementos de suas viagens ou das suas histórias de vida – trechos da composição de uma história maior ou de fatos

cotidianos vividos, presenciados, ou de memórias de pais, familiares e conhecidos mais idosos.

Este ambiente composto por música, tintas, pincéis, thinner, óleos de linhaça e de girassol, telas e/ou painéis era, então, palco de inúmeras conversas povoadas por histórias locais entrelaçadas a histórias de vida rememoradas, que compunham nossa convivência, nos conduzindo a refletir sobre nossa existência e sobre o mundo em que vivemos.

Essa convivência, sob esta atmosfera, as histórias de Cananéia, ilustradas pela presença de fotografias, quadros ou, ainda, narradas no momento do café, faziam com que alguns alunos se sensibilizassem e pintassem casarios, praças, lugares e pessoas de Cananéia. Todas essas experiências vivenciadas nas conversas do cotidiano das aulas de pintura – os estudos técnicos de pintura e os resgates históricos inscritos nas memórias relembradas entre tintas e telas, esculturas e imagens – significaram, para todos, a busca do aperfeiçoamento no mundo vivido no passado, trazido para o futuro.

O autor destaca a convivência como um sistema que remete a um compromisso por meio do qual as pessoas “[...] renunciam às pulsões individuais e contribuem com sua cota para a vida coletiva, tornando-se assim, parceiras de um contrato social, para que a vida cotidiana aconteça”. (CERTEAU, 2013, p. 37).

Quando se trata de vida cotidiana, há inúmeras formas de abordá-la. O autor em pauta não tratou especificamente do campo das artes, mas estudou as maneiras de fazer cotidianas, as “táticas cotidianas”. Desta perspectiva, as aulas poderiam ser colocadas no lugar de produção de conhecimento, mas caminham entre as estratégias e as táticas, pois trazem as expressões narradas e as memórias de pessoas comuns.

Deste ponto de vista, na articulação entre as ideias expressas nas narrativas, as ideias se tornam experiências. Isto ocorre sobretudo quando as imagens e as histórias tomam os momentos e revelam o espaço do privado, celebrando a integração entre as pessoas. Em síntese, na medida em que as pessoas trazem a público suas ideias e memórias, elas experimentam o mundo vivido.

4.1.5. Confeção da escultura em gesso de São João Batista

São João Batista é o santo padroeiro do município de Cananéia e sua celebração se dá seguindo o calendário litúrgico do dia 24 de junho de todos os anos, dia em que acontecem as celebrações, novenas e, finalmente, a Procissão. As novenas apresentam temas diários e, dependendo do padre, há sempre o foco na comunhão e nas atitudes sociais para com os irmãos, ou seja, o tema da coletividade se traduz nos sermões e celebrações da Paróquia.

A iniciativa de se confeccionar a nova imagem de São João Batista parte dos artistas em pauta, visto que a imagem original fora furtada da Igreja em meados da década de 80 do século XX: “Todos os dias pela manhã eu ia à Igreja, naquele dia, a porta estava aberta e eu estranhei, quando fui fazer as orações, vi que São João não estava ali, fiquei desesperada e logo comuniquei ao padre, era o padre João. Ele foi à delegacia fazer o BO, mas até hoje, não encontraram a imagem”. (D. Durva, aluna e vizinha do ateliê. Caderno de Campo, junho, 2018)

Segundo relatos conhecidos na cidade, o padre João pediu para que um escultor da cidade de Guaratinguetá (cidade distante 440 km de Cananéia) fizesse uma outra imagem de barro. A imagem ainda está na Igreja, mas não podia sair na Procissão, pois era muito pesada.

Nesse contexto, Gustavo, pintando um quadro da Procissão de São João, decidiu esculpir uma nova imagem de São João Batista em gesso. Era final de 2018 quando Gustavo iniciou os cálculos da base da escultura: a pasta com cálculos de diâmetro da base trazia o passo a passo, em papel sulfite, de como ficaria a peça. Assim, o artista começou a confecção, inspirado no quadro que pintara anteriormente pendurado na parede - ao fundo (Figura 37).

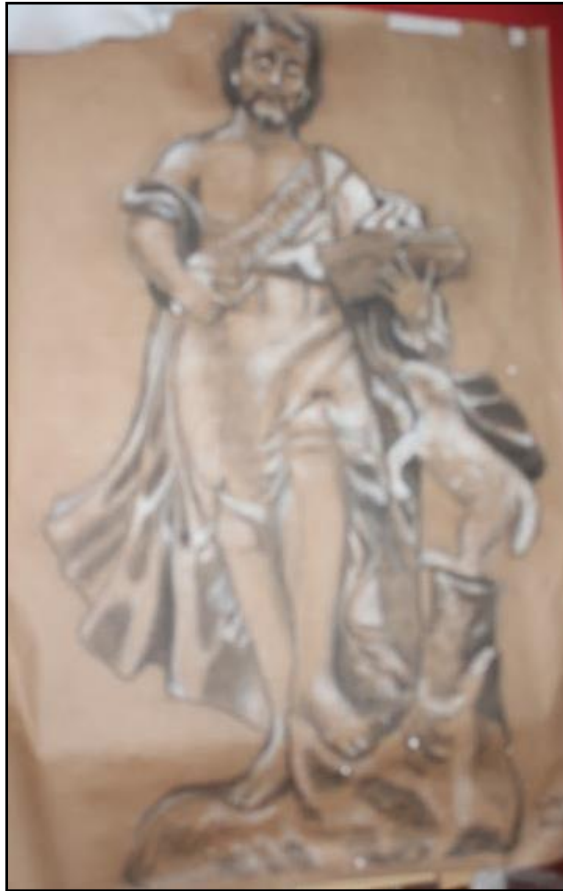
Figura 37 - Mesa de trabalho



Fonte: A autora.

Outra imagem, pintada em tecido por Neyton, utilizada como o Estandarte que compõe a Procissão nos dias atuais, ainda figurava como modelo para a escultura. Na pintura, sobre uma base que simboliza o tronco de uma árvore, São João Batista está 'pregando a palavra', tendo ao lado o cordeiro, que revela a vinda de Jesus Cristo (Figura 38).

Figura 38 - São João Batista - pintado em tecido



Fonte: A autora.

Com base nesta imagem (Figura 37), Gustavo compôs todos os detalhes da escultura, incluindo a ornamentação e o movimento na roupa e nas páginas da bíblia, simulando o movimento da brisa. A imagem confeccionada apresentava os movimentos das vestimentas; o detalhe dos dedos das mãos e dos pés bem como a textura do corpo e do ornamento foram reproduzidos com detalhes e devidas proporcionalidades (Figura 39).

Figura 39 - São João Batista - em gesso



Fonte: A autora.

O São João de gesso ganha, a seguir, as ornamentações e pintura, realizadas pelos dois artistas do ateliê (Figura 40). Ao mesmo tempo em que movimentavam seus pincéis, buscando o envelhecimento da peça, conversavam sobre o trabalho.

Figura 40 - Pintura da Escultura



Fonte: A autora

Os artistas ainda aplicaram betume e talco à peça para que ela ganhasse aspecto envelhecido, remetendo à arte sacra. O tom fosco do talco e a opacidade da tinta acrílica criavam o efeito desejado. As dobraduras das vestimentas e os detalhes do corpo remetiam às esculturas barrocas, com volumes e destaques em cada ponto.

A escultura ficou pronta antes da Festa de 2019. Ornamentado com a cora, São João Batista feito em gesso foi destaque durante a procissão nas ruas do centro histórico de Cananéia (Figura 41).

Figura 41 - Escultura de São João Batista



Fonte: A autora.

Paralelamente à confecção da escultura, os artistas também trabalhavam nas confecções de outras peças das festividades religiosas: as Bandeiras da Festa do Divino também estavam sendo pensadas e adornadas com bordados, fitas e pinturas. Na casa paroquial foram encontradas, na ocasião, as pombas do Divino, feitas de

caixeta - tipo de madeira também chamada Marupám - de cerca de 50 anos de idade (Figura 42), mas não eram muitas e, novamente, Gustavo providenciou mais algumas, com outro tipo de madeira. Ressalta-se a diversidade de habilidades dos artistas em pauta, pois Neyton estava aprendendo a tocar os instrumentos do Fandango.

Figura 42 - Pomba do Divino Espírito Santo



Fonte: A autora.

4.1.6. As Festas: O Divino e Corpus Christi

Cananéia é um dos municípios que comemoram tradicionalmente a Festa do Divino, em referência ao dia de Pentecostes, com novenas e procissões nas ruas. A Festa do Divino foi interrompida por um período de dois anos, pois o padre da época não atendia as tradições da comunidade. Após a partida deste padre, Neyton e alguns membros da comunidade, incluindo o músico Rodolfo Vidal (morador de Cananéia, formado na tradição de Fandango Caiçara), levaram o Fandango para as celebrações.

As canções foram compostas no decorrer dos anos pelos grupos de Fandango que, em outros tempos, percorriam as casas, as abençoando por meio do Divino Espírito Santo. Segundo M.A.R., os tocadores entravam nas casas, tomavam café com as pessoas e cada família explicava a situação ou problema que estava vivenciando. Ao saírem das casas, antes de partirem, os tocadores cantavam as orações e as bênçãos do Divino para as famílias que os receberam: “Eram momentos significativos, de muita fé e de muita comunhão” (Caderno de Campo, julho, 2021)

M.A.R. possui algumas fitas K7 antigas com algumas canções da Festa do Divino, especialmente, de 1980. Contudo, atualmente há apenas dois grupos de tocadores: o grupo formado por Neyton, Rodolfo e o músico Vinícius; e o grupo da Ilha do Cardoso, da comunidade do Itacuruçá. No grupo de tocadores, Neyton toca o tamborim, enquanto os demais, a rabeça e a viola, no início da novena e no final da Festa do Divino.

Quanto aos ornamentos, a cerimônia é composta, segundo Neyton, pela Bandeira Rica (que tem como símbolo a pomba do Espírito Santo), levada pela filha do Imperador (representação da época) e, especialmente em Cananéia, a Bandeira da Santíssima Trindade, além dos ‘guiões’ - pessoas que abrem e guiam a procissão. Outras pombinhas representam o Divino, já a pomba da Bandeira da Santíssima Trindade aparece ornamentada (Figura 43).

Figura 43 - Ornamento da Bandeira do Divino



Fonte: A autora.

Um dos dias da Procissão de 2019 ocorreu em um sábado: a cerimônia e o rito seguiram a tradição, com as Bandeiras, o Imperador, e com o Estandarte à frente, abrindo a cerimônia (Figura 44).

Figura 44 - Procissão do Divino em Cananéia, 2019



Fonte: A autora.

Ao seguir o trecho da Procissão pelas ruas do Centro Histórico de Cananéia, saímos com a banda atrás das bandeiras, a qual conduzia as pessoas para o percurso. Enquanto passávamos por bares e restaurantes, as pessoas paravam para observar; as pessoas que estavam sentadas deixavam de conversar para acompanhar com os olhares, a Procissão. Ao voltarmos para a Igreja, a Missa aconteceu, tendo como tema a solidariedade. As procissões seguintes seguiram o cerimonial no período diurno e consagraram as casas e as comunidades.

As festividades marcam o engajamento dos artistas na comunidade, tanto da Igreja Católica, quanto no seu entorno, na vizinhança do Centro Histórico.

Neste ponto, Berleant (1999) aborda a questão de como o engajamento social segue na teoria da estética, compondo uma comunidade que compartilha seu conhecimento através das práticas sensíveis, formando seu arcabouço histórico e cultural e sua identidade.

Após as comemorações do Pentecostes, as ruas são ornamentadas com um 'tapete' para as festas do Corpus Christi. O início do tapete, à porta da Igreja, foi feito pelos artistas, vizinhança e crianças que exercem a função de 'coroinhas'. Os materiais utilizados para formarem figuras geométricas símbolos de Cananéia como peixes, cruzes e corações foram a serragem e o pó de café: a serragem era espalhada no meio e o pó de café, nas bordas (Figura 45).

Figura 45 - Confeção do Tapete de Corpus Christi, 2019



Fonte: A autora.

Os contornos bem delimitados e a serragem calculada pelos artistas, o pó de café condicionados em sacos, podendo ser usados ou não, segundo Neyton, eram práticas tradicionais da cidade. Cada parte da vizinhança confeccionava o tapete da forma desejada, completando o trecho iniciado pelos artistas. Assim, as ruas eram dominadas pelos tapetes; na simbologia cristã, a prática da confecção dos mesmos era o momento em que a Fé saía do âmbito privado para se manifestar de forma pública.

As imagens a seguir mostram tanto a devoção como os grupos que fazem parte da comunidade religiosa. Ao caminhar pelos tapetes, juntamente com amigos, eu deparava com detalhes caprichados (Figura 46).

Figura 46 - Início do Tapete



Fonte: A autora.

Ao virarmos uma esquina, deparamos com as imagens do Grupo de Louvor da Igreja, que utilizou tecidos, E.V.A, serragem e areia, para compor com símbolos que ilustravam a música e os louvores de forma a comunicar aos passantes, as organizações que existem dentro da Igreja (Figura 47).

Figura 47 - Tapete Confeccionado pelo Grupo de Louvor



Fonte: A autora.

A seguir, o trecho do tapete confeccionado pela Pastoral do Dízimo (Figura 48).

Figura 48 - Tapete Confeccionado pela Pastoral do Dízimo



Fonte: A autora.

No decorrer do percurso, os tapetes iam se diversificando, ganhando cores, formas e elementos diferentes, como tecidos, bordados e outros materiais (Figura 49).

Figura 49 - Diversidade de Materiais na composição do Tapete



Fonte: A autora.

Além das imagens do tapete, deparamos com a Praça da Tiduca passando por reformas, algumas frases podiam ser lidas nas paredes, tais como: “Você viu? Destruíram a praça num dia lindo de outono”. Havia mais coisas escritas e o cenário era da Praça destruída, contudo, deparamos com outras imagens que compunham aquele cenário: a paisagem urbana da torre da igreja e o Morro São João (ambas ao fundo) (Figura 50).

Figura 50 - Praça da Tiduca em reforma, 2019



Fonte: A autora.

Na Rua do Artesão, alguns quiosques permaneciam abertos, mas para além da retirada das árvores e dos bancos da Praça, Gustavo atentou à torre e ao Morro São João, propondo que esta paisagem poderia se tornar um quadro. Ressaltamos que é importante ter este registro para que seja demonstrado como a praça se estruturou depois da reforma.

Na continuação da caminhada, seguimos observando os tapetes, deparando com um trecho feito de fuxicos - flores feitas manualmente de tecido (Figura 51).

Figura 51 - Tapete Feito de Fuxico



Fonte: A autora.

Esta experiência descreve os aspectos da estética cotidiana, abordada por Mandoki (2013), há celebrações de sentidos e simbólicas na pura materialização no cotidiano, tais questões vão além do campo das artes e são celebradas nas atividades e nos objetos prosaicos, comuns da experiência de vida.

Desta relação dos sentidos quanto aos objetos e o ambiente do ateliê, a experiência sensorial está correlacionada com as imagens e as pinceladas, a

organização e misturas das cores na paleta. Para além desta descrição, a inserção no cotidiano neste mundo de aprendizes e artistas trouxe a narrativa sobre as imagens demais aspectos que compuseram este cotidiano.

Diante do interesse desta pesquisadora sobre os aspectos ambientais de Ararapira, Neyton apresentou parte da sua história de infância no lugar: “A minha família é de lá, eu sempre ia para Ararapira quando criança. Especialmente, nas festas. Tenho um tio que sabe muito sobre a história de lá, vou trazê-lo para conversar com você e contar algumas histórias” (Caderno de Campo, janeiro de 2018).

Desta lembrança, verificou-se que as narrativas individuais conduziam à memória coletiva: “a memória é um processo sobre o tempo, o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo” (BOSI, 1993, p.281).

Esta retomada das lembranças e histórias, dos livros e da interação entre as pessoas soaram pelas artes, tanto nos quadros, quanto nos poemas recitados e nas canções de fandango por músicos nos saraus promovidos no espaço do ateliê.

4.1.7. Os Saraus no Empório Dell´Arte – encontro das histórias

Os saraus aconteceram em 21 de julho de 2018 e 24 de agosto de 2019 tinham como tema Cananéia, com a história escrita pelo historiador local, Antônio Paulino de Almeida (1961), quanto pelas histórias recitadas em poemas e/ou com músicas do fandango local, com o objetivo de refletir sobre a cultura, as artes enfatizando o resgate histórico.

No tocante da história de Cananéia e as historicidades, o artista plástico montou no ateliê o I Sarau no dia 21 de julho de 2018, cujo tema era sobre a história da localidade, dentre as apresentações pôde-se assistir às músicas, poemas e algumas histórias.

Dentro do ambiente do Empório Dell Arte, os cavaletes foram substituídos por cadeiras, organizadas em forma de “U” (Figura 52) com um espaço específico para as apresentações e quadros e imagens da história de Cananéia, proporcionavam ao ambiente o espaço da memória ou da história.

Figura 52 - Ambiente do Sarau, 2018



Fonte: a autora

A iluminação com castiçais e poucas luzes acesas, na maioria delas, a cor amarela destacava os ambientes e as luzes mais claras estavam dispostas ao fundo, como iluminando aos apresentadores, que poderiam sentar na poltrona ou mesmo ficar em pé para recitar ou cantar Cananéia.

A história de Cananéia, segundo Gustavo e Neyton, já foi tema de um evento promovido pela Igreja Católica, que ocorreu nas dependências da mesma. Nesta reunião, historiadores, escritores e sociedade civil trataram da história do povoamento.

Os quadros e imagens ambientavam as apresentações e seguidos de uma ordem, as pessoas que conjugam com o estudo da história ou buscam relatá-la ou trazê-la a comunidade, iniciaram as atividades.

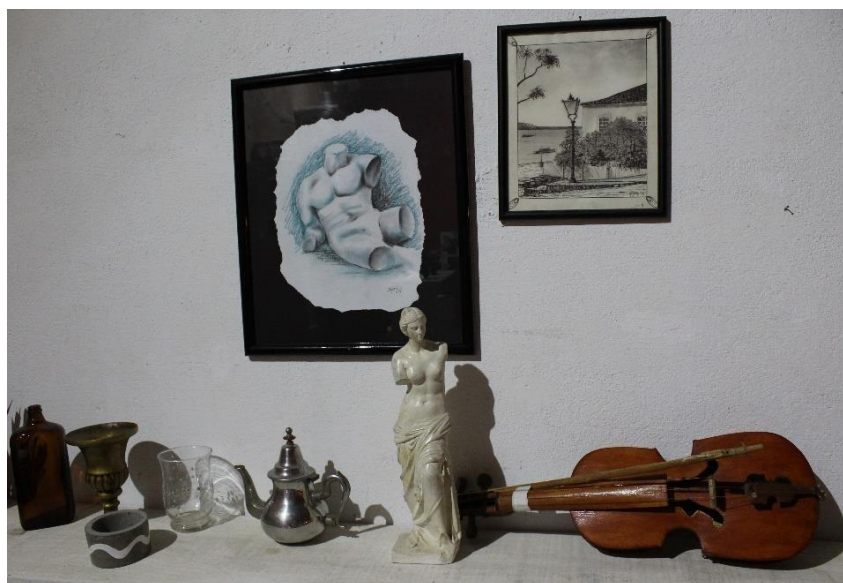
Rodolfo Vidal, músico e tocador das canções da Festa do Divino, inicia tocando o fandango a partir da viola caiçara (Figura 53) e, posteriormente, com a rabeca (Figura 54). O músico trouxe a público, as notas e as canções do Divino, contando nos intervalos entre uma música e outra, explicava que a música do fandango é tocada sem partituras, não há notas específicas para os fandangueiros, então ele como músico, procurou colocá-las em partituras.

Figura 53 - Viola Caiçara, Sarau 2018



Fonte: A autora

Figura 54 - Rabecas e demais objetos



Fonte: A autora

Estes instrumentos como parte do fandango, mas também da memória e ao mesmo tempo cotidiano de quem vive em Cananéia, em várias ocasiões aparecem para as pessoas, há quem aprecie e há quem entenda a importância do fandango.

Posterior a apresentação do músico, pessoas comuns trouxeram poemas escritos sobre a cidade, em uma correlação entre o ambiente e a vida das pessoas, fomentando assim, o compartilhamento das memórias, que segundo Candau:

“... o compartilhamento efetivo da memória social como um conjunto de lembranças comuns a um grupo determinado.” (CANDAU, 2019, p. 31)

Deste compartilhamento de lembranças de pessoas e imagens, poemas e descrições, apresentados no I Sarau do Empório Dell Arte, reuniram-se pessoas que escutaram sobre a história oficial, por meio de imagens que advinham de poemas, memórias de vida e músicas da MPB.

Os poemas, como Candairó e Bom Abrigo, recitados por M.A.R, relacionavam a história e a natureza local, trazendo as histórias, a oralidade e os indícios dos

primeiros navegadores. O Candairó representa em imagens o Morro São João, situado as margens do Mar Pequeno e próximo ao encontro das águas do Mar.

Candairó

*Qual baluarte creado
pelas mãos da Natureza,
de portentosa grandeza
é o morro de S. João,
que se ergue ao lado da villa,
sempre alerta, vigilante,
perscrutando o mar distante,
em muda contemplação.*

*Risonha, a cidadesita,
recostada com doçura
num tapete de verdura,
tranquila, dorme a sonhar,
enquanto que, sobranceiro,
- pés no mar, fronte no espaço, -
ele a envolve em doce abraço,
velando-a com meigo olhar...*

*Candairó, dos tempos idos!...
pelo teu cume altaneiro,
onde se eleva o Cruzeiro,
por longos annos, errou
a caravana dos tristes,
dos míseros degredados,
desses pobres desgraçados
que a má Sorte acompanhou.
Quantas vezes, de teu cume,
- como um livro aos ceus aberto –
fitando o oceano deserto
verteram prantos de dor,
recordando em noite bela
o lindo ceu de Castella,
a familia, a pátria, o amor?!...*

Quantas noites de vigílias,
 em teu regaço passaram !...
 Que, de prantos, te regaram,
 nos momentos de aflições!...
 - Candairó! Quantos queixumes,
 em trinta annos, lhes ouviste,
 naquella quadra tão triste,
 de tristes recordações!...

Junto á clareira da fonte,
 no teu sopé de granito,
 quanta vez, veio o proscripto
 as suas maguas chorar,
 revendo os dias da infancia,
 lembranças da mocidade,
 que, num canto de saudade,
 se comprazia invocar...

De teu pico nas alturas,
 horas a fio, scismando,
 passaram, investigando
 algum bemdito batel.
 Mas, tudo em vão! No horizonte
 nenhuma véla surgia
 a acalmar a nostalgia
 desse desterro cruel...

Por tuas fraldas galgaram
 ouvindo o cantar da fonte,
 cada vez que no horizonte
 despontava a luz do sol.
 - Assim, passaram-se os dias,
 sem que a pobre sentinela
 descortinasse uma véla
 do mar no verde lençol...

Em tua mudez conservas,
 como em um cofre encerrado,
 a epopéa do Passado,

*escripta com pranto e fel;
pois que em teu flanco habitaram
os cinco ou seis castelhanos,
que aqui, por mais de trinta annos,
viveram com o Bacharel...*

*Que seria essa existência
entre os tupys decorrida,
-velha pagina esquecida,
que os annos não contam mais?
-Monte! Só tú, poderias
revelar tantos segredos,
si falassem teus rochedos,
teus virentes mattagaes!...(Almeida, A. P. 1939)*

O poema Bom Abrigo trouxe a história da chegada dos primeiros navegadores e como refúgio dos mares, das lendas de fantasmas e dos personagens históricos que compõem a fundação das cidades.

BOM ABRIGO

Bom Abrigo gentil, de excelsa formosura,
sentinella do mar, refugio de infieis,
és da costa paulista a angra mais segura
quando o rebojo cáe e os ventos são crueis.

Si a lenda transformou-te ern ILHA DO THESOURO,
- entre as ilhas do Estado, a mais lendaria és tú! -
foi porque em teu regaço occultou-se muito ouro,
das pilhagens de outr'ora, em terras do Perú.

A tua historia encerra um poema extraordinario,
onde os phantasmas vêm cobertos de grillhões,
reunir á voz do mar um canto funerario,
despertando pinguins, guarás e gaivotões . .
Em noites de luar, soluços lancinantes,
murmuríos subtís, vozes, imprecações,
afastam de teu seio os jovens mareantes,
que procuram fugir nos frageis batelões...

Pela noite, visões e mysteriosos ruídos,
 invisiveis tropeis, cardeias a rolar . . .
 brados, aparições e soturnos gemidos
 põem o pobre gageiro attento, a perscrutar...

Foste, no teu passado, asylo de negreiros
 e no teu sólo, em vez de angélicas Deidades,
 surgem, durante a noite, espectros de guerreiros,
 que se movem, á voz de infernaes postestades...

Sanctuario bemdito, occultas nas cavernas
 phantásticas visões, que em meio aos vendavaes,
 vão, cobertas de sangue, e maldições eternas,
 bailando junto ao mar, por entre prantos e ais...

Descobriram-te um dia os velhos navegantes,
 attrahidos talvez por teu porto ideal;
 pelas aguas que tens, teus tufos verdejantes,
 - opulencia sem par, da flóra tropical.

Quando as trevas da noite em bréve se adelgaçam,
 teu modesto pharol despeja, o áureo clarão
 afim de orientar os barcos que perpassam
 sobre as ondas do mar, sulcando a vastidão...

Martim Affonso de Sousa,
 ha quartocentos janeiros,
 sangrando mares traiçoeiros,
 aqui se veio abrigar,
 comandando a luza esquadra
 composta de muitas vélas,
 - pezadas naus, caravélas
 e bergantins de alto mar...

Si os teus rochedos narrassem
 as acções daqueles dias,
 tu, a historia tornarias
 mais attrahente e fiel,
 esclarecendo pelos annos,
 do encontro dos castelhanos

e do infeliz Bacharel.

Dos navegadoes
 que em tua enseada ancoraram;
 das noites que em ti passaram
 André Gonçalves, Pinzão,
 Cabeza de Vaca e outros,
 como Vespuccio, Garcia,
 de que a chronica hoje em dia
 tantas vezes faz menção.

Quantos naufrágios passados
 á tua vista contaste?
 Quantas canções escutaste?
 Quantos gemidos ao luar?
 - O´sentinella da costa,
 são teus fastos um poema,
 que as areias do Ipanema
 não souberam conservar!...(Almeida, A. P. 1939)

As histórias, os desdobramentos deste lugar, especialmente, no momento em que as pessoas recitavam os poemas, entre eles, o poema Candairó, retirado do livro do historiador Antônio Paulino de Almeida.

O poema fazia menção ao Morro São João, “que se ergue ao lado da vila”, local de vigia e proteção, enquanto a cidade dorme, o Morro vigia e fita o oceano, que revela o passado longínquo e o presente, das conversas, das escutas entre os rochedos e matagais.

Compondo a relação com a natureza, o poema do Bom Abrigo, local histórico e restrito às visitas, foi recitado e mencionado em outro poema como “uma sentinela no mar, refúgios dos infieis e dos ventos cruéis”, este Abrigo que foi parada das navegações lusas, de Martim Affonso entre outros, também abriga as lendas e os ruídos, aparições e gemidos.

A partir deste Sarau, se estabeleceu a parceria entre Neyton e Rodolfo para a retomada da Festa do Divino, como já mencionado, a troca dos padres colaborou para este resgate e a parceria, fomentou estudos sobre as canções ao som do fandango, os tocadores resplandeceram em todas as missas do período da Festa.

Do misto entre história escrita e histórias orais foram compostos os saraus, não somente como apresentações, pois desta integração fomentou-se a retomada da Festa do Divino, com as entradas dos músicos que desde 2020, cantam e tocam as músicas, uma interação entre artista plástico, músico e uma pessoa que sabe tocar rabeca. Na cerimônia virtual da Paróquia de São João, houve o espaço para as músicas do Divino, antes da celebração das novenas e missas.

A partir desta interação e as maneiras de fazer, Neyton conseguiu contato com outros fandangueiros que tocam “as músicas do Divino”, são adultos e jovens da comunidade do Itacuruça, localizada na Ilha do Cardoso, que ainda tocam e cantam o Divino. Segundo Neyton, há poucos que tocam na Festa do Divino, sendo eles na cidade, a comunidade do Itacuruça e a comunidade do Pereirinha, também localizada na Ilha do Cardoso, além do pessoal mais idoso, que são os que detêm todo conhecimento.

Assim, constatou-se o compartilhamento de experiências e a retomada da cultura popular nas festas religiosas, que tem se fortalecido a cada ano.

Enquanto o primeiro sarau, poemas e histórias foram recitados, compartilhados, no segundo Sarau, as imagens da antiga Cananéia foram os destaques no ambiente organizado. As imagens compunham o ambiente, quadros, fotografias retiradas do acervo virtual, encontrado por Gustavo, além dos quadros dos alunos que referenciam alguma história de Cananéia. O primeiro quadro do desenho da vista⁴³ de Cananéia feito por José Custódio de Sá e Faria, datado de 1776, tinha um espaço reservado, como a primeira arte do lugar.

⁴³ Este desenho remete a vista de Cananéia, observada por quem está na Ilha Comprida.

Figura 55 - Desenho da Paisagem de Cananéia



Fonte: A autora.

As fotografias expostas em um biombo mostravam as diferenças entre o passado e o presente, as datas e os períodos não foram relatados, apenas incursões sobre o contexto histórico. As imagens proporcionavam as semelhanças e as diferenças, em um processo de mimeses, da configuração do ambiente atual espaço do centro, especialmente, da Avenida Beira Mar e do Porto da balsa. Nesta perspectiva, as conversas e as observações enfatizavam as diferenças do espaço e das paisagens, bem como, do modo de vida da população e das pessoas concentradas na frente da Igreja, provavelmente, estavam saindo da missa.

“Olha estas roupas!” “Na época, não tinha o prédio do prédio do Miramar!”
(Caderno de Campo, julho de 2019)

Dentre as fotografias estavam a Avenida Beira Mar antes da construção do píer e dos passantes (Figura 52), entre os trechos da conversa: “os homens estavam todos de ternos, vestiam-se bem!” (CADERNO de Campo, julho 2019) e dos questionamentos sobre a imagem dos antigos barcos que aportavam em Cananéia quando o transporte fluvial/marítimo eram os principais meios para transporte da população e da produção, “que tipo de barco era esse?” (FIGURA- 53)

Figura 56 - Avenida Beira Mar



Fonte– acervo do ateliê.

Figura 57 - Transportes



Fonte– acervo do ateliê

Assim, neste ambiente em que a história e a memória emergiam e eram trazidas ao público, novamente foram recitados os poemas do outro Sarau, Candairó e Bom Abrigo, com destaque para a recitação dos poemas sobre Cananéia pelos moradores, pessoas que vieram de outros lugares e aportaram suas vidas neste lugar. As canções de MPB e o fortalecimento de grupos e corais formados por pessoas locais, ambientavam o espaço com celebrações sobre morar e viver em Cananéia.

Os saraus foram situações importantes para que as histórias e as memórias fossem dinamizadas pelas pessoas, dos poemas recitados, das músicas cantadas e de todo ambiente confeccionado entre imagens, fotografias, músicas de fandango das antigas Festas do Divino e quadros, trouxeram um misto entre natureza, história e conhecimento sobre Cananéia, abrindo espaços para outras narrativas.

Destes tempos e espaços surgiram as questões relacionadas a história e a paisagem do lugar, nas narrativas de M.A.R. sobre o tempo em que viveu e acompanhou o padre João XXX nos percursos às comunidades, entre elas, na comunidade Santa Maria, lembrava do terreno alagadiço e das pessoas vindo buscá-los, pois eles conheciam um outro caminho, mais longo, mas que não permitiam que atolassem.

Além das narrativas, sempre enfática quanto a história do povo e do ser caiçara que conhece as matas, as florestas e o clima, as suas narrativas permeavam mais que a história, havia uma sensibilidade de quem conhece e ao mesmo tempo sente a natureza, a cultura e a história.

5. PERCURSO PAISAGÍSTICO

Os percursos paisagísticos a serem apresentados nas próximas páginas foram realizados em tempos distintos e se deram a partir das memórias, narrativas e percepção da M.A.R. na natureza e do interesse desta pesquisadora em experienciar o ambiente natural, para além das memórias e histórias que ecoavam nos ouvidos, havia algo que eu quanto aprendiz de pintura queria muito fazer, era visitar essas comunidades, se não desenhá-las, ao menos fotografá-las e pintá-las.

A visita a Nova Enseada se deu a princípio pela pesquisadora ter participado da Oficina das Mulheres da Enseada da Baleia no Sesc de Registro, em setembro de 2017, posteriormente, nas conversas e narrativas do ateliê, M.A.R. estava engajada na organização da Festa de São Pedro⁴⁴, padroeiro dos pescadores e carregava uma sacola com algumas peças entalhadas em madeiras com imagens de mulheres com as redes de peixe, simbolizando a atuação das mulheres na pesca.

M.A.R comentou: “essas peças são das mulheres da Nova Enseada, o papel delas na pesca precisa ser colocado na festa”. (CADERNO, julho de 2018).

A partir deste momento, a pesquisadora foi compreendendo a relação entre a pesca, o papel das mulheres e o artesanato confeccionado pelo grupo, despertando a intenção em conhecer a comunidade que lutou para conseguir junto aos órgãos ambientais a realocação para outra área no Parque Estadual, em virtude da erosão e da “barra” aberta que destruiu as casas e desalojou a comunidade.

Assim, a primeira visita foi realizada por esta pesquisadora em companhia de amigos em novembro 2019, já a segunda em dezembro, quando fez o trajeto pela estrada do Ariri, construída para levar ao bairro, mas que também contempla as histórias da exploração do ouro, da comunidade quilombola e indícios da Trilha do Telégrafo.

O bairro do Ariri é como um centro comercial para as comunidades que vivem na Ilha do Cardoso e no Parque Federal do Superagui, local também que possui a Escola Estadual e que torna-se o lugar mais próximo para as comunidades.

⁴⁴ A Festa de São Pedro é celebrada no dia 29 de junho de todos os anos, seguindo o calendário religioso. Em Cananéia, a Festa é celebrada pelos pescadores.

A visita ao Ararapira se deu em companhia de Gustavo e Neyton no dia 04 de outubro de 2020, como um desdobramento das dinâmicas anteriores em campo. Desta vez, o olhar foi direcionado às paisagens naturais, a partir das quais saltaram as informações que possibilitaram a compreensão desta pesquisadora sobre a relação entre o ser humano, as artes, seus modos de fazer, a cultura e a natureza, o que remete aos apontamentos teóricos realizados no início do texto.

Nesse sentido, a narrativa se adensa para o campo das percepções através dos sentidos e, ora é realizada em primeira pessoa do singular, ora na primeira do plural guardando, ainda, por vezes, no impessoal. Outro ponto a destacar é que um ponto de chegada levou, no decorrer do trajeto, a outro, configurando uma espécie de idas e vindas tanto no sentido externo, físico-geográfico como interno, existencial.

5.1. Paisagem e Ambiente

A reflexão sobre o Meio Ambiente repercutiu em todas as áreas do conhecimento e das atividades humanas, pois a concepção de natureza era tratada como algo externo ao ser humano desde o princípio do Iluminismo. Esta separação nas formas de se fazer ciência; de acordo com Santos (2010), os métodos científicos baseados na razão influenciaram outras áreas de conhecimentos, especialmente as ciências sociais e humanas.

No campo das ciências biológicas, especialmente no âmbito da Ecologia, as reflexões se dirigiram à integração entre os organismos e o meio ambiente, tal qual a ideia de consciência ambiental. Surge a concepção de ecossistema, expandindo as categorias dos organismos como as comunidades de bactérias, plantas, animais em suas relações com os ambientes físicos, químicos e as condições geográficas de seus habitats.

Apesar da separação estabelecida com a centralidade da razão, no contexto da teoria da estética as artes estão integradas à natureza. Segundo Berleant (1983), a estética contribui para a discussão sobre meio ambiente, visto que abrange a apreciação da natureza, ressaltando o belo e o sublime. Desta forma, a natureza como pauta das artes reflete, o que é possível perceber nos trabalhos dos artistas Paul Cézanne (1839-1906) e John Constable (1776-1837), que buscaram não somente retratar a paisagem, mas compreendê-la como recurso e representação das possibilidades de visão de espaço.

Na obra “A dúvida de Cézanne”, Merleau-Ponty (2013) narra o retorno do pintor ao ambiente de infância e seu reencontro com a natureza e sua história de vida. Diferentemente dos impressionistas, que retratam fielmente a natureza, o artista, considerado pós-impressionista, se utiliza das referências de natureza para trabalhar em suas pinturas, “a ordem espontânea das coisas percebidas e a ordem das ideias e das ciências” (PONTY, 2013, p. 116).

Nesse sentido, sua percepção emana de seu encontro com a natureza, retratado na forma de utilizar as cores, renunciando aos contornos definidos. Em cada contato com a natureza, o artista utiliza a cor que a mesma provoca em sua

percepção, se obtendo à justaposição de cada cor e enfatizando o dado “Pintando, desenha-se”.

Assim, sua pintura procura a realidade sem abandonar as sensações, tendo a natureza como a impressão imediata. Cézanne se diferencia dos outros pintores, portanto, ao sair do atelier e reconhecer o lugar em que se encontra, interagindo com totalidade, não apenas como um fragmento, desfaz as linhas divisórias.

Nesta esteira, John Constable que pintou o céu em diferentes tempos e direções, combinando experimentação artística e maturidade, junto com o desejo científico de entender os processos meteorológicos dinâmicos, “representando os sentidos na atmosfera que a percepção nos dá, sem contornos absolutos, ligados entre si pela luz e pelo ar”. O pintor refere a mudança da direção na paisagem artística, inventando imagens simbólicas postas à interpretação. Assim, também para Claude Monet (1840-1926) “a paisagem não existe sobre si, pois aparenta mudanças em todo momento, mas traz para a vida, o ar e as luzes, cada qual varia continuamente para ver a atmosfera que dá o verdadeiro valor”. (BERLEANT, 2013, p. 58).

Em síntese, a relação da arte com a natureza parte do pressuposto de que é a partir da paisagem identificada e vivida que se encontra a conexão das relações. Segundo Berleant (1983), o termo convencional ‘paisagem’ remete a uma expansão visual do mundo natural, circunscrito pela forma ou demarcação como um único campo visual. Os geógrafos definem o termo ‘paisagem cultural’ como a forma pela qual as pessoas imprimem suas práticas através de distintas práticas agrícolas e estilos arquitetônicos. O autor destaca que a paisagem requer engajamento, uma vez que se torna o campo da ação humana que envolve todos os sentidos, não meramente um objeto visual.

A apreciação, portanto, consiste em entrar na experiência de conhecer a marca de um lugar a partir da presença daqueles que ali vivem e trabalham. Nesse sentido, a experiência abarca o que é ser no mundo e, assim, “As raízes atingem camadas profundas, oferecendo um terreno diferente e frutífero para investigar” (BERLEANT, 2013, p. 61). Segundo, ainda, o autor:

[...] a apreciação da paisagem é uma experiência holística, que múltiplos fatores contribuem, como uma maneira de descrever isso, tem sido chamar de ecológico, com a participação no contexto, verificando que todos os elementos são dependentes entre si” (p.62).

Essa participação desperta as experiências e enraíza outras consciências, ou seja, para além da paisagem que está ali, trata-se de reconhecer que o apreciador é parte integrante da mesma. Assim, importa envolver a presença dinâmica do corpo na gama completa da consciência sensória, pois que a experiência da paisagem é predominantemente perceptiva, envolvendo todos os sentidos, provocando sensações que levam à consciência de si, do outro e do lugar.

Quanto aos sentidos, Berleant (2013) destaca o sentido visual, que permite o discernimento da luz, cor, tipo, padrão, movimento e distância, com correspondente abstração do espaço. Já a audição nos faz compreender os sons, barulhos, e qualidade do timbre, ordem, sequência, ritmos e outros padrões. O olfato está presente em nossa consciência de lugar e tempo. A experiência do tato não é tão simples, pertence à textura da superfície, temperatura, umidade e dor.

Em paralelo ao campo da estética, das artes e da natureza, os demais campos da sociedade vivenciam outras relações com a natureza, em especial, o próprio campo econômico. A partir da Reunião Internacional do Clube de Roma⁴⁵, em 1958, inicia-se um alerta para a finitude da natureza e o quanto isso é prejudicial ao crescimento econômico. Tais questões emergiram e delinearam o cenário da Crise do Petróleo de 1972, o que levou o mundo a pensar outras formas de desenvolvimento econômico, contudo, isso não ficou somente para este segmento, seguindo para todos os campos, inclusive, o científico, atingindo as metodologias.

Nesta perspectiva, as concepções sobre a natureza começaram a ser repensadas; no Brasil, o reflexo foi a implantação das Unidades de Conservação, em especial, os Parques Estaduais. Esta concepção, a princípio, partia desta separação entre ser humano e natureza, visto que, na implantação dos Parques no Vale do Ribeira, houve a tomada de terras das comunidades que circundam as áreas por conta de sua beleza cênica para a especulação imobiliária com foco do eixo “Turismo Sol e Praia”.

⁴⁵ O Clube de Roma é hoje uma organização não governamental (ONG) que teve início em abril de 1968 como um pequeno grupo de 30 profissionais empresários, diplomatas, cientistas, educadores, humanistas, economistas e altos funcionários governamentais de dez países diversos que se reuniram para tratar de assuntos relacionados ao uso indiscriminado dos recursos naturais do meio ambiente em termos mundiais. Disponível em: < <https://siteantigo.portaleducacao.com.br/>>. Acesso em 20 abr. 2020.

Mediante tais perspectivas, juntamente com a abordagem de ‘desenvolvimento sustentável’ trazida em 1988 pelo “Relatório Nosso Futuro Comum”, muitas atividades e ações começaram a ser pensadas, como: a equidade social, a conservação da natureza e o equilíbrio econômico. Todos esses termos são até os dias de hoje, questionáveis, pois há inúmeros debates que não cabem no contexto da presente pesquisa.

Com base no exposto, segundo Berleant (1984), o meio ambiente e a natureza são parte integrante da experiência, pois a percepção é a dimensão da estética, e a natureza faz parte deste domínio.

“[...] do feio para o grotesco, o bizarro, e tudo que é repulsivo, então uma estética de natureza deve dissolver estas bordas de proteção e admitir o mundo. Há um aspecto estético na nossa experiência de todo meio ambiente, o strip comercial muito mais da paisagem bucólica, a paisagem industrial como lagos e montanhas.” (BERLEANT, 1983, p. 11).

Assim, como a dimensão estética se constitui na categoria universal de toda experiência, não poderia deixar de incluir o meio ambiente – este último, pensado não como um objeto, mas como uma perspectiva de interação com o ser humano. Tendo a paisagem como a maior integração do ser humano, o autor propõe a ideia de que a presença humana cria a paisagem.

Nestes termos, segundo Reigota (2007), meio ambiente é:

“[...] um “lugar determinado ou percebido, onde os elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em interação. Essas relações implicam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e sociais de transformação do meio natural e construído” (2007, p. 154).

Contudo, voltando ao presente estudo, partiu-se da necessidade de se pensar como Cananéia e a Região do Vale do Ribeira foram, ao longo dos anos, tratados como locais em que o desenvolvimento sustentável era possível, incluindo atividades que visassem à conservação ambiental, já que abriga os últimos remanescentes de Mata Atlântica do Estado de São Paulo.

Neste contexto, e voltando às questões da ciência cartesiana que separou o ser humano da natureza, o Vale do Ribeira foi um dos locais em que esta divisão ocorreu, em especial, quando houve a institucionalização dos Parques Estaduais,

quando da retirada dos moradores locais das suas então áreas de moradia, desconsiderando-se sua integração com a natureza entre final de 1950 e início de 1960.

Vale destacar que o Parque Estadual da Ilha do Cardoso é o único que ainda mantém as comunidades locais, mesmo que sob restrições, sendo que muitas atividades tradicionais foram extintas e/ou transformadas com o surgimento do denominado Ecoturismo.

Partindo destas premissas, o meio ambiente de Cananéia é percebido e integrado à cultura e ao movimento das viagens, tanto na atividade do caminhar, quanto no navegar. Assim, o olhar de pesquisa consegue capturar cenas da flora e da fauna, das atividades econômicas e pesqueira e os outros sentidos, o cheiro do mangue e das chuvas que descem dos morros, e a textura das matas que se transformam desde as restingas até mata densa do continente.

Ilhas e continentes formam o território do município de Cananéia, configurados pela dinâmica da legislação ambiental que rege este lugar e, conseqüentemente, as formas de vida e a cultura. Esta dinâmica é percebida, portanto, esta inteireza do corpo e do/no espaço e, assim, nos tornamos parte do meio ambiente, através da interpenetração. (BERLEANT, 1984)

Nesta dinâmica, começamos a nos constituir também como parte desta experiência no meio ambiente, não somente no contato com a natureza, mas na concepção de diferentes mundos e vivências cotidianas. Segundo Berleant (1984), isso ocorre “de modo singular”, pois a percepção não é passiva, mas uma atitude de engajamento com meio ambiente:

“Além disso, não somente há uma contribuição psicológica na percepção, mas uma história anterior individual exercitando uma influência poderosa nas várias formas de resposta ao estímulo e condição de operação” (BERLEANT, 1984, p. 18).

Assim, as trajetórias históricas e sociais atravessam esta experiência, e a percepção sobre o meio ambiente – que acontece neste tempo e espaço, na medida em que se integra, se engaja. Porquanto, os fatores sociais e culturais atravessam a influência das experiências pelos hábitos e sistemas de crenças, que vão influenciar a percepção ambiental.

Esta percepção de mundo, trazida da fenomenologia de Merleau-Ponty refere-se a esta inteireza do eu no mundo, que vai delinear o que se vê e como isso se integra nas relações que estão postas. Nesse sentido, a natureza, as montanhas, as praias, as cidades históricas, as igrejas e os casarios são objetos culturais, não apenas coisas físicas, mas resultados de processos sociais que envolvem a organização do mundo percebido. A paisagem, assim, se constitui através da experiência, não como um objeto, mas como uma totalidade, como um fenômeno integral do qual somos parte (ANDRIOLO, 2015).

5.1.1. Nova Enseada: história e paisagem

A primeira visita a Nova Enseada aconteceu no dia 15 de novembro de 2019, esta visita tinha como objetivo verificar a possibilidade de ser um novo campo de pesquisa para a tese. Pois, em setembro de 2017, participei de uma Oficina sobre artes, promovida pelo SESC, na cidade de Registro, que abordou as práticas sociais desta comunidade frente às mudanças, já mencionadas, sobre o rompimento natural da ilha. A abertura da Oficina contou com as representantes Tatiane e Joice, da Comunidade da Enseada da Baleia⁴⁶, que se localizava no Parque Estadual da Ilha do Cardoso, em Cananéia. Representando as mulheres artesãs, a liderança apresentou um vídeo e descreveu a história da comunidade. Segundo a liderança, a principal atividade econômica da Enseada era o peixe seco, vendido pelo avô de Tatiane, ao mercado japonês até 2010.

As erosões sentidas pela comunidade iniciaram-se em 2010, tanto pelo canal quanto pelo mar; em outubro de 2016, com a ressaca, o mar atingiu 1,5 m de terra. Com as iniciativas da comunidade frente ao Ministério Público e Secretaria Estadual do Meio Ambiente, iniciaram-se os pedidos de mudança de território. Foi a primeira

vez na história que o Estado autorizou mudança de comunidade em uma Unidade de Conservação. Assim, os moradores escolheram uma área em que já tinham vivido há 60 anos, com o auxílio do Nubaup - USP que realizou o detalhamento sobre a comunidade, a pesca e o turismo, ajudando nas questões culturais do realocamento da comunidade.

As mulheres conseguem em 2010, se organizar em trabalho coletivo, iniciando um processo de transformação. A economia solidária passa a fazer parte da vida delas. O trabalho com as mulheres da comunidade foi baseado na aptidão de cada uma, umas sabiam costurar e outras bordar, a primeira peça feita por elas foi uma ecobag. Em 2015 realizaram a primeira exposição adaptando redes retiradas do lixo marinho e reutilizando redes da pesca para confecção de roupas e artesanatos.

Dois anos depois da participação nesta Oficina, foi possível conhecer este novo lugar da comunidade da Nova Enseada, Nova no sentido de lugar, pois a barra foi

⁴⁶ Enseada da Baleia é o antigo nome da comunidade. Atualmente, em abrigados ainda na Ilha do Cardoso, mas em outro local, denominaram como Nova Enseada.

rompida e todas as lutas foram vencidas cabendo, então, a organização das atividades econômicas para a reestruturação dos espaços e das construções.

Diferente dos caminhos feitos para se chegar ao Ariri e a Ararapira, o caminho para Enseada foi realizado pelo Mar Pequeno, de escuna, com alguns turistas que desceriam na comunidade do Marujá. Era feriado de 15 de novembro, e um grupo de amigos seguiu na visita comigo, em todo o percurso, os olhares focavam na paisagem, desde os movimentos das águas, o som do motor da escuna, até os pássaros sobrevoando todo o Lagamar.

As paisagens variavam: de um lado, a Ilha do Cardoso, com morros e vegetações, do outro, o manguezal e algumas ilhas no meio do caminho. As curvas no caminho, as voadeiras que passavam com outros grupos de turistas ou mesmo com uma única pessoa, faziam com que as ondulações das águas ficassem mais proeminentes. Mas não é só de olhares que a viagem se deu, mas de conversas tanto sobre o que era observado como sobre a vida em si.

Participar deste lugar e fazer parte desta paisagem nos remete a diversos pensamentos, inclusive, sobre como a vida acontece, ou seja, uma pausa para pensar e refletir, ideias surgem nas conversas, lugares são vistos e presenciados e a expectativa da chegada aumenta conforme as curvas e as horas passam. Há, aqui, uma composição de tempo e espaço, que permite a interação inclusive com o desconhecido, este desconhecido que pode vir de outros lugares também. A brisa e o vento são mais intensos de acordo com a posição na escuna e os sons das conversas, algumas vezes, são alterados em virtude da sonorização da natureza. Em face a tudo que se olha, identifica-se uma casa com um barco no meio das águas, é uma ilha que o nome se perdeu, mas o questionamento sobre como se vive, permaneceu na mente e chegou a ser comentário de conversas.

Há muitos relatos de pessoas que vivem sozinhas em ilhas, na região de Cananéia estes relatos também aparecem em vídeos, se não sozinhas, lugares que foram abandonados no tempo, tanto por proibição de legislação ambiental quanto por opção dos moradores. O movimento de pessoas que circulam não está ligado apenas aos trajetos, mas aos locais de residências e destas circunstâncias nota-se o desencadeamento de povoamentos.

Com base nesta reflexão, chegamos depois de um tempo na Nova Enseada, um repovoamento organizado, a continuidade de uma história em outro lugar, cheia de novas operações sobre este espaço. Ao chegar, deparamos com as construções de casa em madeira, segundo relatos, as madeiras foram concedidas pelo Ibama e pela Fundação Florestal. Algumas com cores, outras ainda sem pintar.

As casas ficam no entorno de duas árvores principais que dão espaço às redes e a alguns balanços de pneus. Neste entorno, duas pousadas, um restaurante e uma loja, onde são vendidas as artes da comunidade para as turistas. Algumas outras casas estavam dispersas no lugar, outras em construção, dentre elas, a Igreja que ainda não estava pronta.

Este lugar apresenta em seus detalhes o cuidado de todos com o ambiente, há bromélias em algumas árvores, flores espalhadas pelo espaço, configuram também o acolhimento do novo lugar em consonância com a paisagem. Entre as flores próximas à pousada e ao restaurante, há uma horta comunitária, de onde são retirados os produtos para o preparo das refeições. Além da horta, há também um pomar que serve a todos da comunidade, mas sob o cuidado dos responsáveis pela pousada, configurando-se em um trabalho do e para o coletivo.

As flores plantadas em volta da pousada/casa, com as árvores de outrora, foram pensadas como um canto de descanso, para se deitar na grama e olhar o céu e a rede para simplesmente descansar no pós-almoço ou para qualquer hora. Todo conjunto de casas, pousadas, bares e restaurante entra em harmonia com a vegetação, não apresenta ruídos no som e na paisagem, inclusive, as decorações dos ambientes entram nesta mesma harmonia.

A arquitetura do bar/restaurante toda em madeira, é decorada em seu interior com artesanatos em madeira, em uma parede observa-se um remo, animais marinhos e um pilão, os pequenos barcos e madeiras pintadas retratam passagens do cotidiano da vida caiçara. Pessoas juntas carregam cestos com peixe, isto celebra para o visitante o retrato de memórias e da vida da comunidade, juntamente, com as refeições servidas.

Se, a princípio, conseguimos sentir o ambiente diferenciado com as cores e a calma, por meio de algumas atividades percebemos traços da cultura local. No almoço servido na pousada, desfrutamos da culinária caiçara com saladas, arroz,

feijão, farofa e peixe, mesmo com outras opções, o sabor da comida feita em casa, juntamente, com o bate papo e sorriso de alegria de quem fazia todo o preparo e o atendimento com satisfação.

Ao entrarmos no quarto coletivo, tínhamos duas beliches e roupas de cama bem estendidas, uma limpeza nítida do piso, com uma vista que saía para o pomar e horta coletiva. Ao longo da visão, avistava-se a cadeia montanhosa da própria Ilha do Cardoso. Depois de uma pausa do almoço, mais à tarde, saímos para a praia em uma pequena trilha em meio à mata de restinga e a composição de bromélias nos acompanhava até uma pequena inclinação. Do lado esquerdo, avistávamos o mirante, mas seguimos e a vegetação a cada passo se tornava mais rasteira até chegar à praia.

Na transição entre restinga e areia, alguns pedaços de árvores compunham a paisagem e serviam de locais para sentar ou apoiar as roupas para um mergulho no mar. Outras pessoas estendiam cangas de uma ponta a outra, servindo de abrigo ao sol; a imensidão de areia, mar e algumas árvores espaçadas compunham o olhar, o calor forte nos convidava a um mergulho nas águas em um azul acinzentado e, ao longe, verde.

Todo este espaço era um convite ao silêncio interno e à reflexão de quão distante estávamos de toda agitação da vida urbana, e do quanto possível é sonhar com novas possibilidades de vida neste lugar. No lugar distante, frente a uma cultura que também compõe este território de águas, terras, mares e cadeias montanhosas, pessoas vivem no contato com a natureza buscando, a partir dela, ressignificar a vida em comunidade. Isto ficou bem claro quando as mulheres da comunidade abriram as portas da loja de roupas.

A confecção de roupas e artesanatos locais feitos pelas Mulheres da Nova Enseada (MAE), significam as novas possibilidades de se olhar e conservar a natureza (Figura 58).

Figura 58 - Roupas Confeccionadas pela MAE



Fonte: A autora

A casa de estrutura em madeira abriga, em araras penduradas em cordas, as roupas femininas com malhas e detalhes com as redes de pesca; os brinquedos em crochê com representações de animais marinhos; artesanatos em madeira retratando a vida das mulheres com as redes de pesca (Figura 59).

Figura 59 - Artesanatos Confeccionados pela MAE



Fonte: A autora

A visita a esta comunidade nos levou a refletir sobre a imersão na vida desta, assim como a reconstrução de casas e construções ainda por serem feitas na ocasião, a alimentação local e a aproximação das anfitriãs com os visitantes, o café da tarde com bolo, como se estivéssemos em nossa casa, sentados à mesa da cozinha ou do salão.

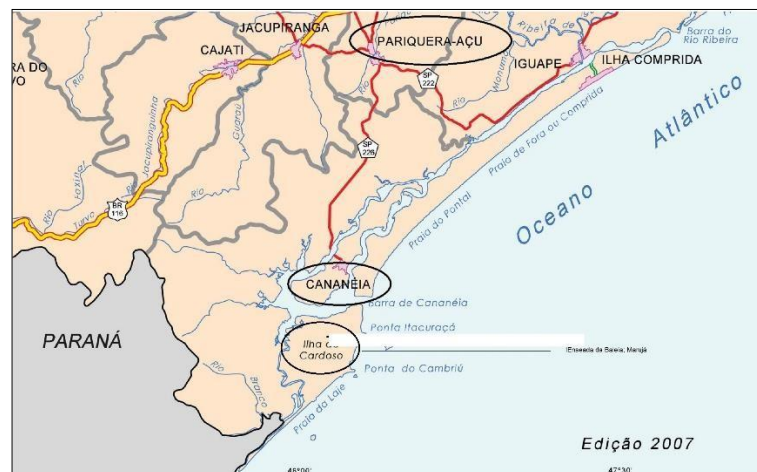
As conversas e o acompanhamento dos trabalhos, como pegar o barco e comprar as mercadorias no Ariri, conversar sobre o cotidiano escolar das crianças, da pesca dos homens e do artesanato das mulheres, compunham os significados para a pesquisa. A cooperação na limpeza do quarto onde nos hospedamos e o recolhimento dos pratos, nos fizeram mais do que visitantes. Fizeram-nos amigos. Esta aproximação nos fez pensar em nossas ações e atitudes, por onde caminhamos e a percepção dos detalhes do ambiente nos fortaleceu para pensarmos, inclusive, no lugar em que moramos e executamos nossas atividades diárias.

Todo este caminhar, navegar, falar, observar e interagir vão além de descrição e dados de pesquisa, mas nos permitem apreciar as formas de vidas existentes e os fazeres. Nos permitem partilhar com mais colegas e amigos, as experiências vividas e as possibilidades que a vida carrega.

5.1.2. Visita ao Ariri

A visita ao Ariri aconteceu no dia 27 de dezembro de 2019 e constitui um percurso paisagístico que se inicia na estrada que liga Pariquera-Açu a Cananéia (Figura 60), considerado um outro acesso às comunidades do Parque Estadual da Ilha do Cardoso e ao Parque Federal do Superagui, em que encontra-se a Comunidade do Ararapira. Ainda não asfaltada, a estrada se inicia no bairro Itapitangui, próximo ao Porto Cubatão, Cananéia.

Figura 60 - Localização da Estrada Cananéia - Pariquera-Açu



Fonte: IGC, 2007. Modificado pela autora.

A estrada de terra, com muitas ondulações, segue a mata densa e os morros das inúmeras lendas e histórias dos primeiros habitantes da região. Pequenas pontes configuram a paisagem e, do lado direito, é possível observar as águas entre as pedras; os sons dos pássaros produzem a calma de quem está no carro ou veio do ambiente urbano. No percurso de chacoalhadas e muitos desvios, não é possível aumentar a velocidade, então, as conversas e os comentários sobre o lugar tornam-se imprescindíveis.

A natureza se apresenta de diversas formas – rios, cachoeiras, fluxos, matas, animais e algumas espécies nativas de frutas beiram a estrada. Os morros ao longe nos permitem analisar o fluxo do ambiente físico, saindo da base plana para o aumento da altitude; o ambiente faunístico que, entre árvores de troncos finos com

variações de verdes, nos permite analisar o quanto a luz do sol muda as cores no caminho.

Naquela semana tinha chovido muito e os buracos na estrada estavam cheios de água, mas também os pequenos rios, que passam nas oito pequenas pontes do percurso, permeavam e contornavam as pedras que ali estavam. Uma dessas pontes é chamada de pedra seca, pois quando não chove, somente as pedras aparecem. Ao pararmos, podemos sentir o ambiente úmido e o fresco das águas e da mata, especialmente, em dias mais quentes.

Há alguns empreendimentos no caminho, como um parque temático e um hotel. O local é abrigo na imensidão do ambiente natural e tudo foi pensado e trabalhado para aqueles que buscam a tranquilidade da mata, inclusive, para quem aprecia a leitura e a cultura local, pois a biblioteca possui diversos livros sobre ecossistema, com uma luminária que reflete uma luz na cor amarela, dando aquela sensação de aconchego. As mesas de leitura estão espalhadas no ambiente e há um sofá no canto, onde está um cartaz do fandango caiçara. Outra mesa com alguns instrumentos do local leva os visitantes alguns indícios desta cultura.

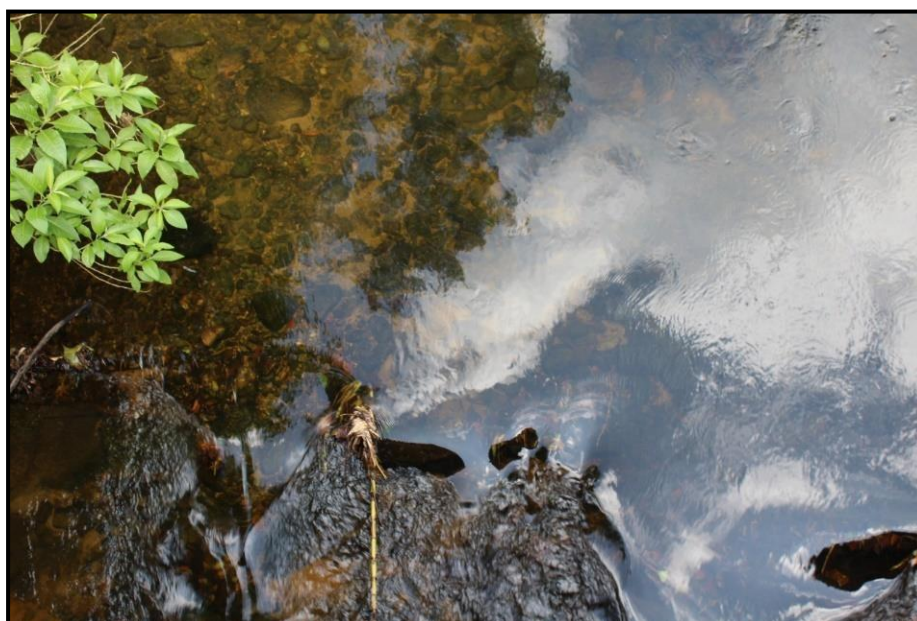
Mas o percurso continua e a estrada de terra levanta a poeira com o passar dos carros; à frente, avistamos a Comunidade Quilombola do Mandira, um chafariz, parecendo uma cachoeira está à beira da estrada, com um bar e um barracão ao lado. Neste ambiente, também pude acompanhar uma Oficina para crianças sobre o problema do lixo nos oceanos em 11 de janeiro de 2020. Os personagens, vestidos de peixes, utilizavam-se de fitas, algumas garrafas pets, os panos azuis de ponta a ponta e um tecido acrobático branco ao centro do espaço, no qual uma ‘mulher-peixe’ subia e descia, envolvendo os pés e o corpo nos movimentos.

Os ‘peixes’ conversavam entre si e com as crianças, que ficavam com os olhos brilhando a cada atividade. Enquanto as crianças assistiam, algumas pessoas mais velhas ficavam em volta a assistir. As lições lúdicas sobre o consumo e o descarte dos materiais interagiam com as crianças, fazendo um contraponto entre uma vida de tecnologia e a importância deste contato com a natureza.

O percurso continua e a estrada se torna melhor, passamos pelo Rio das Minas, uma ponte de maior extensão que provoca a parada para se apreciar as águas que seguem este fluxo na mata, sob uma ponte de pedra, muito diferente das pontes

estruturadas das cidades, ela ainda tem em suas bordas um apoio de cimento. Entre este apoio de cimento e a mata, o céu azul pode ser visto resplandecendo nas águas que correm em meio à superfície marrom misturada com o verde. O reflexo do céu nos permite pensar em como as águas puras e claras são espelhos da natureza, e lembrar quantas pessoas se veem nas águas claras (Figura 61).

Figura 61 - Águas da Estrada do Ariri



Fonte: A autora.

Ainda no percurso, animais como lagartos cruzam a estrada tranquilamente, na verdade, nós é que estamos no ambiente deles e ali podem transitar à vontade, ou pelo menos, quase à vontade. A mudança de cor da estrada também é notada, passando do marrom claro para o areia; pedriscos também fazem parte da estrutura mais condensada desta estrada com menos buracos. De qualquer forma, a velocidade máxima é de 50 km/h, pois as curvas e os detalhes nos encantam. Em meio à vegetação, ainda podemos presenciar a bananeira com a flor rosa (Figura 62) e algumas bromélias – os tons de vermelho e amarelo se destacam em meio ao contínuo verde da mata e o azul do céu com as nuvens brancas.

Figura 62 - Flor Rosa da Bananeira



Fonte: A autora

No caminho, encontramos uma casa ou vestígios de uma construção (Figura 63); ao parar ali, se imagina como eram organizados os cômodos; as janelas estão envoltas por samambaias e, quando adentramos, notamos a luz do sol resplandecendo de um lado e a umidade da mata, do outro.

Figura 63 - Ruínas da Antiga Construção



Fonte: A autora

As entradas com degraus altos, coberta por samambaias. Não há comentários sobre sua história, simplesmente a construção está ali. Talvez algum morador local possa contar sobre as pessoas que moravam na casa... Ao olhar e entrar, percebemos

a construção em pedra, suas paredes ásperas, debaixo das samambaias que dominam todo o lugar (Figura 64). Nas paredes, há alguns buracos, e as teias de aranha ocupam a morada em algumas frestas.

Figura 64 - Vista da Janela - Samambaias



Fonte: A autora

Do outro lado, há mata e um caminho, com uma porteira que leva a alguma morada, mas somente podemos ver as marcas dos veículos. Neste ambiente de silêncio natural e sons de vento, águas e natureza encontramos, algumas vezes, pessoas passando, geralmente, vestidas de calça, camisa e chapéu, acompanhadas por alguns cachorros.

O percurso continua e as águas que descem das montanhas cruzam a estrada por baixo; diversas pontes e águas continuam a nos acompanhar até chegarmos a um lugar mais alagadiço, com a abertura da mata simbolizando uma chácara –avistamos búfalos e um trator. Uma placa sinaliza que ainda há 12 quilômetros para o Ariri, mas há um caminho que leva a Santa Maria.

Ao entrarmos na vila pela estrada de terra batida, deparamos com algumas casas distribuídas por um terreno gramado, consideravelmente distantes umas das outras, como se acompanhassem a abertura do caminho. Eram feitas de tábuas e com pequena elevação do solo gramado. Árvores e flores se apresentam em todas as casas, que estavam cercadas por arame. Ao chegarmos ao final da estrada, havia uma escola e, ao olharmos à esquerda, avistamos a Trilha do Telégrafo ou Trilha do Imperador (Figura 65).

Figura 65 - Trilha do Telégrafo - Caminho para Guaraqueçaba/ PR



Fonte: A autora

Os postes demarcam a área e há uma indicação dos mesmos postes no Morro do Mirante em Iguape, mas é nesta área que teremos a maior sequência de postes, demarcando o início do caminho que leva ao município de Guaraqueçaba, estado do Paraná. Atualmente, há alguns trilheiros e motoqueiros que fazem este trajeto. Como estávamos de carro, não conseguimos desviar o percurso, teríamos que voltar pelo mesmo caminho e seguir para o Ariri.

No retorno, voltamos a notar as casas que, aparentemente, estavam vazias, mas as flores de uma delas chamaram minha atenção. As crianças brincavam e sorriam no gramado, enquanto alguém na cozinha conversava com elas. As rosas beiravam o arame farpado na divisão com a estrada, e as flores amarelas nos acompanham no caminho.

Os terrenos alagadiços e espaçados nos levam ao caminho do Ariri e retomamos uma paisagem um pouco diferente. Já não há tanta mata densa, alguns terrenos planos são identificados, e os alagadiços, mais evidenciados (Figura 66). Árvores espaçadas, palmeiras e alguns arbustos são focos de apreciação neste lugar – a representação de uma união na imensidão das plantas mais rasteiras no momento de uma das inúmeras curvas desta estrada.

Figura 66 - Árvores na Paisagem Aberta



Fonte: A autora

Depois desta vastidão de verde e azul, debaixo de um calor mais úmido e uma brisa, começam a aparecer algumas casas, algumas de madeira com uma sequência de tábuas na vertical, outras de alvenaria, inclusive, sobrados, o que nos faz pensar que a chegada está próxima, depois de quase duas horas percorrendo os 63 quilômetros. Avistamos uma casa com alguns instrumentos do fandango, como viola e rabeça pendurados na varanda e uma placa gasta com algo escrito sobre o Fandango. Naquele momento, lembrei-me do fandagueiro Zé Pereira que, segundo algumas informações, mora no Ariri. Talvez esta fosse sua casa.

A quantidade de casas aumenta e as flores amarelas simbolizam a chegada ao Bairro do Ariri (Figura 67), que posteriormente, é sinalizado com uma placa: Ariri –

Bem-vindo! Turismo de Base Comunitária na Terra do Mico Caiçara. A sinalização é padrão do turismo, marrom com escritos em branco e identificando algumas atividades que podem ser feita no Bairro, além dos patrocinadores abaixo.

Figura 67 - Flores na Chegada do Ariri



Fonte: A autora

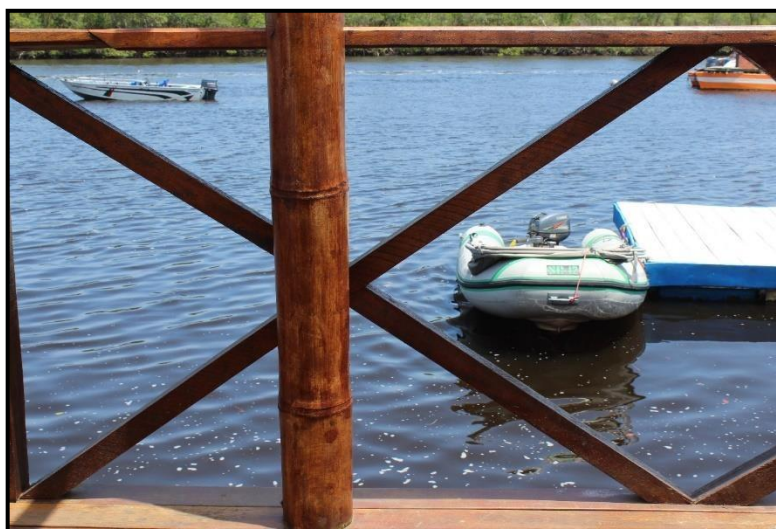
Na entrada do Ariri, a estrada muda e o que era de terra batida, vira uma rua de paralelepípedo; um lago no terreno de uma pousada no mesmo quarteirão da Igreja chama a atenção pela suavidade; no conjunto de casas e ruas, o céu azul, árvores e os rumos das ruas, sem uma linearidade fixa, nos propõem pensar em diversos atalhos, mas permanecemos em sentido reto. Entre alguns terrenos vazios com apenas algumas árvores, chamam a atenção casas ao fundo. Enquanto de um lado temos o morro verde e de vegetação imponente, do outro, o horizonte linear nos permite ver a continuidade do verde que nos espera ao final da rua.

Ao chegarmos no final da rua, há uma passagem direta para as águas e a mata que encontramos é o manguezal que já faz parte do Estado do Paraná, precisamente, do Parque Federal Superagui. A sensação de divisa, de fronteira com águas, causa uma estranheza, o morro na parte de trás nos dá a sensação de 'fim da linha' e, ao mesmo tempo, de continuidade dos lugares que podem ainda ser vistos. Nesta sensação de fronteira, a entrada no restaurante de piso de madeira sinaliza o ambiente acolhedor da comida caseira e local.

Optamos por sentar na parte aberta, pois o calor intenso da cozinha e do clima daquele dia penetrava no ambiente interno. Este ambiente era todo composto por mesas e cadeiras de madeira, algumas peças de artesanato estavam penduradas na parede, a imagem de peixes e remos dos artesanatos indicavam alguns traços da cultura local.

A área aberta, feita de estrutura em madeira e símbolos geométricos vazados, nos permitia ver e escutar os sons das águas entrecortados pelo trânsito de voadeiras e lanchas que traziam turistas (Figura 68).

Figura 68 - Vista do Restaurante



Fonte: A autora

As lanchas maiores paravam no meio da água e pequenos barcos traziam as pessoas para a localidade. Sentamos e apreciamos o movimento de pessoas, dos barcos, o vento forte fazia com que a toalha da mesa e suas pontas sobrevoassem para a mesa. Ao sermos atendidos, com muita atenção e hospitalidade, o cardápio foi colocado sobre a mesa. Ao virarmos as páginas, notamos os pratos locais tendo como base os pescados e peixes. Enquanto almoçávamos, notávamos também o acolhimento e atenção dos trabalhadores, a preocupação em proporcionar um bem-estar no momento da refeição.

Após a refeição, finalizada com um café que estava disponível na parte interna do salão do restaurante, resolvemos andar pelas ruas. A rua do restaurante que margeia o mar pequeno é considerada a rua do comércio, ao longo dela, encontramos mercadinhos. Os mercadinhos, de pequeno porte, abrigam uma variedade grande de produtos em pequenas quantidades, atendendo a quase todas as necessidades. No balcão, onde fica o Caixa, há pilhas e produtos de higiene pessoal.

Notamos que havia dois mercadinhos, uma pousada e uma venda. No outro lado da rua, o gramado e os pequenos píeres compõem a paisagem, os bancos de cimento em frente às águas possibilitam momentos de observação e contemplação. Nestas mesmas águas, crianças mergulham e brincam, desfrutando do contato com esta fluência em brincadeiras e disputas enquanto nós estávamos no gramado pensando na possibilidade de pedir a algum morador para nos levar à Comunidade da Nova Enseada – o proprietário da venda se prontificou.

5.1.3. Do Ariri à Nova Enseada

Esta outra visita a Nova Enseada, aconteceu no dia 27 de dezembro de 2019, em parceria com Rogério Brotas.

A voadeira estacionada em um dos píeres, mesmo parada, acompanhava as ondulações provocadas tanto pela passagem de outras voadeiras quanto pelas águas que seguiam o curso para a frente, em direção às margens em que estávamos. Ao colocarmos os pés na voadeira, sentimos o flutuar do barco e a sensação de incerteza de como nos locomovermos e nos acomodarmos. Quando todos estavam na embarcação e a voadeira foi ligada, quase não conseguimos conversar devido ao forte barulho do motor.

No meio das águas, o ângulo de visão é outro, como se saíssemos da ponte onde estávamos e conseguíssemos analisar a amplitude daquele cenário: os morros verdes e as construções na base, como se tudo estivesse dentro de um quadro. Ao longo do percurso de barco foi possível observar as casas que ficam mais à beira das águas, cadeiras de praia espalhadas em uma das varandas, enquanto outras casas tinham portões. Do outro lado, a paisagem era o manguezal com suas raízes aparecendo, indicando a maré mais baixa.

De forma muito rápida, os conjuntos de casas começam a se espaçar e uma única chaminé de tijolos passou a chamar a atenção. Na conversa, é indicado que havia uma indústria de cimento e ainda há vestígios da construção. Mas esta chaminé é dominada pela natureza que ocupa o lugar da visão, uma mata não muito alta começa a se entrecruzar com as águas e o manguezal é o principal foco da paisagem. Depois de uma longa curva, do lado direito, começamos a ver as águas batendo em uma barreira, este lugar é a Vila de Ararapira.

A Igreja amarela e algumas faixas azuis se apresentam compondo o cenário do manguezal, das águas e dos barcos. Entre os barcos de turistas, de moradores e a ondulação das águas, esta construção nos sensibiliza para a morada de pessoas, mas somente ela e uma casa pequena aparecem, solitárias, nos traços verdes, azuis e brancos do cenário.

Ao sairmos deste canal, a uma certa velocidade, os manguezais continuam abrindo espaço para as águas e, de um lado a outro, apenas se observa a imensidão de águas e a Ilha do Cardoso à nossa frente, tendo como localização a Nova Enseada, que avistamos de longe.

Ao aportarmos na Enseada, descemos e colocamos os pés nas águas, estas não são salgadas ou doces, mas a mistura de ambas, o que compõe o Mar Pequeno e o Complexo Lagamar. Na parada, o balanço das águas refletia novamente a nossa postura na voadeira e o equilíbrio foi fundamental para subirmos pela escada, com os pés descalços e a ânsia de pisar na área; os pés passaram pela sensação da madeira e, através da visão, tomamos cuidado para não pisar nos pregos. A sensação da grama nos pés, a visão do campo e algumas novas construções ou construções semiacabadas: deparamos com a comunidade cheia de pessoas, diferente da ocasião anterior. O cenário era de muitas barracas, pessoas no bar, crianças correndo, a pousada cheia.

Antes de correr para a praia em busca de refrescar o corpo, passamos por muitas pessoas deitadas no gramado e fomos em direção a outra pousada, a estrutura era de madeira com uma varanda para o restaurante, com as mesas e as cadeiras de madeira distribuídas. Havia muitas pessoas ali também. Ao entrarmos naquele espaço, deixamos os sapatos e limpamos os pés e, no balcão, cumprimentamos os proprietários da casa, que fizeram de sua casa uma pousada também, dividindo os espaços privativos aos hóspedes. Trata-se de uma cozinha organizada e limpa, para a preparação do alimento. Como havia um ritmo de trabalho bem intenso, deixamos nossas bolsas e seguimos o caminho de restinga que leva até a praia. As bromélias e a vegetação da restinga acompanharam a trilha.

Ao chegarmos à praia, a imensidão do mar azul com uma pequena ilha distante à frente penetra aos olhos e nos dão a sensação de liberdade e de infinito. Em meio à areia branca, fofa, quente, juntamente com as altas temperaturas daquele dia, o mergulho no mar foi um convite ao frescor corporal e da alma. Ao entrarmos na água do mar, avistamos a praia, ocupada apenas por alguns troncos secos e pedaços de madeira. A água, límpida e refrescante, condicionava o corpo a permanecer na sensação de plenitude e inteireza com as ondas batendo no corpo.

Sair daquele mar estava difícil, ao ficarmos em pé, bem ao longe, conseguia-se avistar algumas cores que pareciam de guarda-sóis; o corredor montanhoso foi ficando ao longe, junto com as nuvens mais próximas que nos acolhiam. Quanto aos sons, somente o barulho do vento e do mar, muito mais das ondas que fazem seu vai e vem nas areias brancas.

Ao sairmos do mar, neste ambiente foi possível pensar nas possibilidades de caminhos que a vida pode seguir, caminhos que, como estes, nos conduziram até ali, onde a natureza toma a frente das coisas e a areia do mar se amplia mediante a vegetação e ao mar. Ao olhar para as coisas mais próximas, deparamos com dois morrinhos de areia feitos à mão, considerando que alguém mexeu nesses areais e os fizeram – prática muito convencional nas praias, visto que as pessoas escrevem e mergulham seus pés nos areais.

Com o tempo curto, tínhamos que retornar e não queríamos pegar a estrada para Ariri, onde estávamos hospedados, no período noturno. Saímos com o foco em nos despedirmos das pessoas da comunidade; ficamos impressionados com a quantidade de pessoas na Enseada. Ao esperarmos a voadeira, sentados no píer, nossos olhares focavam nas águas e na Igreja de Ararapira (Figura 69). O piloto chegou e os olhares ainda permaneciam na construção de Ararapira.

Figura 69 - Vista de Ararapira



Fonte: A autora

Ao entrarmos na voadeira, já não havia mais estranheza no balanço do barco e seguimos viagem apenas com o som do motor. Ao chegarmos no Ariri, o fluxo de voadeiras havia diminuído e aproveitamos o final da tarde para percorrer algumas ruas nas quais haviam pousadas, casas, o comércio fica na rua à beira mar. Avistamos uma escola municipal próxima à praça que, pela presença do parque e dos brinquedos, é de Educação Infantil. Próximo à escola, há um posto de saúde, no seu espaço, nas paredes, algumas notícias da localidade, dentre as quais destacamos a seguinte: “Alunos das comunidades no Paraná conseguem permanecer na escola depois de briga na justiça”. As escolas do Ariri atendem alunos do Estado do Paraná por ser lugar de fronteira.

Se o Estado é o provedor da educação pública básica, especialmente, dos adolescentes e adultos, deve oferecer espaços escolares. Contudo, sabe-se que as comunidades do entorno oferecem apenas o ensino fundamental até a quarta série e a Escola Estadual do Bairro do Ariri abriga todos os jovens da região, inclusive de comunidades que fazem parte do Estado do Paraná. A partir desta notícia e de conversas nas comunidades, em que veremos mais adiante, o Bairro do Ariri é o centro comercial e de atendimento aos povos dessas comunidades.

Posteriormente, paramos para ver a Igreja, que estava fechada. Fica claro que sua arquitetura é parecida com a da Igreja São João Batista, no centro da Ilha de Cananéia. Seguimos viagem de retorno, o rock era a música no carro, a poeira continuava e alguns detalhes mudaram, a casa que estava fechada e abrigava um trator estava “tocando” búfalos para o outro lado da pista e os tocadores, gentilmente, nos cumprimentaram.

Aliás, essa é uma característica deste trecho, as pessoas geralmente cumprimentam uns aos outros na estrada. Paramos em alguns pontos para comermos os morangos silvestres que estavam à beira da estrada, eles não são doces e nem tão azedos, como os que compramos nos mercados ou feiras, têm uma maciez ao toque dos dentes e são menores.

Depois de três horas de percurso, chegamos a Pariquera-Açu, com as costas doendo, e o corpo com uma mistura de sal do mar e poeira da estrada, foram cerca de duas horas e trinta minutos.

5.1.4. Visita a Ararapira

Ararapira tem sua formação em meio ao manguezal e o movimento das águas; as características climáticas e sociais do lugar mudaram no decorrer dos anos. Após parar a voadeira em um local banhado de águas e areia, há uma escada que permite o acesso a uma trilha até chegarmos no espaço, em que encontramos a Igreja ao centro (Figura 70), os bancos à beira do barranco, uma casa em fase de demolição e as casas ao redor. Há uma sensação de silêncio, não apenas por ouvirmos os sons das águas, do vento e dos pássaros, mas do silêncio da ausência de habitantes. Neste silêncio, somos recepcionados pela proprietária de uma das casas. A chuva havia molhado nossas roupas no percurso da voadeira do Ariri até Ararapira.

Figura 70 - Igreja São José - Ararapira



Fonte: A autora

Naquela tarde chuvosa, fomos recepcionados com bolo e café na casa de madeira, com cômodos bem definidos, cada objeto caprichosamente organizado – pela porta da sala já podíamos observar o sofá, a cômoda e o espelho em uma das paredes, e a televisão no sentido contrário do sofá. Um balcão separava a mesa do jantar da sala de estar. Esta distribuição contribuía para as conversas de quem estava sentado no sofá. À esquerda, a pequena cozinha com a janela aberta que clareava o ambiente nos apresentava o comedor dos pássaros com frutas, especialmente,

banana, e a paisagem do gramado e da casa vizinha. O céu cinzento e a chuva caindo, sinalizavam o frio do final de semana.

A anfitriã nos levou para os quartos, ambos muito organizados, o cobre leito verde e a prateleira ao lado com os cobertores dobrados, sendo um em cada espaço. Toda esta organização se assemelhava à de uma pousada, e as indicações das tomadas e do aplique que espantava os pernilongos me fizeram sentir o acolhimento e a hospitalidade. Em conversas sobre histórias de vida, percebi o porquê de todos os quartos serem organizados e limpos.

Os meninos se hospedaram em um quarto, e eu no outro, em espaços individualizados, deixamos as malas e mochilas e seguimos para o ambiente da mesa de jantar. A mesa com bolo, garrafa de café e xicaras com pires simbolizavam a recepção do café e os pães, biscoitos de polvilho compunham o cenário para o café. As conversas sobre a organização dos cachos de banana trazidos por nós foram iniciadas para tratar da alimentação dos pássaros. Comentamos sobre a viagem pela estrada do Ariri e, posteriormente, sobre os preços dos produtos na vila que, realmente, eram muito altos em relação à cidade de Cananéia.

A anfitriã comentou sobre a mudança da vida para Ararapira e enfatizou, especialmente, as mudanças na casa, a necessidade de trazer o genro para fazer alguns ajustes, pois uma parte da casa fora feita depois, já que só tinham os quartos, a princípio. Após o café, resolvemos fazer uma visita à Igreja; ao sairmos, colocamos os tênis que estavam na porta da casa, junto com o tapete, já que para entrarmos na casa, tiramos os mesmos, quando a anfitriã, gentilmente, nos cedeu alguns chinelos.

Seguimos para a Igreja e o gramado e as árvores de ‘chapéu de sol’ no caminho pareciam abrigos para os pássaros, que voavam de uma à outra, e repousavam nas cercas da casa. Ao entrarmos na Igreja, fomos ao altar – os bancos de madeira, as janelas e vitrôs contavam cerca de oito; já no altar, meus colegas analisavam o São José, padroeiro do povoado e pensavam em uma possível restauração. Os vasos de flores, o altar azul e branco abrigava as luminárias com velas, a imagem de Jesus e o Santo Expedito. Gustavo comentou sobre os vasos, e a anfitriã comentou que sempre são limpos e que as pessoas trazem, de suas casas, os enfeites para o altar.

Na sequência de observação do lugar, as memórias de tempos vividos são relembradas, as goteiras do telhado fazem lembrar das pessoas que ajudaram a reconstruir o telhado em outros tempos, não somente pessoas de Ararapira, mas de outras comunidades vinham para ajudar, cedendo o trabalho e alguns materiais. Segundo a anfitriã, as festas religiosas traziam pessoas das comunidades do entorno, como os moradores do Marujá, da Nova Enseada, do Pontal e do Ariri. Este misto de colaboração e engajamento eram evidentes na fala.

Há muito o que se fazer na estrutura da Igreja, pois as goteiras e o piso, em alguns pontos, necessitam de ajustes. Contudo, não há um direcionamento de verba da Igreja e mesmo aqueles que contribuem, não é suficiente para uma grande reforma. Então, os meninos pensaram em colaborar com a pintura do altar e restauros de algumas peças.

A visão de dentro da Igreja, pelas frestas dos vitrôs, aponta para algumas construções que ainda permanecem no tempo, tanto a antiga “cadeia” quanto a escola. A cadeia não era bem uma prisão, era um espaço para as pessoas que ‘tumultuavam’ a Vila. por outro ângulo, víamos a casa vermelha e uma das árvores que estava derrubada, pois havia um receio que ela caísse em alguém passando. Frequentemente, este gramado é rastelado e limpo pois, segundo a anfitriã, há muitas folhas que caem das árvores.

Ainda na Igreja, a curiosidade nos invadia em cada detalhe e, assim, percorremos o espaço para saber o que havia na sala paroquial, mas a mesma estava fechada. A cruz de madeira, próxima à porta principal, trazia escrito “Salva a tua alma” - Lembranças das Santas Missões - Padres Redentoristas - 6/1953, precisava de restauro. Neyton deu a ideia de pintá-la e escrever com o mesmo tipo de letra.

Os bancos segurando as portas, indicavam uma forma de segurança. Do lado esquerdo da porta, havia uma passagem que dava ao sino, conseguíamos ver as estruturas da Igreja em alvenaria e um fio ligado ao sino. Comentou-se que a Igreja era feita de uma torre e, posteriormente, foi feita a outra, na qual está o sino, que é tocado no dia da Festa de São José. A Festa de São José, atualmente, é o momento em que os descendentes dos antigos moradores voltam a Ararapira para se reencontrarem; vindos de diversos lugares, incluindo Cananéia e Paranaguá.

Ao sair da Igreja, a curiosidade do que tinha na sala paroquial continuava, tentamos ver por entre as frestas da janela, mas sem sucesso, pois madeiras as cobriam. Retornamos à casa, deixando os sapatos na porta e nos sentamos na varanda, contemplando aquele espaço; algumas ideias surgiram, especialmente, a de voltarmos para pintar o altar da Igreja. Neyton relembrou algumas histórias de infância, dos banhos de caneca, das pessoas e da ‘casa da D. Gloria’; lembranças do café e das conversas em torno do fogão à lenha. Após todas as sensações de uma tarde que esfriava com o cair da noite, ficamos imaginando o pôr do sol e o céu estrelado.

Ao entrarmos na casa, os preparativos para o jantar estavam por conta das anfitriãs e as conversas na mesa de jantar abordavam o tema da pesca – sobre melhores lugares para pescar e pessoas de outras comunidades que ainda pescam. Naquele momento, nos revezamos para o banho; as placas solares, que são a base da energia da comunidade, alguns conseguiram com a doação do Governo do Paraná, outros tiveram que comprar.

Nos reunimos em torno da mesa, posta com pratos, talheres, copos, portaguardanapos. A oração foi feita por Neyton, em agradecimento àquela reunião e ao alimento à mesa. As travessas de macarrão, a farofa e o frango frito compunham a refeição e as conversas, não houve tempo para preparo do peixe, mas tudo estava devidamente como tinha que ser.

Após o jantar, os vizinhos e parentes se recolheram para suas casas e nós permanecemos ali, sentados, a louça do jantar já havia sido recolhida, o vinho nas taças, e as histórias de vida tomaram o lugar dos objetos, vieram à tona as memórias das festas e dos namoros. Segundo as narrativas, as meninas de Ararapira eram as mais belas da região, e os moços da comunidade do Marujá vinham aos bailes e às festas para as cortejar. Havia um clube de bailes em Ararapira, que hoje é apenas ruína.

As mulheres, ao se casarem, passavam a viver na comunidade dos maridos, a anfitriã, inclusive, foi viver no Marujá, onde gerenciava uma pousada. Nas conversas, ela apontava algumas histórias muito pessoais, contando sua vida no Marujá, sua mudança para Paranaguá, a vida dos seus filhos depois sua mudança para Cananéia e sua aproximação com Neyton e Gustavo. Esta aproximação se deu por ocasião da

retomada do Bloco Zé Pereira (Bloco de Carnaval), da qual participou junto a Neyton, que desenhou os figurinos que ela costurou.

Toda a reestruturação, os detalhes das fantasias, das músicas e da organização, Neyton tinha as ideias e o grupo executava. A máquina de costura e o tecer foram parte de toda a retomada de vida dela, as costuras a ajudaram a criar os filhos, segundo ela, vários dias e semanas sentando na máquina pela manhã até a tarde. Hoje, ainda costura e a máquina está no centro do balcão, na divisão da mesa de jantar com a sala de estar (Figura 71).

Figura 71 - Máquina de Costura



Fonte: A autora

Depois de toda esta conversa de horas, regada por memórias, histórias de vida, arte e fazer artístico, risadas e amizade, nos dirigimos para os quartos, pois no dia seguinte iríamos, com chuva mesmo, conhecer uma trilha que contava a história dessa comunidade. Na manhã do dia seguinte, saímos e fomos no lugar onde era a casa da D. Glória, próxima à trilha em que passamos em nossa chegada. Conseguimos ver o piso batido de cimento e uma estrutura em tijolo com algumas plantas. Olhamos curiosos o espaço e Neyton comentou: “Isto é o que sobrou do fogão

à lenha da cozinha de D. Glória, lembro que sentávamos aqui e tomávamos café” (Caderno de Campo).

Quando a anfitriã nos chamou, começamos nossa caminhada nas trilhas do lugar; colocamos capas de chuva, e os meninos, o guarda-chuva. A caminhada começou na antiga casa de seus pais, feita de alvenaria, com telhados e varandas, e parecia grande, comparada com as outras. Ela lembrou de algumas coisas da infância e seguimos rumo à mata e, no caminho, ainda passamos pela casa do Tio do Neyton, senhor Zózimo, que nos apresentou sua residência e todos os cômodos, em especial, aquele com apetrechos de pesca. A plantação no quintal, desde temperos às frutas, também foi tema comentado.

Seguindo o caminho, a anfitriã descreveu toda a roçada que tiveram que fazer para abrir a trilha para se chegar às fontes de água para as quais estávamos nos dirigindo. Esta trilha beira um rio que estava com o fundo escuro, marrom e amarelo, fruto da decomposição de folhas e galhos da mata. O outro lado do rio era o lugar em que a comunidade fazia suas roças – plantações de arroz eram cultivadas e se passava por uma ponte da qual, hoje, só há um pedaço de madeira imerso na água.

Na trilha, observávamos os abacaxis nativos, chamados de Ananás, bem como as bromélias que contornavam a trilha; havia casas de moradores dispersas na trilha e os musgos, que são utilizados nas decorações, inclusive, da Igreja.

A chuva contínua não atrapalhou a caminhada, e a chegada às fontes foi o momento de conversas: na comunidade, se dividia as entradas do rio, uma para os homens e outra para as mulheres. A anfitriã comentou, em especial, da fonte das mulheres: elas carregavam os cestos de roupa e de louça para serem lavados neste lugar, a areia ajudava no arear das panelas. Era neste lugar que as mulheres conversavam e dividiam suas tarefas e assuntos cotidianos, um lugar que deveria ser prosaico, mas que remete ao imaginário acerca da vida dessas mulheres.

A descida para a fonte é de areia, mesmo com o tempo chuvoso, consegui chegar até as proximidades do rio, as gotículas de água das árvores e da chuva desestabilizavam o espelho d’água que se formava no reflexo (Figura 72).

Figura 72 - Espelho d'água



Fonte: A autora

Continuamos a trilha na mata que, em um contorno, nos leva ao cemitério do local; segundo os moradores, muitas pessoas ainda enterram seus mortos ali, especialmente, as pessoas da comunidade da Barra do Ararapira. Nem todos os túmulos têm as lápides, mas a anfitriã sabia quais eram os túmulos pertencentes aos seus familiares. As cruzes em madeira informavam os locais das lápides, mas nem todas estavam sinalizadas.

Saímos do outro lado da trilha onde, em outros tempos, havia um campo de futebol que, hoje, abriga a construção de uma casa, possivelmente de um morador da Barra do Ararapira, em virtude do rompimento da barra da Enseada da Baleia⁴⁷ (Figura 63). Este acontecimento fez com que a comunidade da Enseada da Baleia lutasse por

⁴⁷ “Um canal de 170 metros de largura e 3 metros de profundidade dividiu em duas a Ilha do Cardoso, no extremo sul do litoral de São Paulo. Pesquisadores estimam que em um mês, a nova barra, que conecta o Estuário de Ararapira ao Oceano Atlântico, atinja um quilômetro de extensão, alterando o ecossistema costeiro e isolando por via terrestre 50 moradores. O processo natural de erosão (movimento de sedimentos pela corrente da água) ocorre há 60 anos no entorno da Enseada da Baleia, que começou a ser extinta em definitivo na segunda-feira (27)”. (G1, 29/09/2018). Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2018/08/29/avanco-do-mar-divide-ilha-enseada-e-engole-1-km-do-estado-de-sp-video.ghtml>>.

cerca de dois anos para se estabelecer em outro local no território do Parque Estadual da Ilha do Cardoso.

Retornamos para a casa da anfitriã, que organizou o almoço, enquanto fomos novamente à Igreja verificar as necessidades de restauro, inclusive, anotando em um caderno e tirando fotos de pontos que nos chamavam a atenção. Destaca-se o ângulo da torre da Igreja, muito semelhante ao ângulo que Neyton pintou da Igreja da Matriz de Cananéia (Figura 73).

Figura 73 - Detalhes da Igreja São José



Fonte: A autora

Após a visita e as anotações de tudo o que precisávamos para ajudar com os enfeites da Igreja, demos uma volta no gramado próximo à casa e à Igreja e fomos à construção onde era a escola do lugar, à antiga cadeia e à beirada do barranco para verificar o tipo de vegetação que foi colocada ali a fim de tentar conter o barranco e o fluir das águas. Segundo Neyton, o tio dele e os demais moradores plantaram a vegetação para fazer contenção e proibiram os barcos de pararem neste ponto, onde os turistas desciam para visitarem a Vila.

Há um impacto das águas sobre essa região, o que causa a migração das comunidades para outras áreas, contudo, as memórias e as lembranças fazem com que, mesmo em meio aos deslocamentos, as práticas de outros tempos sejam adaptadas para o presente. Aproximadamente cinco famílias que moram em Ararapira

retornaram para reestabelecer os seus vínculos com o local, se apropriar das suas terras e, principalmente, da sua história. Após longos anos de trabalho em outras localidades, eles optaram por viver e fazer parte deste espaço – os homens com a pesca e seus trabalhos, as mulheres com os afazeres de casa e a administração dos recursos. Elas não vão mais à fonte para lavar suas roupas, mas carregam na lembrança o passado de suas avós, mães e tias.

Os descendentes ainda retornam para o lugar de origem, dispersos não somente por um Decreto Governamental, mas também pela saída por casamentos, pelos estudos e em busca de outras formas de vida. Os atuais moradores têm uma Associação, mas, segundo eles, a verba vem para colaborar com a manutenção do camping e dos banheiros; eles vivem basicamente com seus recursos financeiros.

6. CONCLUSÃO

O tema deste estudo abordou as experiências das artes e das paisagens no município de Cananéia, com desdobramentos por meio das imagens e das narrativas do resgate histórico, assim como das memórias das pessoas. A apreciação das paisagens tanto no Centro Histórico, quanto nas Comunidades da Nova Enseada, do Ariri e do Ararapira articularam como as artes fazem parte do contexto das comunidades, com exceção do Ararapira, que as narrativas se deram mediante as memórias de indivíduos e história do lugar.

A partir das caminhadas, participação de eventos e locais específicos, as artes foram identificadas nas praças, ruas e locais inerentes para os eventos, formando o quadro de artes ligado, especialmente, as produções populares e enfática relação com a identidade caiçara, seja pela música do fandango, seja pelos simbolismos nas festas com a reconstrução da casa caiçara.

Das artes nos espaços geográficos, houve muitas manifestações artísticas ligadas a cultura popular, o fandango estava presente nos eventos e na Rua do Artesão, o que demonstra uma arte configurada para a população e para o turismo. Contudo, as outras artes como as dos indígenas poderiam ter um espaço mais amplo e significativo, pois há uma aldeia no município e se analisarmos a história e os relatos, eles se apresentam com questões importantes em Cananéia, visto que, sua cultura faz parte da cultura caiçara.

Da experiência sensorial deste centro histórico, pôde-se correlacionar a arte com a história e a composição da paisagem, do seu retrato, a sua interação com o presente e a continuação com o passado, das mudanças cotidianas de sons e imagens, das relações entre as pessoas e que o momento e o tempo destas artes puderam significar.

Esta observação e participação das artes foram essenciais para se chegar ao entendimento de como estas se apresentaram em Cananéia, contudo, foi a participação no ateliê que proporcionou os maiores fatos da pesquisa etnográfica, desde a experiência pela estética do cotidiano, ao modo como o mundo dos artistas acontece e se tece em Cananéia.

Além desta arte, a experiência estética vivenciada no ateliê abriu o campo de pesquisa para a participação junto ao grupo de artistas, que pintam Cananéia, em especial, trazendo à luz o Centro Histórico e a Igreja São João Batista. Entre os artistas, o escultor de imagens sacras, a partir de estudos de imagens e conversas com os moradores locais, estes artistas promovem a integração das artes e buscam trazer a público o debate sobre a história de Cananéia e a sua dimensão histórica e cultural, com foco no reconhecimento social e político.

Entre a arte plástica de Neyton com as pinturas dos casarios, da Igreja São João Batista em telas ou pedaços de madeiras; das esculturas de Gustavo calculadas em folhas sulfites nas pastas, com uso de gesso ou argila; das histórias estudadas por eles no livro de Cananéia de Antônio Paulino de Almeida e esta interação à paisagem do centro histórico, fortalecem a proposta de resgate histórico.

Este resgate que para os artistas é: “a forma das pessoas entenderem sua história”.

A presença de Cida que abriga em sua casa os documentos, os livros e a sua atuação frente e ao lado do povo de Cananéia a partir das ações da Igreja há 30 anos, juntamente com o Padre João XXX, configuram-se as ações para o caminho da luta pelo território, pela permanência da cultura local e os desdobramentos quanto as questões ambientais, bem como a identidade do povo.

As imagens da antiga e da presente Cananéia, das ruas que resplandecem com o sol, pois eram constituídas de areia e conchas, das paisagens antigas da Avenida Beira Mar e da procissão no Mar Pequeno, M.A.R. trouxe a luz e compõem os fragmentos históricos nas pinturas, ocasião para que as pessoas possam também falar sobre suas vivências e impressões.

Para tanto, este engajamento social é fomentado e articulado junto com pessoas que compartilham de valores social, político e identitário da comunidade, cada um diante de sua experiência de vida.

Ainda neste ambiente, eram promovidas as aulas de pinturas, nas quais as pessoas pintavam imagens da Cananéia atual e de outrora, outros buscavam a pintura da natureza e da natureza morta. Nos momentos dos intervalos, com cafés e bolos, as pessoas compartilhavam experiências pessoais, contando suas histórias de vida,

bem como, comentando e narrando sobre as imagens pintadas, seja com dicas, seja pelo sentido da beleza e mesmo com as lembranças que as imagens proporcionavam. Além da experiência sensória com as cores, movimentos e interações com os objetos, a partir da estética cotidiana.

Dentro deste ambiente, o compartilhamento do sensível se dava pelo ambiente, pelo fortalecimento da cultura e pela convivência no/do cotidiano, por meio das imagens, conversas e movimento.

As imagens trouxeram aspectos ligados as memórias de infância de algumas pessoas, outras das memórias pessoais que intercalam-se com o social, essas pessoas que cultuam e viveram os tempos de outrora de Cananéia, mas que ainda repercute nos atuais, os patrimônios históricos do Centro, o Museu Vivo do Fandango, instituído pelo Iphan, trazem à população o constante resgate histórico de Cananéia, mas uma Cananéia da história oficial, da descoberta pelos portugueses, do caiçara que viveu e alguns ainda vivem da pesca e das relações com a natureza.

Esta memória social, juntamente com a estética social, apresentou-se no processo de socialização deste grupo, que além da questão religiosa, também se propõe a desenvolver atividades em conjunto, não necessariamente com todos os participantes reunidos, mas como sujeitos importantes para trazer essas memórias e os artistas para reproduzirem.

Tais observações e participações somente poderiam ser experienciadas a partir da etnografia e da experiência estética no cotidiano deste ambiente e das pessoas que compõem este grupo.

Ao estabelecer vínculos de amizade e parceria, as experiências de viagem, especialmente, ao Ararapira articularam as relações entre a pesquisadora e a comunidade, bem como, a apreciação da natureza na perspectiva do sensível, desta inteireza das sensações no ambiente natural e no convívio com os anfitriões.

A partir das artes de fazer e do sensível, no compartilhamento do mundo vivido, percebeu-se que as artes conjugam com o ambiente da Ilha de Cananéia, tanto na perspectiva da identidade caiçara, quanto no tocante da vida dos moradores, que tecem memórias, atividades cotidianas, atividades econômicas, além de integrar e fomentar questões religiosas e valores coletivos, da identidade e da vida em

Cananéia, estabelecendo vínculos e sentimento de pertencimento e reconhecimento do território que vivem.

Essas questões apresentam-se no mundo vivido, tanto no âmbito do visível, quanto do invisível, pois algumas delas perpassam para além das falas, se encontrando e demonstrando nos gestos, comportamentos e ideias a cultura e a intenção de sempre fortalecer os laços com a história, apresentada no cotidiano.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. P. **Memória Histórica de Cananéia (XI)**. 1967. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.1967.126405>. Acesso em 12 de março de 2018.
- ANDRIOLO, A. **A Pintura em Paraty: Historicidade das Categorias da Experiência Estética**. In: RIBEIRO, S.M.P, ARAÚJO, A.F. (Org). *Paisagem, Imaginário e Narratividade: Olhares transdisciplinares e novas interrogações da Psicologia Social*. São Paulo: Zandoni, cap. 10, 2016.
- ANDRIOLO, A.; "**Comunidades de Artistas - Um fenômeno de investigação em psicologia social**", p. 15 -32. In: *Atualidades na Investigação em Psicologia e Psicanálise*. São Paulo: Blucher, 2017. ISBN: 9788580393101, DOI 10.5151/9788580393101-01. Disponível em: <https://openaccess.blucher.com.br/article-details/01-21030>. Acesso em maio de 2020.
- ANDRIOLO, Arley. *Metamorfoses do olhar na viagem de Goethe à Itália*. ArtCultura, Uberlândia, v. 13, n. 23, p. 113-127, 2011. Disponível em: http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF23/arley_andriolo.pdf. Acesso em outubro de 2012.
- ANDRIOLO, A. **O campo da estética social: ambiente e alteridade** / The field of social aesthetics: environment and otherness. *Revista de Psicologia*, v. 12, n. 2, p. 105 - 118, 1 jul. 2021. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/61391>. Acesso em julho de 2021.
- ARAÚJO, R. A.; MAHFOUD, M. **Memória Coletiva e Imagem Fotográfica: Elaboração da Experiência em uma Tradicional Comunidade Rural**. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, [S. l.], v. 2, p. 68–102, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6826>. Acesso em julho de 2018.
- BARTHES, R. **A Câmera Clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BERLEANT, A. **The Aesthetics of Environment**. Philadelphia: Temple University Press, 1984.
- BERLEANT, A. **Aesthetics and Environment: Variations on a Theme**. 10.4324/9781351163361. DOI: [10.4324 / 9781351163361](https://doi.org/10.4324/9781351163361). ISBN: 9781351163361, 2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/315675373_Aesthetics_and_Environment_Variations_on_a_Theme. Acesso em maio de 2019.

BERLEANT, A. **Re-thinking Aesthetic**. Londres: Routledge, pp. 25-33, 2016.

BERLEANT, A. **Sensibility and Sense: The Aesthetic Transformation of the humanworld**. Charlottesville/USA: Academic Philosophy Documentation Center, 2010.

BERLEANT, A. **O caso da Estética Social**. In Anais dos Seminários de Estética Social: 2016-2017-2018. São Paulo, SP: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2018, pp. 16-23. ISBN: 978-85-86736-89-6. Disponível em: http://newpsi.bvssi.org.br/eventos/Anais_seminario_estetica_social2016_2018. Acesso em março 2019.

BERLEANT, A. **The art in knowing a landscape**. Diogenes: DOI:10.1177/0392192112469320 pp. 52-62, 2013. Disponível em: <http://dio.sagepub.com/content/59/1-2/52>. Acessado em abril de 2017.

BOSI, E. **A Pesquisa em Memória Social**. São Paulo: Psicologia USP, 277-284. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-51771993000100012>. Acessado em 04 de abril de 2021.

CANCLINI, N. **As Culturas Populares no Capitalismo**. 3 ed. São Paulo: Edusp, 1983.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 1997.

CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano**. 15ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

CERTEAU, M. GIARD, L. MAYOL, P. **A invenção do Cotidiano 2 – Morar, cozinhar**. 12ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CLIFFORD, J. **A experiência etnográfica**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2014.

COLLIER Jr, J. **Antropologia Visual: a fotografia como método de pesquisa**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1973 – p 25-66.

COMITE DE BACIA HIDROGRÁFICA DO RIBEIRA DE IGUAPE E LITORAL SUL.
Relatório da Bacia Hidrográfica do Ribeira de Iguape e Litoral Sul- Ano Base 2012. Registro, 2013.

DUBOIS, P. **O Acto Fotográfico**. São Paulo: Comunicação e Linguagens. 1986.

LANGDRIDGE, D. **Phenomenology and Critical Social Psychology**: Directions and Debates in Theory and Research. *Social and Personality Psychology Compass*. 2. 10.1111/j.1751-9004.2008.00114.x. (2008). Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/47725044_Phenomenology_and_Critical_Social_Psychology_Directions_and_Debates_in_Theory_and_Research Acesso em janeiro de 2021.

MANDOKI, K. **The Sense of Earthiness: Everyday Aesthetics**. *Diogenes*. 59. 138-147, 2013. 10.1177/0392192113491922. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/270641174_The_Sense_of_Earthiness_Everyday_Aesthetics Acesso em maio de 2020.

MASSOLA, G. M.; SILVA, L. G. G.; MARTINS, A. B. M.; VIDOTO, D.; SANTOS, A. O.; SVARTMAN, B. P. **Pré-Iniciação Científica e o ensino de Psicologia para adolescentes por meio do projeto Identidade, território e participação**. *Integración Académica em Psicología*, v. 01, p. 51-69, 2013.

MERLEAU-PONTY, M. **A dúvida de Cezanné**. *Textos Escolhidos*. Seleção, tradução e notas Marilena Chauí. São Paulo: Abril Cultural, 1980, pp. 113-126.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. 2ª ed. São Paulo: MartinsFontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

MOREIRA, D. A. **O Método Fenomenológico na Pesquisa**. São Paulo: PioneiraThompson, 2002.

NOVAES, L. N.S. **Turismo Sol e Praia: Empreendimentos Turísticos e Imobiliários e o desenvolvimento urbano e socioeconômico no Litoral do Ceará** – o caso do Beberibe. São Paulo: Tese de Doutorado (Planejamento Urbano e Regional – FAUUSP), São Paulo, 2012.

REIGOTA, M. **Representação Social e Meio Ambiente**. 8ª Ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SAMAIN, Etienne. **“Ver” e “Dizer” na Tradição Etnográfica**: BRONISLAW MALINOWSKI E A FOTOGRAFIA. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 23-60, jul./set. 1995

SANCHES, J, J; VASCONCELOS, M. S. **Pensando a fotografia na pesquisa qualitativa em psicologia**. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, vol. 9, núm. 3, setembro-diciembre, 2009, pp. 760-774, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/9082/6959>. Acesso em maio 2020.

SATO, L. **Olhar, ser olhado e olhar-se: notas sobre o uso da fotografia na pesquisa em psicologia social do trabalho.** Cad. psicol. soc. trab., São Paulo, v. 12, n. 2, p. 217-225, dez. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172009000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em janeiro de 2021

SATO, L. SOUZA, M. P. R. **Contribuindo para desvelar a complexidade do cotidiano da pesquisa etnográfica em psicologia.** Psicologia USP, 2001, Vol. 12, No.2, 29-47. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642001000200003>. Acesso em janeiro de 2021

SVARTMAN, B. P. ; SANTOS, A. O. ; MARTINS, A. B. M; CASCO, R. ; GALEAO, L.G. G.; MASSOLA, G. M. **Recherche Psychosociale dans des communautés traditionnelles: analyse de l'expérience du programme de pre-initiation scientifique de l'université de São Paulo.** *Bulletin de Psychologie*, v. 68, p. 115-124, 2015.

VIDOTO, D. G. AMENDOLA, E.C. **O Projeto de Turismo de Base Comunitária como pesquisa e conhecimento no Vale do Ribeira.** Anais do 2º Semetec – Centro Paula Souza. ISBN 978-55-99697- 53 – 5. P. 333 – 338, 2015.

SÚMULA DOS PARTICIPANTES

André e Erika, amigos que acompanharam as caminhadas principais e, em meio às conversas e sugestões, me conduziam a outros olhares e abriam espaço para o estabelecimento de diálogos com moradores da localidade;

Neyton Pontes, sócio proprietário do Ateliê Empório Dell'Arte, artista plástico, formado em Artes Plásticas. Aos 19 anos, iniciou suas atividades por intermédio da Primeira-Dama de Cananéia, quando foi convidado para dar aulas de pintura em tela no Fundo Social Municipal. Dedicou-se a promover, através das artes, a história de Cananéia.

Gustavo Bernardo também é proprietário do ateliê e um estudioso das práticas de esculturas; entre livros de artes clássicas e práticas antigas, percorre o mundo das esculturas e pinturas. Com o saber vinculado ao tato e orientações de Neyton, Gustavo traz em suas pastas os cálculos de todos os processos da confecção das esculturas. Trabalhando com gesso e revezando com argila, construiu um forno no sítio no Bairro Rio Branco para a queima das imagens.

M.A.R é uma mulher que desempenhou um papel importante na história recente de Cananéia, por meio da Igreja, onde foi secretária durante 30 anos de trabalho. Segundo ela, o Padre João XXX, como era conhecido na época, adentrava o cotidiano das pessoas e as fazia refletir sobre sua história e sua posição no território: “Naquela época, a Igreja fazia o intermédio entre a comunidade caiçara e a Justiça para a posse da terra”. M.A.R mantém, em sua casa, todos os documentos da época e um verdadeiro acervo sobre a história da cidade. Ela conhece todas as trilhas e caminhos, paisagens e lugares da região, e tem uma apreciação particular pela natureza o que, segundo ela, a faz ser uma verdadeira caiçara.

